OBRAS COMPLETAS

TEIXEIRA de PASCOAES

belo

ā minha alma

sempre

terra proibida

Livraria Bertrand

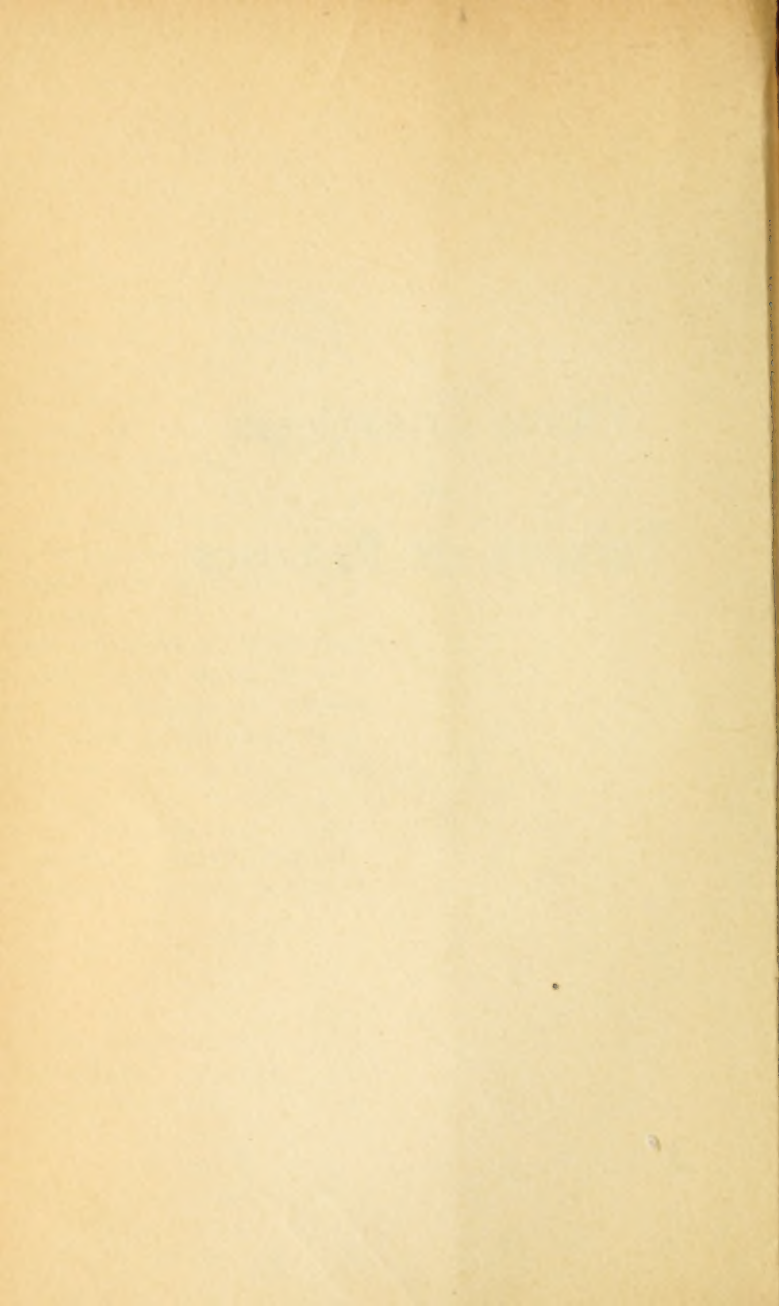
A **Livraria Bertrand** orgulha-se em apresentar a obra do grande poeta, filósofo e mestre do «saudosismo» Teixeira de Pascoaes, numa edição parcialmente crítica, concebida e realizada pelo eminente Prof. Jacinto do Prado Coelho, com inexcedível competência e erudição.

A vastidão da obra e dos temas, a amplidão e, às vezes, a dificuldade do pensamento dum dos maiores poetas da nossa língua, requeriam um estudo aprofundado, um dom de análise e penetração bem como uma intuição psicológica que permitissem apreender, na sua mais íntima realidade, tanto as linhas mestras da personalidade do autor de **Regresso ao Paraíso** como as flutuações duma sensibilidade vibrátil e riquíssima.

Tudo isso conseguiu, de um modo admirável, o Prof. Jacinto do Prado Coelho, que analisou, num **Prefácio** notável e com a humildade da autêntica compreensão, o extraordinário poeta que, possuído do Verbo, soube exprimir como ninguém o esplendor da Natureza, a nostalgia fundamental do Homem e a atracção do Infinito.

OS EDITORES

«Lírico, Teixeira de Pascoaes canta «ingènuamente» impressões, estados de alma, coisas imaginárias: os «lugares santos» da infância, a montanha, a fonte... a névoa que sobe do rio... o amor que se estende à Natureza inteira. Dissolve o mundo em alma e melodia... Por temperamento ou voca-

Obras Completas
de
Teixeira de Pascoaes

Obras Completas
de
Teixeira de Pascoaes

POESIA

Introdução e aparato crítico
por
JACINTO DO PRADO COELHO

I VOLUME

LIVRARIA BERTRAND

INTRODUÇÃO

AS ORIGENS: A INFÂNCIA E A MONTANHA

Hei saudades de mim, doutro que fui — menino!

(*À Minha Alma*)

Criado em altos sítios de granito,
Na vizinhança agreste do Infinito

(«A Minha História»,
in *Terra Proibida*)

Se houve homem preso a vida inteira às recordações da infância e, o que é mais, ao *estado de graça* infantil, esse homem chama-se Teixeira de Pascoaes. A infância significa para ele a vida pura, a eterna promessa que sempre o acompanhou, em luta vitoriosa com a morte. «A infância é uma nuvem, como a velhice é uma pedra: nuvem que abrange tudo, pedra que tudo restringe à sua forma dura e recortada» (*Livro de Memórias,* p. 51). A poesia, para Teixeira de Pascoaes, é a infância recuperada, o Paraíso, o sonho reconquistados. Dele poderíamos dizer o que Albert Béguin escreveu a respeito do romântico Jean Paul: «Mais que por qualquer razão, Jean Paul amou o sonho porque o transportava às regiões da infância; o regresso à candura deslumbrada da primeira idade ficou sendo a sua resposta preferida às ansiedades do homem amadurecido. O minuto em que nascera para a consciência fora para ele a entrada na esfera do dualismo, onde habita a ameaça da morte. Mas, enamorado de unidade e de

inocência, saudoso do tempo em que o mundo era infinito, cultivou todos os meios que permitissem restituir-lhe horizontes sem limites, banhados por uma luz pura» (*L'Âme Romantique et le Rêve*, ed. 1956, p. 191). Já no final da existência, nos *Versos Pobres* (1949), ao descrever-se como «alma penada entregue às tempestades», Pascoaes acrescenta: «sobre ela, esvoaça / Vaga canção, toda fluidez, distância, / Etérea graça, / A minha infância...» (poema XXXV). Não apenas um passado que se recorda, mas um presente que ressurge, dilatado, intangível, como algo fora do tempo; o que nunca morre, o contrário da morte.

«Nasci ao pôr-do-Sol dum dia de Novembro. / / O meu berço o crepúsculo embalou...» («A Minha História», in *Terra Proibida*). Foi em Amarante, a 2 de Novembro de 1877, dia de Finados, «quando os sinos soluçam badaladas». Circunstância que serviria a Pascoaes para determinar lìricamente a causa remota da sua melancolia.

A infância decorreu-lhe no solar de Pascoaes, em Gatão, a três quilómetros de Amarante, em plena serra verdejante, virada ao Marãozinho. De seu nome Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos, pertencia a família nobre e abastada. O pai, João Pereira Teixeira de Vasconcelos, foi deputado, par do Reino, presidente da Câmara Municipal de Amarante, governador civil de Viseu e do Porto. Faleceu em 1922. Casara em 1875 com D. Carlota Guedes Monteiro, que lhe dera sete filhos: António (1876-78), Joaquim, o futuro poeta, Miquelina Rosa, outro António (1880-1903), Maria da Glória, que também havia de cultivar a poesia, João, que seria caçador de elefantes e escritor, finalmente Álvaro. D. Carlota só havia de morrer em 1952, onze meses antes de Teixeira de Pascoaes; assim o poeta, que muito a amava, pôde sentir-se um eterno menino. «O homem — escreveu — nunca sai das entranhas

maternas, a não ser para o túmulo» (*São Paulo*, p. 39). «Quando a Mãe o precedeu, há alguns meses, ele gritou: *É um mundo que se acaba!*» — testemunha a sobrinha Maria José, filha de D. Miquelina, pouco depois da morte do poeta (in *Vértice*, n.º 115, Março de 1953).

A Casa, um dos cenários da sua infância mítica, ora reaparece, tal como foi, na mente do poeta, ora, pelo contraste entre o passado e o presente, porque o presente de velhice e abandono (durante os anos em que ficou desabitada, após a morte dos avós) apenas alude ao que findou, destila a tristeza de se viver no tempo, como presa da morte. De qualquer modo, pólo de atracção: estão lá os objectos familiares de outrora, vagueiam lá as sombras dos pais e dos avós. O poeta tem na Casa as suas raízes; descrevê-la é retomar posse do mais íntimo de si. Não se cansa de evocar, de invocar: a mesa velhinha com uma jarra que, em outro tempo, teve flores; o piano velhinho, «num silêncio de notas misteriosas»; as tábuas carunchosas do sobrado; antigos canapés e cadeiras de pau-preto («Onde julgo ainda ver, sentadas, conversando, / Criaturas que a Morte foi levando / E que hoje são, na terra, ossadas de esqueleto!»); um velho armário, uma chaleira de estanho, uma negra *preguiceira*, onde a avó fiava na roca, a um canto da lareira, uma candeia de azeite «em síncopes de luz»... Tudo tornado venerável, digno de religiosa contemplação. E não esquece as imagens da capela («antigas esculturas / De Santos a quem já rezaram meus avós») («Velhinhas Cousas», in *Terra Proibida*). Arrancando ao limbo esse mundo — o mundo já irreal da sua infância, do seu Génesis —, Pascoaes integra-se no todo a que pertence. Voltando à Casa, obedece a uma lei inelutável. Ali envelhece, renasce e canta: «Nesta casa de místico abandono, / Vivo como se fosse o próprio Outono» (*Cantos Indecisos*, XII). E, após a morte, a exem-

plo dos pais e dos avós, ali errará em espectro: «Ó velha casa, depois da minha morte vaguearei nos teus corredores, nas tuas salas, quando a sombra e o silêncio invadem tudo... / Debruçar-me-ei, nas tuas janelas, abertas sem ruído, vendo o luar encoberto das horas mortas. Vaguearei no teu jardim; e, entre as sombras das árvores, serei uma sombra a mais...» (*Verbo Escuro*, p. 79).

O cenário da infância alarga-se: em torno da Casa o jardim, a quinta, o campo, a serra, tudo solidário na memória do poeta. Uma das fontes, a do Anjo e do Fauno, junto à escadaria de entrada, havia de sugerir a Pascoaes a aliança do Cristianismo e do Paganismo, *Jesus e Pã*. Outra, a dos Golfinhos, no jardim, dar-lhe-ia ao secar um dos seus grandes desgostos, inspirando-lhe versos magoados. «E vejo a antiga fonte: os dois *golfinhos* / E o nicho donde outrora / Um santo contemplava os passarinhos / / Voando, à flor da aurora» [...] «Vejo a nossa ramada, ao longo do quintal: / Claustro de folhas mortas, a cair...» («Quinta da Paz», in *Sempre*).

A avó, o avô são figuras tutelares da idade maravilhosa que se esfuma na distância dos anos: «E vejo minha Avó atarefada / desde o corar do dia; e vejo-a, à noite, / ante uma cruz de Cristo ajoelhada» [...] «E vejo meu Avô que era a candura / de minha Avó mudada em fortaleza. / Homem simples e forte que nasceu / na mais simples e forte natureza / de serra austera e grave...» («A Sombra do Passado», in *As Sombras*). Já de cabelos brancos, o poeta sente a estranha volúpia de vaguear com as sombras dos avós pelos corredores da Casa, tornado, ele próprio, quase irreal também. De velhos retratos a óleo, na penumbra das paredes, desprende-se um sorriso, uma atitude de alma; o poeta, por sua vez, olha-os e sorri, pois também ele não passa de aparência, mau retrato de si mesmo, onde cintila, às vezes, uma luzinha de mistério — uma *aparição*.

Desde menino conviveu com a gente humilde do campo, recebendo uma dupla lição: a do valor da humildade e a do portuguesismo que está na origem da *Arte de ser português*. Os criados contavam-lhe histórias de bruxedos, casos terríveis de ladrões — e o medo, que seria um dos temas da sua poesia, instalou-se-lhe na alma. Se Garrett teve uma Brígida para lhe abrir as portas da imaginação popular, a Pascoaes não faltou uma Lucrécia — a criada que muitas vezes lembra no *Livro de Memórias*, baixa e magra, de olhos negros e sumidos, duas repas sujas de cabelo que nunca lhe embranqueceram. Enquanto fiava na roca, à lareira, contava histórias de defuntos. Os reflexos das labaredas avermelhavam-lhe as maçãs do rosto; as cinzas empoavam-lhe o cabelo. Parecia um vulto dantesco, a própria alma dos montes ensombrados. «Ouço-lhe a voz nocturna, a esboçar fantásticas cenas e personagens, no fumo torvo da lareira. A sua voz cristalizava em espectros vivos que me ficaram na memória [...] A tua voz, Lucrécia! Ouço-a, como vejo o teu corpo de ninguém, pouco mais que a tua blusa e as tuas saias do mesmo pano escuro, roubado às trevas» (obra cit., p. 38). Outros criados — a Eusébia, a Rosa, o António — perpassam em «Quinta da Paz»: «Ouço contos de bruxedos; / De *alminhas* a sofrer na solidão: / / O imaginar do Povo, a luz do Medo, / Que, em mim, se fez nocturna inspiração... / E vejo o antigo criado, o *padre António* / Que falava das *bruxas*, do *demónio*, / Dos franceses (terríveis pesadelos!) / E connosco brincava» (*Sempre*, p. 51).

As invasões francesas, a resistência heróica na ponte de Amarante, ainda estavam vivas na memória do povo. Assim, o interesse de Pascoaes pela figura de Napoleão data dos tempos da meninice. «Loison, o *maneta*, percorre Entre-Douro-e-Minho e incendeia Amarante (13 de Maio de 1809), que lhe resistiu, mas foi queimada. Das suas casas ficaram as

paredes denegridas» (*Napoleão*, p. 219). «Eram aquelas barretinas enormes das gravuras, que eu avistava, no horizonte da Abobreira, em criança, mal as criadas gritavam: *Meninos, não façam barulho, que vêm aí os Franceses!*» (*ibidem*, p. 247). Numa carta íntima, inédita, a L. D., de 25 de Junho de 1909, Pascoaes regista tradições familiares ligadas às invasões francesas: «Quando foi da guerra dos Franceses, meu Bisavô paterno era comandante dos Dragões de Chaves, e viu do alto da serra do Marão a sua casa arder! Tinha sido incendiada pelos Franceses, assim como quase toda a Vila. De nossa casa só escapou das chamas a capela; e os Santos que nela ainda existem ainda estão cobertos de golpes de espadas e baionetas, feitos pelos soldados de Napoleão. Esta nossa casa, que os Franceses incendiaram, fica a três quilómetros da vila de Amarante...» Quer dizer: a figura de Napoleão pairava no próprio solar de Pascoaes, pelos estigmas deixados pelas invasões.

Muitas vezes, em verso e prosa, o escritor evoca os perfis de pessoas da terra — seres grotescos e trágicos, obscuros e todavia espantosos, míticos, que hão-de povoar a novela *O Empecido*. Vemo-los desfilar em «Quinta da Paz», como no *Bailado*, como no *Livro de Memórias*: a *Couta*, mendiga centenária, «curvada sob os anos e a sacola»; a *Baroa*, que fora «rica e feliz, de boa educação», e caíra na pobreza, e andava de porta em porta, com o breviário e um guarda-chuva nas «mãos defuntas de viúva», e sabia deitar cartas e ler a sina; o *Cipriano*, doido e cego, que vadiava só pelos caminhos, falando alto, de «cabelo desgrenhado e solto ao vento» («Que medo me fazia!»); a *Doida*, que julgava descobrir em todas as crianças os filhos que perdera; o *Davim*, «alto e magro, taciturno, / Ampla fronte imaginosa», que, noite fora, cantava por ermos caminhos («Já sob la meia-noite / Meia hora tinha dado...»);

o *Nozes*, com o chinó na cabeça e um remorso entranhado na alma, gritando pelos montes, «à chuva e ao frio»: *Matei! Que importa? Ninguém viu!*; a *Isabel do Pedreiro*, «a deitar sangue pela boca, rodeada de criancinhas enfezadas e amarelas, feitas de cera suja»; o abade de Gatão, José Guilherme, que dava tudo aos pobres e se alimentava de café («por desleixo filosófico, metia na terceira casa o primeiro botão da sobrecasaca, mais velha do que o tempo»), etc., etc. Seres que ficaram intactos, imóveis, no espírito do poeta, com aquela vida imaterial e por assim dizer imune às injúrias do tempo que é a vida da recordação — a vida autêntica, diria Pascoaes. Esse mundo da infância vale, para ele, o Universo inteiro.

Também refere os trabalhos do campo e as festas a que assistiu desde criança: as «*malhas* entoando», as «*roças* do mato», as *segas*, as *esfolhadas*, o «São Miguel das vindimas» («A Minha Aldeia», in *Sempre*, p. 21); e o Entrudo, e a Semana da Paixão, com a procissão na vila, à noite, «os pobres penitentes», de túnica branca, sob os andores; e, em Novembro, os *fiéis* que batem de porta em porta (p. 28); e o Natal, e os Reis, com a música das festadas, os cânticos das raparigas ao Deus-Menino: «E um canto repentino / Ouve-se, agora mesmo, à nossa porta: / — São chegados os três Reis / À lapinha de Belém...» (p. 29). Assim pôde conhecer na intimidade a gente rústica de Portugal, sabedoria, modo de sentir e costumes, onde se enlaçam uma alegria pagã e uma fé cristã — o claro-escuro da Saudade, tal como Pascoaes viria a defini-la. E viveu os seus dramas, condoeu-se da sua pobreza: «Ó pobres camponeses, / Durante os negros meses!» [...] «Ó faltas de trabalho! Inverno! Isolamento!» (p. 19). Mais tarde, em *A Era Lusíada*, havia de proclamar: «Sinto perfeitamente que, se alguma coisa há de português na minha obra poética, foi por

ter vivido os primeiros anos da minha infância no meio dos camponeses» (p. 45). De facto, embora de sentido universal, a sua concepção do Mundo mergulha as raízes na terra-mãe, na aldeia e seu contorno — a serra do Marão, o vale do Tâmega.

Eram muitas as visitas da Casa: entre elas «as primas de Pinheiro, os Falcões de Paredes, as meninas de Meios, a Viscondessa de Tardinhade, a D. Balbina de Belmonte, senhoras de aldeia, muito exóticas de vestuário e penteado» (*Livro de Memórias*, p. 57). «Dançavam danças de roda, na sala de visitas, enquanto meu tio Jacinto tocava, no piano, uma velha música sentimental e antiquada. Era um homem gordo, de bigodes negros e fartos, com uma flor ao peito, salpicada de rapé — uma flor que nasceu na Primavera de 1885 e não murchou ainda» (*ibidem*). Às vezes, Joaquim ia com o avô a caminho do Outeiro, a casa onde a mãe vivera antes de casar, e habitada agora por uma «remota D. Eusébia, com um pente de tartaruga na cabeça e um véu de seda negra» (p. 113); ou visitava a casa de Meios, a casa de Paredes ou a casa de Tardinhade: «Lá está a casa de Tardinhade, o terreiro, a velha olaia, à porta, e a cumeeira a recortar-se num fundo violeta, ondulado e empedernido. Em volta, pinheiros e penedos: túmulos e ciprestes. Dentro, o Visconde, trémulo e encanecido, um filho idiota, o espectro duma filha com sete anos, e a Viscondessa, entre o demónio da loucura e o anjo da saudade» (p. 71). Pegou-se-lhe para sempre o misto de «espanto» e de «terror» que lhe causou o espectáculo da Viscondessa, com um riso de loucura, e do filho idiota, aos uivos. O encontro arrepiante com os abismos do inconsciente...

O ambiente da Casa e da aldeia cedo despertou nele, ou contribuiu para despertar, o instinto religioso. À noite, rezava o terço à lareira, com os avós. Mais tarde, já falecido o avô paterno, ia com a avó

à missa de domingo, ela com um véu de seda preta, ele de «enorme gravata multicolor num grande babeiro engomado» (p. 157). Na Quaresma, no monte mais alto das cercanias, «apregoavam as almas do Senhor»; e assim lançavam o sacro horror pelas humildes choupanas: «É assim pregais, ó fiéis, na soledade, / Toda abafada em erma escuridade: / / *Alerta! A morte é certa!*» A essa hora, em todos os lares se rezavam orações («Os Montes», in *Sempre*). Já o poeta-menino queria desvendar o mistério das coisas; fazia perguntas ao Visconde de Tardinhade «sobre a existência de Deus e a criação do Mundo» (*Livro de Memórias,* pp. 70-71). Acharia a resposta, anos depois, no grande livro que havia de alimentar a sua imaginação: «Comecei a ler a Bíblia, nessa época, um livro encadernado de velho, com dedadas de esqueleto nas folhas roídas do caruncho. Lia-o, em voz alta, medroso e encantado, porque, em volta de mim, surgiam fantasmas para ouvir... Adão e Eva, Caim e Abel, Moisés com dois chifres na cabeça, a moreninha dos Cânticos, David, Salomão, Judite, Rebeca, Jacó e o seu sonho enchendo de asas brancas o Infinito, e a rainha de Sabá, remota princesa da noite, constelada de pedrarias... E a imagem de Cristo a aparecer nos horizontes de Roma, como o anjo do extermínio? E as epístolas de Paulo? E João, na ilha de Patmos?» (p. 109). Para o futuro poeta-pensador, embora cristão heterodoxo, a Bíblia havia de constituir uma fonte constante de sugestões — ideias, imagens, dogmas que o poeta transformará em mitos. E já se adivinha como, no Pascoaes dos verdes anos, nasceu o interesse por São Paulo, de que seria, no outono da vida, o biógrafo-exegeta.

Logo de muito pequeno revelou Joaquim um feitio estranho, inclinado ao isolamento — «espírito — diria ele — acanhado e concentrado, amante da solidão que me criou.» Vagueava pelos montes, sòzinho, maravilhado por cada nova descoberta. Ele próprio o

havia de lembrar, nos versos de «A Minha História» (in *Terra Proibida*): «Fui criança que cisma e brinca pelos montes [...] E entre as outras crianças me encontrava, / Triste, silencioso; e tinha medo / / Das sombras do arvoredo...» Ou, na prosa do *Livro de Memórias:* «Vivia abstraído nas minhas mágoas e alegrias, e entretido nos meus brinquedos, como um pequenino Deus a fazer pequeninos mundos e a deitá-los a voar, por uma palheira molhada em água de sabão [...] Brincando, realizava, de algum modo, os meus devaneios infantis: lembranças inconscientes duma existência divina» (p. 49).

Divertia-se com um burrito que lhe sofria, paciente, as picardias: «E o meu jerico de criança? Lá está, com as ilhargas em sangue e a cabeça entre as pernas, estacando!» (*Livro de Memórias*, p. 36). «E o jumentinho dos meus tempos de criança! / / Vejo-te ainda, em corpo de lembrança, / Teimoso, orelhas longas a abanar... / Olhos que tinham dentro a dor, pasmada, a olhar...» (*Sempre,* p. 54). Aprendeu a amá-lo, com uma ternura que se estendeu, franciscanamente, a todas as criaturas, e de preferência às mais desprezadas, às mais humildes. O jumento seria um dos motivos da sua poesia, como da prosa poética de *Verbo Escuro* («Da Alegria e da Tristeza»): «Que melancolia o envolve e sobrepassa, de caídas orelhas longas, profundos olhos abismáticos... Ó pobre animal, trotando ao longo da Via Dolorosa...»

Algumas vezes foi com a família a Rio Bom, perto da Régua, onde vivia um tio, irmão do avô paterno — «o sr. padre Joaquim de *Rio Bô*». E dali foi à quinta da Corredoura, e viu, surpreso, pela primeira vez, «uma lápide de mármore, erigida sobre o túmulo dum cão. Percebi, nesse instante revelador, outras almas, no Mundo, além de nós» (*A Beira (num Relâmpago)*, p. 165). No mundo da sua poe-

sia, tudo teria alma: os animais, as plantas, as pedras.

Se no Chico Nozes assassino descobriu Caim, a maldade humana, ele próprio terá sentido o primeiro remorso quando, ainda criança, roubou dois melros: «Numa tarde da minha infância, roubei dum ninho dois melros, já vestidos de negras penas, tentando imprimir, no ar, o remoto voo herdado [...] Pouco depois do crime, senti, perto de mim, um bater de asas aflito. Era a mãe voando em socorro dos filhos [...] Ainda hoje sinto pairar em mim aquelas negras asas aflitas!» («Primeiro Remorso», in *Verbo Escuro*). Todavia da obra de Pascoaes estará quase ausente a noção cristã do pecado: o mal é a própria existência física, a condição de criatura, mas em todas as criaturas, até as mais criminosas, «murmura a alma inocente».

O desapego dum criado a cuja presença o pequeno Joaquim se habituara feriu de modo indelével a sua afectividade: «Vejo-te à lareira, António; mas vejo-te ainda melhor na hora em que te zangaste e despediste. Um sopro varreu a cinza do quadro; e a tua máscara desvenda-se violentamente, como talhada num tronco seco de carvalho. Lá vais, pelo terreiro adiante, com uma caixa de pinho às costas. Curvado, fincado num pau, resmungas, e não olhas para trás. Nem um adeus! As tuas costas e a caixa de pinho rompem as trevas do Passado e têm uma dureza de penedo e uma ilusão de névoa a dissipar-se. A tua indiferença por nós, naquele instante, foi a minha primeira desilusão. Feri-me, para sempre, nessa pedra» (*Livro de Memórias*, p. 35).

Mas o abalo psíquico mais fundo na infância de Pascoaes foi a ida para a escola, logo a perda daquela radiosa liberdade em que a sua vida deslizara até então. A expulsão do Paraíso, a obediência a uma disciplina imposta, a necessidade de se conformar com a *persona* social que os adultos lhe determinam.

A ida para a escola separa as duas grandes idades da existência do poeta; a partir desse momento, teria a pseudo-vida das convenções sociais e a vida autêntica do regresso à infância, por obra e graça da memória e da imaginação amanhecente. Ficaria repartido entre dois mundos, em luta consigo mesmo.

Primeiro, a escola primária; vai, manhã cedo, na companhia do avô, um velho alto, de suíças brancas e olhos azuis. «Lá está a casa de aula, bancos e mesas de pinho, enodoadas de tinta, mapas nas paredes, uma lousa enorme, com algarismos a giz, os cartões de João de Deus, e o seu retrato barbudo no primeiro livro de leitura» (p. 81). «Vejo a casa da escola, o padre mestre, com uma carapuça na cabeça e uns óculos na ponta do nariz [...] O que de mim conservo desse tempo são os dedos sujos de tinta e uma estranheza, um espanto de dor, uma espessura estúpida composta de todas as letras do alfabeto» (p. 82).

Depois, o liceu. «Lá ficaram, na aldeia, o Nilo [o cão de que tanto gostava] e o meu jumento: o jumento e as suas manhas de filósofo; o Nilo e o seu focinho de inspirado. Lá ficaram as manhãs de sol e os passarinhos. Lá ficou a velha lareira, com a voz de Lucrécia e o vento, em noites invernosas» (p. 83). Lá ficaram os avós, a dizer-lhe adeus, «cada vez mais vagos da neblina». Pascoaes ia estudar em Amarante, instalando-se numa casa antiga onde o avô paterno falecera e que desde então ficara desabitada. Nessa casa, uma gravura esquecida sobre uma cómoda dar-lhe-ia a revelação do mar — do mar e da lonjura indefinida: «a torre do Bugio, o Tejo, um barco à vela a sair a barra, encrespada de vento, que me deu não sei que ideia misteriosa da vastidão do mar [...] Sentia-me abstracto e longe. Não tirava os olhos da gravura amarelecida e poeirenta. Esta abstracção e este longe ficaram, em mim, para sempre» (p. 84). Debruça-se à janela, e admira-se de

ver transeuntes muito diferentes dos campónios de Gatão: calçados, mais bem vestidos, com outros modos e maneiras de falar; as botas deles rangem no empedrado — sensação inédita para o rapazinho vindo da aldeia.

«Atravesso o largo de S. Gonçalo e entro no antigo claustro apoiado em arcarias de granito. Ouve-se um barulho de rapazes e uma sineta: *dlim! dlim! dlim!*» (p. 85). «Neste meio académico e ruidoso, eu era um ser inverosímil. Não sabia as lições, nem traçar a capa, nem trilhar as ruas da vila. O estudante metera-se em mim, como um intruso» (p. 86). «A capa foge-me dos ombros, um cabelo hirsuto invade-me a testa ensombrada de atávicos medos ou espantos. Nos meus ouvidos soam estas palavras de desânimo: — É muito acanhado e não estuda...» (p. 87). «Às sete horas da manhã, no Inverno, já eu estava perante um livro aberto e um candeeiro de petróleo que espalhava, no meu quarto, uma luz mais triste que a duma vela de cera, à cabeceira dum defunto. Metia as mãos geladas nos bolsos e os pés num cobertor. Ou dormitava ou lia maquinalmente; e todo o meu ser se decompunha em aborrecimento: nuvens pardas e um vento vazio na cabeça» (pp. 87-88). Todas as páginas em que recorda os tempos do liceu são baças, ressumam constrangimento e tédio. Em anos mais adiantados, a literatura (Bernardim, Camões) havia de interessá-lo; um ano, porém, ficou reprovado em Português. Naqueles tempos, Pascoaes mal sabia aprender nos livros; lia, sim, intuitivamente, nas coisas da Natureza e na própria alma.

Às quintas e domingos, dias feriados, levantava-se de manhãzinha e ei-lo, feliz, a caminho da serra. «Que alvoroço de ressurreição! Que liberdade!» (p. 103). «Libertava-me do estudantinho acanhado e macambúzio. Fugia para os montes, de clavina ao ombro, com o Manuel Carlos e a sua raiuna dos

franceses e o Zé d'Oliveira e a sua barba *à passa-piolho*, e o seu coco inglês amarrotado, a tapar-lhe a calva de marfim» (p. 91). «A minha alegria nessas manhãs doiradas e geladas!» Mas também, algumas vezes, fugia de noite para a aldeia. «Por lá andava até ao luzir da estrela de alva, sobre uma fraga do Marão» (p. 88). Ou acontecia-lhe assistir a um baile na eira, que durava até ao romper do Sol. «Regresso à vila e entro em casa como um ladrão. Instantes depois, adormeço, com a cabeça pousada sobre uma estrofe dos *Lusíadas*» (p. 91).

Numas férias de Natal, uma ida a Travanca permite-lhe subir aos cumes da serra. Faz a viagem a pé, tendo por companheiros o Manuel Carlos e o Zé d'Oliveira. Travanca fica assente num pequeno patamar, onde finda a terra cultivada e começa o escalvado da Abobreira. Percorrem uma rua «cheia de lama e pedras soltas, entre casebres miseráveis: tectos de colmo e paredes de cascalho ou formadas dum só penedo ali nascido»; e chegam a uma velha casa, escura e baixa, do avô materno de Joaquim, «ao lado duma eira, donde se avista quase todo o norte de Portugal» (p. 95). É a casa da Levada, cuja sala de jantar tem duas janelinhas que deitam para «a imagem tempestuosa do Marão». Joaquim passa alguns dias nessa casa «construída entre cerros denegridos, rochedos, nuvens de água e de neve, em plena desolação e solidão» (*ibidem*). Levanta-se mal desponta a manhã, e abala sòzinho, sobe, não se cansa de subir, contempla extático os horizontes indefinidos, montes e vales feitos de névoa pela distância, «o céu e o mundo dissolvidos na mesma neblina, onde a quimera e a realidade se casam e é já impossível distingui-las» (p. 98). A visão torna-se visionária, julga ouvir vozes de além-mundo, tem a ilusão de boiar no éter. Desaparecem as fronteiras entre o eu e o não-eu, a alma e a Natureza. Experiência (dir-se-ia: mística natural) decisiva,

que Pascoaes adolescente repetiu ou reviveu muitas vezes, e depois a cada passo repercute na sua poesia, bem como o anelo de altura, de regiões imaculadas, numa ânsia de imaterialização nunca satisfeita. Confunde-se com a Natureza, transformada, por seu turno, em Reino Espiritual. Os sentidos tornam-se-lhe «lugar de aparições».

Na verdade, se Pascoaes descende dos Avós e da Casa onde viveu a infância, se a Saudade o modelou desde o dia em que saiu da aldeia, com razão se afirmará filho também da paisagem das margens do Tâmega, da região onde se fundem de modo original «o doloroso drama transmontano e o bucólico idílio minhoto» — paisagem onde o poeta julgará ver simbolizada a psique portuguesa, misto de alegria e tristeza, de austeridade e doçura: «Sem esta terra funda e fundo rio / Que ergue as asas e sobe em claro voo; / Sem estes ermos montes e arvoredos / Eu não era o que sou» (*As Sombras*, 2.ª ed., p. 54). «Minha maneira íntima de ser / Eu sei que resultou / Desta paisagem mística e saudosa, / / E sempre a florescer / Que da sua tristeza Deus criou» (*Cantos Indecisos*, p. 10).

COIMBRA E O MEIO CULTURAL

Sofri, ao ver Coimbra, um dolorido espanto...
Agravou-se, em meu ser, a alma que é doença.

(«A Minha História»,
in *Terra Proibida*)

Certo dia de 1895, «dia de escurecido Inverno», partiu para Coimbra. Segundo desterro, mais grave ainda que o primeiro, e que só terminaria com a for-

matura em Direito, em 1901. Sempre nostálgico da infância, da Casa e da terra-mãe, divaga pela Coimbra medieval «como um bárbaro do Norte», fechado e taciturno. * Outra vez a sensação de espessura fria, acabrunhante, que lhe deixara o liceu; ou pior ainda. «Os lentes perfilam-se às portas das aulas, enquanto os alunos vão entrando, fazendo vénias respeitosas àqueles ídolos tremendos, ávidos de cólicas e outros sacrifícios. Vede o Moreira, um esqueleto enorme a surgir das trevas; o Calisto da primeira dinastia, o Pita sacerdotal e revelho, nascido, sob Osíris, do ventre duma foca poeirenta [...] E, como contraste fino e elegante, o Montenegro, ainda novo, *dandy*, barba *à Guise*, de seda, e uma cabeça de marfim, com uma penugem doirada nas fontes e na nuca» (*Livro de Memórias*, p. 124). Por curioso paradoxo, enquanto o medievo Calisto ensinava Filosofia do Direito, o Montenegro, *fin de siècle*, ensinava Direito Romano.

Encontra um ambiente mental cheio de contradições, onde se debatem o positivismo agnóstico, o cientismo evolucionista, o idealismo ético de Antero, que reduz o Universo à consciência, o fundo pessimismo que passou de Antero aos jovens simbolistas, o sentimento de que o país está moribundo, vagas tendências anárquicas e humanitárias, o republicanismo, o socialismo proudhoniano, o marxismo, o neogarrettismo propugnado por Alberto de Oliveira. ** A lição de Junqueiro, com a sua religiosidade panteísta e pampsiquista, complementar do

* «Era um concentrado — escreve Faria e Maia —, engolfado num sonho infindo... [...] Vejo-o nos nossos longos passeios, recitando versos fragmentàriamente, quase alheio à minha presença.» (*A Minha Velha Pasta*, p. 59).

** Na conferência *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo* (Porto, 1912), Pascoaes evocaria a Coimbra do seu tempo como um «terrível foco desnacionalizador» que difundia «vagas teorias jurídico-sociais, importadas do estrangeiro.»

rasgo panfletário, fora a primeira grande influência recebida por Teixeira de Pascoaes, já nos tempos de Amarante. Juntou-se-lhe a de Antero, com a sua frustrada ambição de Absoluto, a de João de Deus, outro poeta da altura, do impalpável, e a de António Nobre, o eterno saudoso da infância e pintor da terra portuguesa.

Pascoaes, que não esconderá a sua simpatia pelos anarquistas e um ideal de fraternidade que exige uma distribuição equitativa dos bens materiais (será republicano e democrata, não obstante o meio familiar), combinará, numa singular heterodoxia, o agnosticismo e a fé, proclamará o dinamismo fecundo da incerteza, verá em tudo a ambivalência do *sim* e *não,* integrará na sua oscilante metafísica o transformismo segundo o qual o Homem (criador de Deus; ou sua criatura?) é o termo dum processo de espiritualização que começa na pedra, «alma cativa» (para usarmos a expressão de Antero); e para além do Homem pressentirá a alma, a quimera, o nada que é o Infinito. A par disto, comungará na reacção anticosmopolita, tradicionalista, concebendo a poesia não só como aventura metafísica, mas ainda como anunciação e fonte dum ressurgimento pátrio. Tentará decifrar pela Saudade a alma portuguesa e há-de profetizar, no *Verbo Escuro,* o regresso do Encoberto, o fim da «noite lusíada».

Mas Coimbra, além do fermento das ideias, oferece ao poeta as finas sugestões duma paisagem doce, impregnada de tradição, feita de «sorrisos de verdura, junto de água» — paisagem que amacia as arestas transmontanas de Pascoaes: «E desde então minh'alma transmontana, / Desnuda e agreste, ao vento das alturas, / Tornara-se mais branda e mais humana, / Mais florescida de íntimas ternuras...» («A Minha História», in *Terra Proibida*). E oferece-lhe os benefícios da amizade, no convívio com rapazes igualmente interessados por questões filosó-

ficas e estéticas, alguns também de apurada sensibilidade. Pertenceu a um grupo que integrava Fausto Guedes Teixeira, Augusto Gil, Afonso Lopes Vieira, João Lúcio, Alexandre Braga, Francisco de Faria e Maia, Abel de Mendonça, João Direito. «E as noites no Julião ou na Tia Joaquina, duas tavernas em pleno Olimpo? Lá dentro, o Fausto e o Gil, coroados pelas Musas, à luz duma candeia fumarenta; e eu, na sombra, esfumado numa admiração indefinida, num ah! de espanto...» (*Livro de Memórias*, p. 135). No Café Lusitano, inundado de estudantes, havia a mesa dos poetas: «O Fausto bebe, fuma, recita, apaixonado por todas as mulheres. O Gil, com os cotovelos fincados na pedra-mármore, esmaga a cara assanhada entre as mãos, como se os dentes lhe doessem. Tem uns bigodes de arame retorcidos para cima e fala quase sempre aos repelões... O Alexandre Braga, um Apolo modelado em cera, pelas noites de boémia. O Hilário, trigueiro e lívido, de bigodes negros, a dois meses da morte — uma estrela prestes a extinguir-se... O João Lúcio, na sua primeira fase, radiando uma luz branca de pureza...» (pp. 129-130). A voz do Hilário, pelas noites luarentas: uma revelação dos longes dramáticos da alma, um símbolo do inefável.

Pascoaes foi ainda sócio fundador do clube de estudantes *Amicitia*, juntamente com Silva Pepulim, Faria e Maia, Augusto de Cerqueira e outros. Na sede do clube (R. do Corpo de Deus) havia conferências e debates. «Aí nos leu Teixeira de Pascoaes muitas das poesias do *Sempre* e Francisco Alexandrino [da Silva] quase todas as que vieram a compor o seu livro *Passado*» (Francisco de Ataíde Machado de Faria e Maia, *A Minha Velha Pasta*, p. 53).

Acabado o curso, os desterros não terminaram. A Universidade transmutara Pascoaes no dr. Joaquim Teixeira de Vasconcelos, bacharel em Direito,

o que impunha obrigações. E, uma vez mais, o poeta submeteu-se. Iria advogar em Amarante, e, a partir de 1906, no Porto. «Entre o poeta natural e o bacharel à força, ia começar um duelo que durou dez anos, tanto como a formatura de João de Deus e o cerco de Tróia. Vivi dez anos, num escritório, a lidar com almas deste mundo, o mais deste mundo que é possível! — eu que nascera para outras convivências (*Livro de Memórias*, p. 164). O tédio, a impaciência, a saudade continuaram a consumi-lo. Até que o poeta venceu, o duelo findou, e Pascoaes passa a viver no solar de Gatão — a casa da infância, abandonada, quase em ruínas após a morte dos avós —, e entrega-se por inteiro à terra e à poesia, num diálogo interminável com os pinheiros, os espectros e o Imenso. «Esta pequena aldeia excede o planeta» (p. 162). «O meu lar, as almas que o habitam, em presença ou em saudade, os meus campos e, ao longe, as indecisões brumosas do Outro Mundo... E eis tudo para mim. Tudo — a eternidade e o infinito!» (*A Nossa Fome*, p. 8).

O PRINCÍPIO FEMININO

> ***Ó virgem, alto seio onde floresce***
> ***A rosa aérea e mística dos Ventos...***
>
> **(*Senhora da Noite*)**

O amor não está ausente da vida de Pascoaes; e várias figuras femininas se esboçam na sua obra como superiores motivos de inspiração. A primeira dessas figuras parece ser aquela que o autor descreve em *Duplo Passeio* — perturbante aparição da ado-

lescência que nunca mais ele pôde esquecer: «Durante o dia, é uma lembrança de rapariga de quinze anos, a idade em que morreu tuberculosa. Mas, nos meus sonhos, revive, é ela mesma, loira e branca, duma delicadeza de formas infinitas. Estou a vê-la, certa noite (era nossa criada), no antigo corredor de minha casa. Trazia apenas a camisa de dormir, pois não esperava encontrar alguém, àquela hora. Encarando comigo, subiu-lhe todo o pudor às faces já ruborizadas pela febre. Não podendo fingir, tentou ocultar-se num sorriso envergonhado. E, na verdade, o seu sorriso iluminou-a completamente, revestiu-a duma auréola divina, como a desse anjo que passa por nós quando emudecemos, de repente... / Desde então, aparece, nos meus sonhos, aquela figura misteriosa [...] Sinto-me num *passado presente,* junto daquela rapariga vestida apenas duma túnica de linho, com o cabelo loiro, em anéis, a cercar-lhe o branco rosto afogueado» (pp. 231-232).

Essa rapariga morta aos quinze anos não será a Leonor de *O Bailado* e do *Livro de Memórias?* «O valor real — escreve Pascoaes — [...] está, *Leonor,* na súbita expressão que, uma vez, surpreendi na tua fisionomia, tão estranha e original, como se houvesses mudado repentinamente de figura! Essa expressão disse-me de ti, durante o seu relâmpago, o que nunca me disseram as tuas palavras, modos e gestos habituais... Foi uma hora em que todo o teu ser se desvendou, em que ele conseguiu romper a névoa e deslumbrar-me para sempre...» (p. 60). Note-se que o abalo afectivo resultou da súbita revelação duma alma, e que essa rapariga de quinze anos, «loira e branca», logo se tornou, pela morte prematura, lembrança triste e símbolo de pureza inacessível. No *Livro de Memórias* fala-se várias vezes duma «Leonor d'Além», «alminha triste de violeta» a denunciar-se nos olhos — «uns olhos onde a ternura reza a sua mais íntima elegia» (pp. 74-75). Aí, Leo-

nor é «aparição» ou símbolo da beleza transcendente: «A minha vida tem sido pintar o teu retrato, e enamorar-me de todas as figuras que se parecem contigo, e são aparências ilusórias da tua aparição que me persegue e é a própria alma incriada da Beleza» (p. 42). Em *Verbo Escuro,* de novo se alude à donzela misteriosa: «Ó Virgem que floresceste o meu passado! [...] Vejo-te ainda vir ao meu encontro, nas manhãs da minha infância!» (p. 28). Em *Sempre,* a composição «Ela» parece ser-lhe dedicada: «A mística Menina aparecida / [...] Passou, como visão misteriosa, / Deixando-me, na alma, aquele espanto / Que anima e transfigura cada cousa! / / [...] Teu corpo, sonho em flor, desabrochou; / / Fez-se Beleza e Morte...» (p. 33).

Estudante em Coimbra, sofre tìmidamente um longo amor platónico por F. M., inspiradora do *Sempre,* que vivia nos arredores de Amarante. Francisco de Faria e Maia, íntimo de Pascoaes nesta época, sublinha que, não obstante a tendência para o vago, o abstracto, «o principal impulsor da sua lira, nesta primeira fase da sua vida, foi o amor» (*A Minha Velha Pasta,* p. 61). O próprio poeta, no limiar do *Sempre,* declara que os seus versos são «filhos queridos dum noivado espiritual». Quando vagueava na companhia de Pascoaes pelas «encostas rudes do Marão» e pelas ribas do Tâmega, Faria e Maia conheceu em carne e osso a «mística menina adolescente», «a princesinha que vivia esquiva no seu solar antigo de linhas aristocráticas, insensível àquele amor que, divinizando-a, se imaterializava! Estou a vê-la, bela, elegante, de linhas flexíveis, andar ritmado de Deusa, no seu solar romântico, ao lado do poeta enamorado que,

> *........................ contente só de vê-la*
> *Fugiu num voo, como por encanto,*
> *Cá deste mundo para os olhos dela!...*

E da evocação desta cena outra me acode em que, passados anos, o vejo nestes mesmos sítios, percorrendo, com deleite intelectual, o teatro dos seus amores, esse cenário das suas dores, na serenidade perfeita que lhe dava a convicção de que, para os poetas, o amor sem posse e sem esperança é o único alimento perene da sua inspiração...» (pp. 78-79).

Em carta inédita dirigida a pessoa de família, documento psicológico de muito interesse, Pascoaes confessa amar em silêncio F. M. há dois anos sem dela exigir a menor prova de afecto. «Não será minha um dia se eu morrer ou se ela não quiser [...] Foi ela que me deu algum talento. Se os meus versos têm sido bem recebidos pelo público foi ela que mos inspirou assim tão lindos!»

Outro episódio amoroso (dumas férias grandes?) põe em foco uma Emília, rapariga da aldeia, que se teria afeiçoado ao poeta. É-lhe dedicada a composição «Adeus, Emília!» da 1.ª edição de *Terra Proibida*. Cantava tristes canções feitas por ele; deu-lhe à despedida um lenço molhado de lágrimas; o poeta viverá em Coimbra (a «terra proibida») pensando nela: «Por aqui, meu Amor, irei vivendo / Daquele triste olhar que tu me deste, / Quando ao longe, para mim, se foi escondendo, / Entre uma névoa, o teu perfil celeste.» Assim foi, pelo menos, na ficção poética.

E, alguns anos depois, o fugaz entusiasmo por uma inglesa estará na origem, segundo consta, do poema *Senhora da Noite*. Remonta a esta fase o amor epistolar, e frouxamente correspondido, que o poeta despertou numa admiradora, casada e dada às letras; a pobre senhora acusa-o de ser «um fantasma sem coração»; mais tarde não calará ciúmes das inglesinhas da Foz... E logo sobrevém o arrebatado amor por outra inglesa, Leonor Dagge, que o poeta «descobre» no Porto, num «americano» — verdadeiro *coup de foudre!* —, e depois idealiza, ao

que parece, na Eleonor de *Marânus*. Não escrevera num álbum, em 1899, que preferia as loiras? (cf. artigo de Crispiniano da Fonseca in *Estrada Larga* — I). Declara o seu amor em carta inédita de 25 de Março de 1909: «é-me impossível demorar por mais tempo esta carta que lhe dirá, como se fosse de viva voz, com que simpatia, lealdade e pureza de sentimentos eu a amo!» Nos meses seguintes, procura com delicada insistência convencer L. D., à primeira vista hesitante, a casar com ele; por causa de L. D. empreende uma viagem a Londres, donde volta descoroçoado. Estava escrito: ficaria solteiro. Por simples acaso? Ou antes por pressentirem, ele e elas, que a sua vocação era outra?

Alguns trechos da obra de Pascoaes ressumam a nostalgia dum amor realizado, a pena de ter sido condenado ao isolamento. «Houve instantes em que fui a minha alma — diz, ao fazer um balanço da existência. Transitei dela [a vida só alma da infância] para o esqueleto, sem haver passado pelo corpo. Criança e velho, sem mocidade. As mulheres rejeitaram-ma e eu perdi-a. Ser moço é ter uma amante ou noiva, ser amado, como na cantiga popular! E ser amado é ser belo. Sem beleza não há mocidade, embora haja infância e velhice, os dois extremos» (*O Homem Universal,* p. 59). Um complexo de fealdade (consequência de amores frustrados?) volta a manifestar-se quando, referindo-se a São Paulo, pensa afinal nele próprio: «Os feios é que amam. Só amam os que não podem ser amados; e o seu amor é vingança. Vingam-se da própria fealdade, escondendo-a num sonho de beleza ou obra de arte que, em nome deles, apareça» (*São Paulo,* 2.ª ed., p. 10). O futuro apóstolo, «feio, amoroso de Natura, desprezado pelas mulheres, tem de amar alguém ou alguma coisa» (p. 36). No seu exemplar de *A Alegria, a Dor e a Graça* de Leonardo Coimbra (Porto, 1916) Pascoaes marcou com um traço

à margem a seguinte reflexão: «Perder uma família, isto é, não a constituir (porque a família possuída jamais se perde) é um desfalque irremediável na parte que tomamos da grande taça da Alegria Mãe» (p. 104).

Aceitou, porém, o destino de solitário porque reconheceu ser este o preço da sua grandeza de poeta, por natureza asceta e místico, devassador de mundos ocultos, companheiro de sombras. Sabe por experiência própria que «o desejo insatisfeito não se esteriliza, não abdica da sua força criadora. Reprimido, intensifica-se até à espiritualização, e gera outros filhos» — «os sonhos e os fantasmas» (*O Homem Universal*, pp. 89 e 90). E verifica, na acalmia das ilusões juvenis, que o que ele buscava nas mulheres era, platònicamente, um arquétipo, a Beleza imaculada e imarcescível: «Nunca vi, diante dos meus olhos, a mulher bem amada. *Isso* que me parecia ela servia apenas para eu sentir por ela mais saudades. / O murmúrio da água aumenta a sede» (*Verbo Escuro*, p. 57). O que ele buscava estava dentro dele, na alma ansiosa. A presença física — ensina — impede a comunhão das almas; só na ausência se efectua a verdadeira união, por obra e graça da Saudade. E, dirigindo-se à Leonor do *Livro de Memórias*, dir-lhe-á: «Sou o caminho por onde vens ao mundo; tu e outros fantasmas que eu adoro, pois nasci para viver além da vida» (p. 34).

Tão etéreas se apresentam as figuras femininas na obra de Pascoaes que mal acreditamos na existência de inspiradoras de carne e osso; parecem antes puras visões do espírito ou entidades simbólicas. Em *Belo*, é certo, o pastor ideal sacia nos lábios voluptuosos das Ninfas a sua fome de amor — mas tudo se reduz a um sonho, um sonho interrompido quando Belo pensa ter Jesus a seu lado... Em «Idílio» (1.ª edição de *Sempre*), narcìsicamente, a Eleita confunde-se com a Alma: «Oh dia

em que eu casar contigo, ó minha Eleita, / Meu amor, que afinal só tu me compreendes!» (p. 22); «Minha Alma, une aos meus teus lábios ideais / Que só tu aprendeste a saber-me beijar!» (p. 23). As notas sensuais que se divisam em *Senhora da Noite* constituem uma excepção; e mesmo assim ressalvada pelo facto de a amada ser a Meia-Noite, por metáfora «erma donzela»; a sensualidade dilui-se em religiosidade, não sem um toque de irreverência: «E, túmido de estrelas, o seu peito, / Sob os beijos de Deus, se vai abrindo... // E divinas carícias sensuais / O fazem brandamente palpitar... / Tetas de névoa! Ó seios espectrais, / Onde um Menino Deus há-de mamar...» (pp. 9-10). Na «Elegia do Amor» (o tão belo poema que, segundo Fernando Pessoa, «paira acima do *The Last Ride Together* de Browning como poema metafísico de amor») a lembrança da amada que voou para os céus leva o poeta a sublimar-se, comungando, pelo amor, com todo o Universo: «Vivo a vida infinita, / Eterna, esplendorosa. / Sou neblina, sou ave, / Estrela, céu sem fim, / Só porque, um dia, tu, / Mulher misteriosa, / Por acaso talvez / Olhaste para mim.» Eleonor, essa é «sombra etérea» que diz a Marânus: «Eu sou a eterna Luz que te fecunda, / Meu Criador e Amante! Ó torva Fonte, / Donde meu Ser espiritual dimana...» (*Marânus,* I). Não admira, pois, que no *Verbo Escuro* lùcidamente o poeta confirme: «Eu adoro a mulher em mim próprio» (p. 94).

POESIA E METAFÍSICA

«Sou o empecido, esse homem de olhos fundos...»

(*Marânus*, VIII)

«O poeta é um enviado. Ele vem ao Mundo afirmar as superiores Potestades que misteriosamente presidem ao drama da Vida e lhe dão um sobrenatural sentido»

(*Os Poetas Lusíadas*, p. 14)

Tendo renunciado ao casamento e às lides judiciais, para que não fora talhado, Pascoaes entregou-se por inteiro à sua obra, identificou-se com ela, a sua biografia passou a ser pràticamente a incessante criação literária, quer dizer, contemplar, congeminar, cantar. Em *A Nossa Fome* escreveu, com ironia de ressentido: «quem souber da minha vida macambúzia e solitária de bacharel *manqué* e pretenso camponês que mal aguenta o peso duma enxada (ridícula atitude!) compreenderá a minha simpatia pelas Musas.» Mas logo acrescentou: «Elas amam os mágicos, os malucos e os rebeldes, todos esses que mostram uma careta diferente das caretas em que o Vulgo se retrata» (pp. 9-10). Na verdade, aquelas frustrações foram menos a causa que o resultado da imperiosa vocação do poeta, por natureza ensimesmado, fechado no mundo subjectivo, enamorado de Absoluto. As Musas tê-lo-iam eleito porque também ele pertencia ao número dos magos e dos rebeldes, a que a voz corrente chama loucos.

Cedo se anunciou nele a consciência do poeta como homem incumbido duma missão transcendente. «O poeta é um pobre doido, errando, sempre além. /

/ Deste mundo, a cantar, em vida se desterra. / / Anjo de Satanás, anjo de Deus, que tem / Na alma toda a luz, no corpo toda a terra» (*Cantos Indecisos*, XXXV). O poeta seria, pois, um intermediário entre o essencial (a quimera dum além-mundo?) e os outros homens; um profeta, um guia. A poesia «é a voz da Esperança espiritual a conceber um novo mundo» (*Os Poetas Lusíadas*, p. 10); «religião, e também filosofia» (*Guerra Junqueiro*, p. 24). Eleva os homens para as regiões da pura idealidade; redime-os, libertando-os da morte, isto é, do peso do corpo, do pecado. «Todo o canto é redentor. A eterna angústia do Mundo é eternamente redimida nas canções dos poetas» (*Verbo Escuro*, p. 5). Assim, na concepção de Pascoaes, a missão do poeta consiste em dinamizar, em espiritualizar, completando a criação, levando o Universo no Homem ao grau de suprema consciência; e ainda em anunciar evangèlicamente a Boa Nova, derramando o amor e a esperança. Poesia, além de filosofia, é religião verdadeira, quer dizer, heterodoxa — «a Teologia dos heréticos» (*O Homem Universal*, p. 147). Reduz o diverso ao uno, faz convergir os indivíduos numa visão (dinâmica) de totalidade. O poeta concentra em si os mais altos poderes do espírito. Anti-racionalista, Pascoaes situa o homem de ciência, que se ocupa da «Realidade», portanto das «aparências», da face letal do Mundo, em plano inferior ao do poeta (sinónimo de profeta, de apóstolo, de pensador visionário), que se ocupa da Verdade. São Paulo «viu a Verdade, como Newton viu a Realidade. A realidade é o domínio da ciência, e a verdade é o da religião; e quem diz religião diz poesia. Poesia sem profecia ou revelação de mistério é noite sem estrelas» (duma conferência, inédita, sobre João Lúcio). Leonardo, no entender de Pascoaes, é um grande pensador porque «a sua filosofia criacionista é uma filosofia poética extraída dum grande

coração que assimilou o Universo e o restitui aos homens mais perfeito, mais divino» (*Os Poetas Lusíadas*, p. 294).

Na poesia realiza-se a passagem do nível das puras emoções e intuições ao nível dum pensamento ainda emocional, intuitivo, em que todavia aqueles dados primários se tornam conscientes e de certo modo são elaborados, organizados pela inteligência. Do individual o poeta da estirpe de Pascoaes ergue-se ao geral, do particular ao universal. «Entre o intelectual e o emotivo há uma diferença de nitidez» (*O Homem Universal*, p. 50). O pensamento poético vai-se, pois, esboçando, definindo, embora, sendo poético, não atinja nunca uma perfeita claridade; o «verbo» que o exprime é necessàriamente um «verbo escuro». Aliás, quanto mais preciso, menos verdadeiro, mais afastado da fonte viva que permite a apreensão do divino. É na vaguidade da Distância que se vislumbra o Absoluto. «Na luz, no som, na flor, no que medito e penso, / Há o quer que é de vago, etéreo, inatingível» (*Cantos Indecisos*, CVIII). Em *O Homem Universal* o autor descreve a formação da sua «ideia poética»: «gerada, em mim, como filha, ou da mesma carne do meu ser [...] O meu pensamento sou eu próprio» (p. 24). «O sentimento faz-se pensamento, a emoção é a mesma substância da consciência, a argila do seu perfil. E é por ímpetos emotivos que a consciência se ilumina e desvenda a si mesma» (p. 33). Procede mediante «o conhecimento do instantâneo, o relâmpago da intuição» (p. 107).

Lírico, Teixeira de Pascoaes canta *ingènuamente* impressões, estados de alma, coisas imaginárias: os «lugares santos» da infância, a montanha, a fonte, uma ovelha, um pinheiro, a névoa que sobe do rio, a alegria da manhã, a tristeza do crepúsculo, a saudade dum vago amor, a piedade, a humildade, «vul-

tos de alma» com perfis de camponeses, pobres e viúvas, o vento e a chuva, o luar e as sombras, os fugazes pressentimentos do inefável, o amor que se estende à Natureza inteira. Dissolve o mundo em alma e melodia. Já, porém, nas poesias da primeira fase desponta o congeminador, interrogador da esfinge. «Olhava prò infinito absorto, só, esquecido...» — lemos nos *Embriões* (Porto, 1895), livro de estreia do poeta (p. 20); e ainda: «Quero medir a noite do Infinito!» (p. 29). Aqui se afirmam, pois, como sinais duma personalidade, o vezo contemplativo, de fala-só, e a inquietação metafísica. A insatisfação, e até o asco, do real, a fuga para «a esfera do Mistério», caracterizam o pastor de *Belo* (1896-7): «Do triste sonhador o olhar profundo / Foi, pelo céu, em busca de alvoradas / Que nunca pôde achar cá neste mundo...» (2.ª parte, p. 28).

Na primeira edição de *Sempre,* de 1898, acentua-se ainda mais o pendor metafísico da obra pascoaisiana, com o desenvolvimento dalguns temas típicos. O poeta dialoga com as sombras: «Ó sombras que durante a noite me falais, / Quando penso, e não sei porque a este mundo vim!... / Ó Vós que a minha Noite imensa povoais, / Qual é o corpo que vos projecta junto a mim?» («As Minhas Sombras», p. 29). Interroga, quer desvendar o oculto; por outro lado, a Noite ganha um sentido simbólico, está simultâneamente fora e dentro dele, como sucede com a «voz quimérica» do vento (p. 89); entre a alma do poeta e o mundo todo há uma «secreta intimidade» (p. 16). Depreciando o real da «aparência», valoriza o Sonho, a Quimera: «Santa mentira, só tu foste criadora!» (p. 47); «Acreditai até no que não há... / E esse impossível, esse nada existirá!...» (p. 106). Ideia fulcral no pensamento de Pascoaes, onde a Realidade que

importa, absoluta, eterna, é a que resulta dum mero acto de fé: Deus *vive* porque o criamos em nós*.

Longamente, obsidiantemente, até ao último alento, Pascoaes há-de reelaborar os seus temas, aprofundar, precisar e voltar a esclarecer a sua «filosofia» ou concepção intuitiva do Universo; nem conseguiu evitar algumas vezes (ele, que ardorosamente combateu o definido, o estático, o mumificado, apontando o perigo da subordinação do criador à criatura) o prosaísmo de certas ideias demasiado estabelecidas, formuladas, ou o automatismo de símbolos convencionais, como já se verifica em *Jesus e Pã* (1903), onde expressamente se preconiza a aliança do Paganismo e do Cristianismo — o que será uma das traves mestras da doutrina saudosista, uma das suas bases, digamos, pedagógicas: «Hão-de subir ao mesmo altar Jesus e Pã... / As Ninfas beijarão os anjos do Senhor. / Maria há-de chamar a Vénus sua irmã / E o tronco duma cruz ainda hei-de vê-lo em flor!» (p. 61).

Jesus e Pã... Ninfas e Anjos... Maria e Vénus... Tronco e flor... Pascoaes tende a ver o Universo repartido em forças antinómicas, em tensão dialéctica, e explora oratòriamente o jogo de polaridades.

---

* Não me parece, pois, exacta a observação de Ilídio Sardoeira, aliás um dos melhores intérpretes de Pascoaes, sobre o carácter sensorial e local da sua inspiração nesta época: «O pensamento do poeta está ainda voltado para o mundo exterior; as raízes da sua inspiração prendem-se, por enquanto, às coisas simples da natureza e às suas mudanças cíclicas; e o poeta, que acabará como um dos grandes mestres do lirismo português, começa, como qualquer vate inexperiente, pelos encantos da Maria de Entre-Douro-e-Minho: *Marias da minha terra / Todas vós sabeis urdir / / Dum certo linho uma teia / Onde todos vão cair*» (*Pascoaes — Um poeta de sempre*, pp. 12-13). Decerto, também se observa no Pascoaes principiante este lado superficial, de tintas bucólicas, gracioso, madrigalesco, folclórico; mas o que impressiona é, já nos primeiros livros, a revelação dum poeta visionário, de vocação religiosa e sentido cósmico.

A oposição fundamental é a do par *vida* e *existência* (ou *morte)*, a que podem reduzir-se os pares *ausência-presença, Deus-Satã* (ou *pecado), aparição-aparência, alma-corpo, espontaneidade-artifício, infância-velhice, seriedade-riso* (a seriedade é da alma, o riso do corpo, do esqueleto, que torna o Homem grotesco), *liberdade-necessidade, dúvida-certeza, tolerância-intolerância;* ou ainda (estas polaridades multiplicam-se no pensamento de Pascoaes) *intuição-razão, criação-crítica, tradição-progresso, campo-cidade.* Tudo o que é ingénuo, simples, espontâneo, como nas crianças, pertence ao domínio da *vida*; tudo o que é artificial, maquinal, fingido, pertence à esfera da *existência,* é o reverso letal da vida. «Viver é um eterno ressurgir, peso bruto que se imponderaliza e voa, radiante [...] Existir é ser abrangido pelo espaço; viver é abranger o tempo» *(São Paulo,* 2.ª ed., p. 17). À ausência liga-se o imaterial, o vago, o imaginário, o sonho, o infinito, o eterno; à presença o finito, o superficial, o efémero, o sensorial.

Nesta concepção da dinâmica do Universo, concepção que provoca uma terminologia peculiar, a morte, no sentido vulgar, é sinónimo de *vida,* porque a morte liberta o Homem do corpo, torna-o pura lembrança, presença subjectiva que se vai atenuando até ao aniquilamento definitivo; logo, porque é ausência, permite aquela união total, só de almas, que, como vimos, segundo Pascoaes, a presença corpórea impede. Um poeta francês de hoje, Yves Bonnefoy, partilha o mesmo horror ao congelado, à vida petrificada, o mesmo anseio de libertação pelo imaginário: «Il te faudra franchir la mort pour que tu vives, / La plus pure présence est un sang répandu.» Por sua vez, a *morte,* na acepção pascoaisiana, acompanha-nos em todos os instantes, e não apenas porque somos contínua mudança, logo sucessão de mortes (e de renascimentos),

mas porque *vida* e *morte*, quer dizer, um princípio dinâmico, fecundo, criador, e um princípio de inércia espiritual, ou de intelectualização, de dessoramento, de mecanização, constantemente se digladiam em nós. Em certo sentido, dos dois elementos que, na definição de Pascoaes, constituem a saudade — a esperança e a lembrança —, o primeiro é dinâmico, *vida*, o segundo é estático, *morte*. Estas considerações, apesar de esquemáticas, ajudarão a compreender o seguinte trecho de *Os Poetas Lusíadas*, que por seu turno as ilustra: «O homem (que é amor criado, lembrança ou morte) quer amar para ser vida, esperança e amor criador. A morte, em nós, quer ser vida. O esqueleto, caricatura em mármore da alma, pretende fugir ao caruncho que o rói na terra e sonha umas asas que o elevem transfigurado na luz imortal. A sinistra caricatura, desgostosa do seu riso (essa alegria fóssil, milenária, caída outrora do Sol, que é máscara acesa de Satã), veste a seriedade do amor [...] Quem salva o mundo do seu nada é o coração do homem que, sendo mortal, quer amar eternamente. Este querer infinito exaltado numa frágil criatura; esta luz eterna a arder numa lâmpada de barro quebradiço; esta insaciável sede febril duma água que não existe; esta ansiedade de Deus num pequenino verme da terra — eis o milagre e a tragédia: o mais doloroso e inexplicável da Vida, mas também a sua grandeza extraordinária» (p. 308).

Embora sem perfeita coerência, esta visão antitética dos aspectos oferecidos pelo Universo organiza-se num sistema pessoal. É assim que, por exemplo, o riso, o ridículo se associam normalmente ao esqueleto (a caveira ri) e à crítica («Estou a cair na crítica ou a tornar-me ridículo», in *Guerra Junqueiro*, p. 23). E a ideia de Deus evoca necessàriamente a ideia de infância («porque Deus é um

menino ainda! E, se Ele envelhecer, perderá o Sol o último sorriso da sua luz, e as árvores nunca mais darão flor», in *Livro de Memórias*, pp. 44-45). Em torno dos conceitos centrais de *vida* e *morte* constelam-se determinados símbolos habituais: o quente, a febre, por oposição ao frio; o fogo, o vento, a nuvem, a flor, por oposição ao rochedo, aos ossos, ao mármore, etc. («Somos ternura e pedra, esqueleto e alma», *ibid.*, p. 134; «a infância é uma nuvem, como a velhice é uma pedra», *ibid.*, p. 51). Dum lado tudo quanto é volátil, impalpável, vivo, fértil; do outro, o que é pesado, gelado, inerte, estéril.

Mas valerá a pena demorar-nos um pouco mais na análise dalgumas antinomias, salientando evidentes afinidades entre o pensamento de Pascoaes e o de Unamuno (mais por espontânea convergência que por influência, conquanto esta última não deva excluir-se como hipótese). Distinguindo, como Unamuno, entre o superficial e o essencial, entre o passageiro e o eterno, o poeta de *Marânus* procura, com a varinha mágica da Imaginação (no sentido romântico, huguesco, de faculdade intuitiva), ver para além das aparências, apreender o escondido. E ora se queixa da «surdez dos deuses» («Ah, por mais povoado de figuras, / O mundo é sempre a mesma solidão, / Aquela estátua em pedra da Ilusão, / Monstruosa presença de Ninguém», in *Elegias*, p. 174; «Só descubro mentiras da Verdade», in *Cantos Indecisos*, XCIV), ora fala, deslumbrado, de súbitas revelações: «Em certas grandes horas espantadas, / Num ai de luz, as cousas se revelam...» (*O Pobre Tolo*, p. 12); «Houve um instante em que as pedras e os montes me falaram. E fiquei a ser *esse instante*» (*O Homem Universal*, p. 117).

Ambos — Pascoaes e Unamuno — se mostram empenhados num conhecimento ontológico do Homem, um conhecimento que vá até às raízes do ser. No Homem, paradoxo vivo, tudo afinal se enlaça

e enfrenta; se é ele o «Universo consciente», por igual se pode dizer que o Universo é a sua consciência, tudo nasce e morre com a sua consciência; qualquer realidade que não seja consciência não passa de aparência, de fenómeno vazio ou «ilusão». A vida é sonho, diz Unamuno, repetindo Calderon. «Tudo é fantasma — assevera Pascoaes. Há só nuvens, nuvens de vozes, nuvens de almas, de aflições e de tragédias! Nuvens e mais nuvens, aparências e mais aparências! E um relâmpago divino que as trespassa, a instantânea Aparição que surge e nos lança por terra, deslumbrados!» (*O Bailado*, pp. 65-66). Mas, como observa Unamuno, sendo a nossa consciência finita, perecível, também ela não passa de aparência — verdade terrível já proferida por Shakespeare: «somos feitos da matéria dos sonhos», nós próprios ilusão também. Debalde lutamos com o nada de que somos feitos, debalde nos inventamos e «fingimos» o mundo. «O homem, ao morrer, apaga, com o último suspiro, o mundo em que viveu» (*Verbo Escuro*, p. 12).

Individualista estreme, exigente de autenticidade, Pascoaes repudia a *persona*, a personagem social que os outros nos levam a representar, a máscara em que nos anquilosamos, submissos aos códigos e às etiquetas; pelo contrário, foge do rebanho, isola-se, cultiva em si a infância, a plena originalidade, a plena liberdade de espírito; dá-se à contemplação, olha para dentro de si. Mas que descobre dentro de si? Além de imagens vácuas, algo de impalpável que não consegue apreender. «Olho meu próprio ser, como quem olha / O fundo de um abismo / Com demónios pairando, em negros voos aflitos» (*Elegias*, p. 176). «Quem és tu, / Meu vulto humanizado em que me sinto, / Estranho a mim, viver?» (*O Pobre Tolo*, p. 62). «E que vemos nós de nós? Ilusória imagem num espelho. E lembramo-nos dela, quando muito. Lembramo-nos desse vago fantasma

remoto, como a sombra de um deus e a natureza quimérica das coisas» (*O Homem Universal*, p. 93). «O que nos aflige e consome é esta ausência em que vivemos de nós próprios, esta distância infinita que separa o homem da sua alma, do seu espectro!» (*O Bailado*, p. 65). «Eu? Pelo menos, *isto* a que chamamos *eu* — este sobressalto iluminado, preso a uma forma indecisa, de momento, que lhe não pertence! / Sim, sou eu, — este delírio que me cria, a todo o instante, que me desenha, constantemente, no espaço e no tempo, como o fogo desenha as suas chamas» (*Verbo Escuro*, p. 144). Que é, portanto, o Homem quando se olha interiormente? Um espelho onde perpassam imagens, ora do mundo presente, ora, pela memória, do mundo ausente; e uma aparição fugaz que se repete, um assombro; e uma vontade de ser, uma inquietação criadora (o que evoca o Homem «ficção», filho do seu próprio imaginar, de Unamuno). O resto é quimera.

Mas cumpre ainda notar, como traço de união entre o pensador espanhol e Pascoaes, que, na sua visão dialéctica do Universo, não só a cada princípio ou entidade corresponde o seu contrário, mas cada princípio ou entidade envolve, contém virtualmente o seu contrário. Sentir a fealdade é sentir a beleza. A existência da vida resulta da da morte quanto a existência da morte resulta da da vida. A eternidade é uma face do tempo, Deus um avatar do Homem, e vice-versa. Cada princípio ou entidade, incluindo o Homem, é simultâneamente sim e não, é ambivalente. Daí a ambiguidade dinâmica do Universo. Aliás, tal ambiguidade já Fernando Pessoa agudamente a assinalou, em 1912, como característica da metafísica subjacente à «nova poesia portuguesa», isto é, à poesia saudosista: «A suprema verdade que se pode dizer duma coisa é que ela é e não é ao mesmo tempo»; «uma afirmação é tanto mais verdadeira quanto maior contradição envolve.

Dizer que a matéria é material e o espírito espiritual não é falso; mas é mais verdade dizer que a matéria é espiritual e o espírito material» (*A Nova Poesia Portuguesa*, p. 79). Portanto, uma visão integradora, que reduz o diverso ao uno, supera e completa, em Pascoaes, a visão dualista das polaridades: «o *sim* contém o *não*, e vice-versa» (conferência *Pro Paz*, p. 49).

Voltemos a dois exemplos já enunciados: o da relação tempo-eternidade e o da relação Deus-Homem. Pascoaes sente de modo bem vivo o deslizar inelutável do tempo: exprime percucientemente o contraste entre a ilusão de permanência, produto duma atitude prospectiva, e o sentimento da fugacidade, derivado duma atitude retrospectiva: «O dia de hoje não tem fim... e já passou! Ele, que foi de pedra sobre nós, volatilizou-se: é o dia de ontem. Seu vulto cruel embrandeceu: os minutos que o formaram perderam-se uns nos outros; desapareceram todos no incêndio do Poente... E o dia de ontem é tão distante como o primeiro dia da infância! É um dia que nunca existiu...» (*O Bailado*, p. 124). As palavras do poeta-pensador traduzem aqui de modo admirável a incessante redução do concreto ao abstracto; do tangível à vida atenuada, esfumada, da memória; da existência à não-existência a que ele chama *vida*.

O presente é a linha imaginária que separa o passado (ilusão da memória) do futuro (ilusão da conjectura). Nesses dois mundos de irrealidade *vive* Pascoaes; ninguém mais afastado do apego à sensação imediata que dita o *carpe diem*. Mas, como ponderou Unamuno, o eterno e o temporal estão, para o Homem, estreitamente enlaçados, sendo, como são, duas dimensões da existência concreta. O anelo de eternidade é tão essencial no Homem como o ser no tempo. «O próprio temporal — esclarece François Meyer, ao fazer a exegese do pensa-

mento de Unamuno —, longe de constituir desenvolvimento passivo duma realidade já conclusa, é, por seu turno, em parte ao menos, a fonte viva e criadora do eterno [...] A ideia da preeminência lógica e ontológica do eterno sobre o temporal cede o lugar a uma *relação* recíproca em que tanto um como outro termo constituem igualmente o ser do outro [...] A relação entre o eterno e o temporal não é, pois, de modo nenhum, em Unamuno, a de dois planos do ser, mas a de duas dimensões contraditórias e necessàriamente unidas em sua mesma contradição» (*La Ontología de Miguel de Unamuno,* trad. espanhola, Madrid, 1962, pp. 55 e 58). Ora, em Teixeira de Pascoaes, também se revela o sentimento do que Unamuno chama «a harmonia sempre *in fieri* do eterno», o sentimento de que o eterno brota contìnuamente do temporal ou o inverso: «O tempo corre através da Eternidade, ou antes, a Eternidade agita-se e é o tempo. O tempo repousa e é a Eternidade... / A Eternidade é o tempo adormecido. O tempo é a Eternidade viva, com inúmeras visagens tumultuosas representando a sua dor...» (*O Bailado,* p. 73). «O mar é a Eternidade, a onda é a hora [...] A onda regressa à intimidade calma do mar. A hora funde-se, outra vez, na Eternidade [...] A Eternidade é a sombra do tempo — o tempo estagnado em abismáticas funduras. E o tempo é Eternidade viva, a Eternidade em acção dramática e corpórea» (*ibid.,* p. 79).

Paralelamente, Deus e o Homem são interdependentes: «Dios y el hombre — diz Unamuno — se hacen mutuamente... Dios se hace o se revela en el hombre, y el hombre se hace en Dios.» Deus tem uma existência imanente no Homem, é uma projecção do anelo humano de absoluto. Quanto mais humano, mais divino — pensa por seu turno Pascoaes: «Paulo humanizou Deus absolutamente. À força de ser homem é que Jesus alcança a divin-

dade, é que Deus é Deus» (*São Paulo*, 2.ª ed., p. 14). Deus existe porque o Homem acredita nele, é um Criador filho da Criatura. «Acreditai até numa ilusão, / E nela encontrareis a realidade. / Acreditai em Deus e logo Deus / Será, presente e vivo, lá nos céus» (*Cantos Indecisos*, CIX). Mas Pascoaes hesita entre duas alternativas: não obedece o Homem a forças ocultas? Não será esta vida carnal um arremedo da Vida absoluta, como o tempo um filho da Eternidade, e os homens sombras platónicas de arquétipos? A vida espiritual alimenta-se da dúvida. «Somos um eterno conflito, duas palavras em conflito: *sim* e *não*» (*São Paulo*, p. 21).

A filosofia pascoaisiana da saudade oferece-nos mais uma faceta deste pensamento simultâneamente dilemático e totalizante. Toma como ponto de partida uma longa experiência pessoal * coincidente com a definição de Duarte Nunes de Leão, que considerava a saudade um misto de lembrança e desejo. «O *desejo* é a parte sensual e alegre da Saudade, e a *lembrança* representa a sua face espiritual e dolorida, porque a lembrança inclui a ausência duma cousa ou dum ser amado que adquire presença espiritual em nós. A dor espiritualiza o desejo, e o desejo por sua vez materializa a dor. Lembrança e desejo confundem-se, penetram-se mùtuamente, animados da mesma força vital e assimiladora, e precipitam-se depois num sentimento novo que é a Saudade» (*Arte de Ser Português*, 2.ª ed., pp. 98-99). Pela força dinamizadora da esperança (ou desejo) contida na saudade, a lembrança

---

* De facto, muito cedo em Pascoaes (e, paralelamente, em Correia de Oliveira) se exprime uma vivência saudosa que um pensamento poético vai elaborando. Esse um dos motivos de interesse do poema *Belo* (Coimbra, 1896); aí se lê, por exemplo: «A saudade o alegrava e entristecia... / É que ela faz a dor e o prazer, / Como a mesma luz faz a noite e o dia...» (p. 12).

do passado converte-se em «lembrança do Futuro», a noite amanhece, o fim torna-se começo, a morte vida: «Sou, em futuro, o tempo que passou; / Em mim, o antigo tempo é nova idade» («Poeta», in *Sempre*, p. 9). «E entre as ermas Lembranças, a sorrir, / Percebia-se o vulto da Esperança. / Era a imagem das cousas que hão-de vir, / A divina lembrança do Futuro» (*Marânus*, XVII — «Revelação Final»). «Cultivai a infância. Aproximai-vos da vida anterior, isto é, da morte. Se conseguirdes atingi-la, ireis ao próprio seio do Futuro» (*Verbo Escuro*, pp. 122-123). O pensamento de Pascoaes (e nisto se singulariza em relação a Unamuno) irradia confiança, um optimismo criador*. O espírito subtrai-se ao envelhecer, à *morte* (no sentido atrás indicado) porque nele sobrevive a infância e a primavera se renova: Pascoaes divisa «a Esperança impelida pela Lembrança no seu ímpeto criador; a névoa escura rasgando os seios donde salta o primeiro raio primaveril» (*Os Poetas Lusíadas*, p. 307). «Viver é um eterno ressurgir, peso bruto que se imponderaliza e voa, radiante» (*São Paulo*, p. 17). A voz do poeta é uma voz genesíaca: «Sou tudo o que há-de ser, tudo o que há-de existir, / Sou tudo o que uma alma, em êxtase, pressente... / Sou a voz do Futuro, essa voz que há-de ouvir / Tudo o que sonha e vive, o que estremece e sente!...» (*Jesus e Pã*, p. 66). Pascoaes venera em Junqueiro

* As afinidades entre Unamuno e Pascoaes atrás enunciadas apenas terão o mérito de sugestões para um estudo, ainda por fazer, das relações intelectuais entre os dois escritores. A tragicidade erma de Unamuno é muito atenuada, em Pascoaes, pela melancolia elegíaca e pelo optimismo transcendente; o poeta português evade-se frequentemente para o seu reino de fantasmas, antegozando a voluptuosidade do não-ser; e o seu pensamento combina elementos heterogéneos. Sobre as diferenças entre Unamuno e Pascoaes cf. Joaquim de Carvalho, in prefácio do *Epistolário Ibérico*, e Óscar Lopes, in *Estrada Larga*, I, pp. 58-59.

a *Oração à Luz*, «o milagre doirado e amanhecente da nossa poesia»; e o certo é que lhe prolonga a mensagem de esperança. O mesmo optimismo anima o *Regresso ao Paraíso*, onde o «Deus infante» inicia uma nova era de «vida viva e natural», e onde Adão, por obra e graça da Saudade, recupera o Paraíso, a vida pura, ilimitada, da infância.

A ambição de abranger em síntese os contrários é uma das constantes do pensamento de Pascoaes. Situando-se em atitude heterodoxa para além do Bem e do Mal, aceita-os como princípios essenciais do Universo, do mesmo modo que a Ironia e a Tragédia, a Dúvida e a Fé, o Paganismo e o Cristianismo, o Desejo e a Lembrança — elementos constitutivos do Todo, em permanente e fecunda tensão. Esta atitude, que já claramente se revela em *Regresso ao Paraíso*, continua a exprimir-se nos escritos da última fase: «drama e comédia, inferno e paraíso, é tudo um. E assim estamos no céu e no inferno, ao mesmo tempo, como estamos na Terra e na Lua, no Presente e no Passado» (duma conferência, inédita, sobre João Lúcio, datada de Maio de 1951).

Dos textos aduzidos ressalta ainda o carácter problemático, antidogmático, deste pensamento. Pascoaes não veio trazer-nos soluções, mas inquietação. A missão que assumiu foi a de arrancar-nos à esterilidade das certezas, portanto à morte do espírito, como ele a entendia. Espreita em Pascoaes o «demónio» da ironia que o leva a propor-nos uma «verdade» para logo a seguir no-la apresentar como falsa. Homem de vocação religiosa, a sua crença alimenta-se de dúvida: crê em Deus porque é absurdo, crê em Deus porque Êle não existe. «Ai do pensamento que se mostra definido! Torna-se estéril e mesquinho... *Definitivo* quer dizer esqueleto» (*Verbo Escuro*, p. 103). «Uma definição terminante é sempre falsa» (*O Homem Universal*, p. 24). «O andar

é tudo: princípio e fim. A questão é andar e não parar; subir o monte que sobe, à nossa frente, nimbado da anunciação dum Deus em perpétuo nascimento» (*São Paulo,* p. 22). Todas as «verdades» (aforismos, axiomas) que Pascoaes proclama, em prosa e verso, com a segurança dum iluminado não passam, afinal, de momentos dum processo dialéctico sem fim, *perpetuum mobile.* O que realmente importa é procurar, não encontrar, interrogar, não responder. É o dinamismo do pensamento dramático de Unamuno que atrai e subjuga o poeta das *Sombras:* «A fé apoiada na incerteza! Há lá visão mais dramática de Deus?! Como o seu espírito é um céu de tempestade ocultando e entremostrando Deus: entremostrando-o à nossa dúvida, ocultando-o à nossa Fé» (carta de Pascoaes a Unamuno, de Fevereiro de 1914).

Como não sou filósofo, não vou pronunciar-me sobre a validade filosófica da metafísica de Pascoaes e deixarei a outros a tarefa de a inserir na linha evolutiva da filosofia europeia. As simples opiniões são várias. Lamentam uns que o asceta do Marão não tenha repousado o espírito inquieto nas certezas do catolicismo. Dizem outros que o pensamento de Pascoaes sofre do alheamento das realidades, do divórcio entre intuição poética e espírito científico, entre especulação e acção. E consideram-no superado. Haverá quem o acuse de ter jogado com abstracções vazias de sentido, como Liberdade ou Eternidade, e de ter substituído raciocínios por palavras «sublimes». O próprio poeta reconhece, aliás, as miragens da palavra e os perigos da embriaguez verbal: «Abusamos do verbo, como do álcool ou de tudo que nos excita os nervos e lisonjeia o paladar. Com que prazer exasperamos a fogueira!» (*O Homem Universal,* p. 145). «Lidamos sempre com palavras, ou vazias de sentido ou cheias dum sentido ignoto» (p. 196). O que, porém,

se não pode negar ao pensamento pascoaisiano, independentemente duma adesão inteira ou parcial, é a grandeza da autenticidade, a força poética, a altura das preocupações. Se as suas visões são quiméricas, Pascoaes professou toda a vida a Quimera com uma fidelidade assombrosa, marca duma excepcional qualidade humana. Encarnou de modo único na história da literatura portuguesa o ideal romântico do poeta mensageiro do divino, profeta, guia das almas. Quem, senão ele, poderia dizer com profunda seriedade: «Medroso e alvoroçado, vou andando / Nas alturas fantásticas do céu»?

O SENTIDO NACIONAL: O SAUDOSISMO

Mas só ficou, então, naquela Serra
A Virgem da Saudade; a Glória, a Graça,
O místico Esplendor da nossa terra,
Sua Flor evangélica e divina.

(*Marânus*, XVIII)

A conjuntura nacional, nos primeiros tempos da República, e a formação, em 1911, da sociedade «Renascença Portuguesa», animada do propósito de restituir aos Portugueses a consciência dos seus valores originais e de promover um ressurgimento nacional, deram oportunidade a Pascoaes para desenvolver um dos aspectos essenciais do seu pensamento poético: a «filosofia da Saudade». Pascoaes, que dirigiu literàriamente a revista *A Águia* entre 1912 e 1916, entregou-se com entusiasmo a uma campanha de incitamento e doutrinação através de artigos, de conferências (*O Espírito Lusitano ou o Saudosismo, O Génio Português, A Era Lusíada*) e de livros (*Arte de Ser Português, Os Poetas*

Lusíadas). Convencido de que uma análise do complexo psicológico implícito na saudade poderia revelar aos Portugueses a «alma» colectiva, empreendeu o estudo das virtualidades do sentimento saudoso ao longo da história da espiritualidade portuguesa (poesia, lendas, mitos), identificando o sebastianismo (saudade de D. Sebastião e desejo do seu regresso) com o saudosismo. Quem leu as páginas precedentes sobre o optimismo transcendente de Pascoaes, o seu jeito de profeta da antemanhã, anunciador da Redenção, não se admirará de que o poeta do *Regresso ao Paraíso* tenha colocado o acento tónico sobre o elemento activo da saudade — a esperança, o desejo — e tenha confiado fervorosamente no saudosismo para a preparação dum Renascimento pátrio*.

A palavra «saudosismo» não serviu apenas para designar uma tendência típica da espiritualidade portuguesa**. Aplicou-se também a um movimento ou escola poética que pôs em foco e reatou essa tendência e que já se configurava em 1910, antes do aparecimento de *A Águia* (Leonardo Coimbra, num artigo de *A Pátria* de 25-IX-1910, afirmava que o *paganismo espiritualista* era então «a mais alta manifestação da nossa poesia», com expoentes como Junqueiro, Pascoaes, Correia de Oliveira, Jaime Cortesão e Augusto Casimiro). Desta escola já Pascoaes ousava falar no n.º 3 de *A Águia* (1.ª série, 1911), considerando-a «a primeira escola autênticamente portuguesa; essencial, religiosamente portuguesa». A ela teriam pertencido, por tendências comuns que não impediram o traçado de trajec-

* Em prosa e verso, anunciou o regresso do «Rei da Saudade», por entre o nevoeiro («A Noite Lusíada», in *Verbo Escuro)*, e «rezou» a vinda do Encoberto («Oração Sebastianista», in *A Águia*, 1922).

** «O Saudosismo (nome que eu dou à Religião da Saudade)...» (*O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, p. 11).

tórias pessoais, os poetas atrás referidos, Afonso Duarte e outros. Por extensão do conceito, contaria com um filósofo-poeta, Leonardo Coimbra, e com um pintor-poeta, António Carneiro. Mas, como já observei noutro lugar, «termos como Saudosismo ou Neo-Sebastianismo só parcialmente descrevem o movimento». Para além da visão do mundo pròpriamente saudosista que se exprime, por exemplo, em *Marânus*, e que nem todos aqueles poetas partilham por igual, o que aproxima de Teixeira de Pascoaes um Correia de Oliveira ou um Lopes Vieira é o serem participantes dum Neo-Romantismo que se filia em Garrett, em António Nobre, no Junqueiro da *Pátria*, de *Os Simples* e das *Orações*, e rejeita, dum modo geral, os fermentos cosmopolitas, «modernos», dum Cesário Verde, dum Nobre, dum Eugénio de Castro ou dum Camilo Pessanha.

«Firmes no seu nacionalismo literário e no seu espiritualismo, os homens de *A Águia* crêem na literatura como agente de engrandecimento pátrio, esperam com fé juvenil, proclamam a existência duma alma nacional, remontam às origens para a fazerem reviver, procuram renová-la e torná-la consciente. São homens de intuição e afecto, mais expansivos que reflexivos. O que distingue este Neo-Romantismo do nosso primeiro Romantismo é, por um lado, certo misticismo panteísta ou pampsiquista que dá à poesia um sentido cósmico: entende-se a poesia como aventura espiritual, busca-se a associação da poesia e da filosofia ou pelo menos de certa filosofia intuitiva; Pascoaes e Leonardo Coimbra dão-se as mãos. Por outro lado, não obstante o conservantismo das formas poéticas, incluindo o léxico, a sintaxe, a versificação, e certo pendor oratório (tão longe dos modernistas do *Orpheu!*), os chamados saudosistas mostram uma singular capacidade para esfumar o concreto, insinuando a osmose

do real e do imaginado, abolindo fronteiras entre o objectivo e o subjectivo; usam de linguagem mais fluida, mais subtil que a dos primeiros românticos; algo aproveitaram, claro está, da experiência pós-romântica» («O Saudosismo e os seus valores individuais», in *Estrada Larga* — I, p. 44).

E Pascoaes foi ainda mais longe: ligou ao Saudosismo um corpo de ideias pessoais — religiosas, políticas — que, em certos casos, só muito remotamente se prendem à saudade. Defendeu, por exemplo, a criação duma igreja lusitana autónoma, adequada à natureza particular da religiosidade portuguesa, que, por saudosa, seria ao mesmo tempo pagã e cristã, visto a saudade conter um elemento cristão — a lembrança — e um elemento pagão — o desejo. Preconizou um Estado português constituído por três «famílias» — a rural, a urbana (burguesa) e a operária — que teriam os seus representantes eleitos. À família rural pertenceria «o culto da tradição histórica, literária, artística e religiosa, firmando as primordiais qualidades da Raça, que ela defenderia das estranhas influências fàcilmente recebidas pelas populações urbanas» (*Arte de Ser Português*, 2.ª ed., p. 54). A família urbana «representa já uma força de transformação, revolucionária, que a *família operária* (terceiro estado) encarna verdadeiramente» (*ibid.*). Pascoaes advogou ainda uma organização municipalista: «Os Municípios devem ser o ponto de contacto entre a Família e a Pátria, dimanando o Estado directamente daqueles, sem os terríveis intermediários que têm o nome de partidos, facções, clientelas, etc.» (*ibid.*, pp. 59-60). Na fase de mentor da «Renascença Portuguesa», como se vê, Pascoaes, o contemplativo, o sonhador, arvorou-se em doutrinário voltado para a acção. Mas não era realmente feito para estas lides; e o certo é que a pureza da sua poesia algo sofreu com a interferência do saudosismo enquanto sistema de ideias.

O SENTIDO HUMANO

Quisera arder em louco sentimento
Para aquecer os nus e os desgraçados.
Ser um luar de vago encantamento
E alumiar os transviados.

(*Versos Pobres*, XXXIII)

Na concepção de Pascoaes, a poesia, logo o pensamento poético, inclui um sentido local, nacional, e um sentido universal. A poesia tende a unir todos os homens por laços de fraternidade; o poeta superior, isto é, religioso, prega a harmonia e o amor. «Acima da poesia amorosa e patriótica, a poesia religiosa cria a unidade das Pátrias em Deus, a sua concordância fraterna num ideal cada vez mais belo e perfeito» (*Os Poetas Lusíadas*, p. 11). Até a «filosofia da Saudade», destinando-se primordialmente aos Portugueses, tem um alcance universal, e, operado pela Saudade o Renascimento nacional, este Renascimento, crê Pascoaes, iluminará o mundo inteiro: «o génio português acenderá, sobre a terra, uma Vida nova» (*O Génio Português*, p. 19).

Por temperamento ou vocação, Pascoaes é muito mais um solitário que um homem convivente. Prefere a companhia das árvores e das sombras: «Para que foi, Senhor, que ao mundo vim, / Se eu nasci para amar ùnicamente / A mais sequinha flor do meu jardim / E o bailado das sombras, no poente?» (*Cantos Indecisos*, XXIII). Como «o doido vento», o seu coração «só ama o que há-de vir e o que passou» (*Ibid.*, XXIV); à presença antepõe a ausência. Reconhece com pena que lhe falta calor humano, capacidade de entrega: «O amor à solidão é anti-

-humano. Mas, ai de nós, que vivemos na solidão, como as vozes se ouvem no silêncio» (*O Homem Universal*, p. 137). Tem de obedecer à lei do homem superior, «anarquista» ou anti-social por natureza: «Cada homem, moralmente, é uno e absoluto; mas tem de conviver, de atenuar a sua personalidade [...] A convivência só é possível entre pessoas reduzidas a uma presença negativa ou oca, que ceda constantemente. Daí, o vazio da sociedade, imenso fantasma composto de inúmeros defuntos. Um homem superior é anti-social ou criminoso. O seu destino é o cárcere e o deserto» (*Ibid.*, p. 177). Não dissera Hegel que cada consciência ambiciona a morte do *outro*? Egocêntrico, Pascoaes fechou-se na tebaida de Gatão, e só de tempos a tempos desceu às grandes urbes.

Todavia, o lado cristão, e até franciscano, da sua delicada sensibilidade leva-o a interessar-se pelas dores e injustiças do mundo. Se virmos bem, há uma constante social na sua obra — e este é um aspecto que, incipiente já nos primeiros versos, ganha relevo em *Jesus e Pã* (1903): «Sinto a cólera ideal dos grandes indignados / E um clarão de furor sobre os meus olhos torvos! / Aos meus ouvidos vêm gritos de desespero, / E a Justiça a gritar, sòzinha, por mim passa!» (pp. 30-31). Esta faceta social torna-se a principal característica de *Para a Luz* (1904), o que provàvelmente se deve ao facto de Pascoaes escrever sob a impressão recente do suicídio do irmão António, que se julgou perseguido por defender ideias avançadas. Já não se trata apenas de afirmações abstractas, mas antes, no *Para a Luz*, de quadros, esboços, perfis que nos apresentam concretamente as vítimas da injustiça social («Inverno», «Mendiga», «A Fábrica», «Uma Sombra»). A atmosfera é de miséria citadina, baça, con-

frangedora. O tom faz-nos lembrar *A Alma Nova* de Guilherme de Azevedo:

A minha Musa agora é sombria mulher,
Que, faminta e descalça, eu vejo em qualquer parte.
Quero encontrar na noite a luz do alvorecer
E nuns farrapos de mendiga uma obra d'arte.

(p. 9)

Contudo, a cada passo, e principalmente na segunda parte da colectânea, abre caminho a tendência do poeta para esfumar o concreto, associar a figura humana aos elementos da Natureza, diluir a indignação em sonho e êxtase. Nos lábios dessa Musa ouve-se o murmúrio das fontes e a voz do Sete-Estrelo. Depois de a encontrar, o poeta evola-se, misticamente, nas alturas: «Todo o meu corpo foge, em fumo, pelo espaço, / Toda a minh'alma eu vejo a desfazer-se em luz!» (p. 11). A vocação mística de Pascoaes, o seu optimismo metafísico acabam por levar a melhor: «Que eu viva no Absoluto e no que não tem fim!» (p. 136); «Um novo Apolo vai tocar a nova Lira... / E na água que se bebe e no ar que se respira, / Nas nuvens onde dorme a clara luz dos Céus, / Palpita um novo amor, murmura um novo Deus...» (p. 147); «A vida é uma harmonia absoluta, infinita, / São o homem e a pedra o mesmo canto etéreo!» (p. 152). E a cidade, com a urgência dos seus problemas, esbate-se na distância.

Não volta a encontrar-se noutros livros o «ódio redentor» que lateja em *Para a Luz*. Encontra-se, porém, uma simpatia universal, um amor que se estende, fraterno, a todas as criaturas, abraçando os pobres e os tristes do mesmo modo que as árvores, as pedras humildes e as estrelas. Amor de natureza religiosa, radicado num profundo respeito

pelo mistério de todas as almas. Perpassam vultos de camponeses: «Gente da minha aldeia, no trabalho... / Magros vultos curvados sobre a enxada...» (*Sempre*, pp. 20-21). Vultos de emigrantes, «troncos desarraigados pelo vento». Vultos de mendigos: «O velho, o órfão, a viúva... / Magros perfis de dor, à fome e à chuva, / Sobre a terra morta» (p. 28). A «Prece» da *Vida Etérea* é um repetido apelo ao amor: «Almas gémeas da minha, amai as criancinhas, / Nas ruas a esmolar, enfezadinhas. // // Almas gémeas da minha, entrai com todo o amor / Nos negros antros trágicos da dor.» Idênticos motivos inspiram outras poesias. E, nos escritos em prosa da última fase, os princípios de justiça, imperiosos como ditames que são da consciência, adquirem expressão incisiva: «Pão e liberdade! Quando Voltaire baptizou, em Paris, um filho de Franklin, pousou a mão direita na cabeça do rapaz, e disse: *God and liberty*. Esqueceu-se do pão. E foi o erro da Revolução francesa, esse erro de que sofre ainda a Humanidade» (*Duas Conferências em defesa da Paz*, p. 46). Comparece no poeta a consciência dostoievskiana de que cada um é solidário com todos e responsável pelos demais: «Ofender um homem é ofender a Humanidade. Basta a miséria dum desgraçado para que todos nós sejamos miseráveis» (*Guerra Junqueiro*, p. 36). Mais uma vez, agora no terreno político, Pascoaes tenta a síntese dos antagonismos: «Ser anarco-comunista ou cristão-pagão é defender a justiça espiritual e a económica, o direito à liberdade de pensar em voz alta e ao pão nosso de cada dia» (*A Minha Cartilha*, p. 33). «Vivamos, enfim, no *Faça-se a luz!* e no *Amai-vos uns aos outros!* Faça-se a luz é o grito do anarquista. Amai-vos uns aos outros é o dos comunistas» (p. 40). O pensador mantém-se fiel ao poeta, porque a mensagem deste, como ele a concebe, é um apelo à fraternidade, à união de todos para o

bem e para a vida do espírito. «Orfeu, tocando a lira, amansava as feras. Que a divina Harmonia anime as almas que presidem ao destino dos Povos, e todas as almas, para que todas se reconheçam como irmãs» (*Guerra Junqueiro,* p. 38).

A ESTÉTICA DA POESIA

O sol não vê a luz,
E não sabe que tem perfume a violeta.
E, assim como o Senhor não conheceu a cruz,
Ignorante de versos é o poeta

(*Cantos Indecisos,* II)

A estética de Pascoaes decorre do culto do *vivo,* sinónimo do criador, do espontâneo, que está no cerne da sua metafísica. É a estética romântica do poeta inspirado que, possesso do divino, não precisa de buscar palavras, porque elas vêm ao seu encontro. N'*Os Poetas Lusíadas,* ao dissertar sobre poesia culta e poesia espontânea, dá, claro está, a precedência a esta última: «Ao lado da poesia espontânea e imperfeita, aparece a poesia culta e perfeita, opondo o equilíbrio estático das suas formas à fuga desordenada e criadora da verdadeira inspiração, que é uma força da Natureza, visando um fim sobrenatural» (p. 14). Segundo este prisma, o poema é um dom; o autor, uma espécie de *medium,* que escreve sob ditado, ao «sopro de Deus», em comunhão com o Todo universal; não obedece a leis externas, pré-estabelecidas, é o que tem para dizer que determina a forma adequada: «A emoção poética, ao condensar-se em corpo verbal, ela própria o afeiçoa e lhe imprime a medida e o ritmo. A ideia e a palavra nascem do espírito do Poeta, num mesmo jacto em

fusão que jamais arrefece [...] A variedade de ritmos faculta à emoção vivente o ela espraiar-se, intacta, sem mácula que a deforme ou diminua. E nesta variedade de ritmos consiste, portanto, a verdadeira harmonia» (*O Génio Português*, p. 18). Voltando ao sistema de símbolos pascoaisiano: se a poesia é *vida*, liberdade plena, é febre, lume, delírio — o contrário da lucidez, da fria inteligência: «Poetas, deixai cantar o vosso coração. A inteligência conhece a Liturgia, mas ignora a Divindade» (*Verbo Escuro*, p. 3).

A poesia de Pascoaes ajusta-se inteiramente às suas ideias estéticas? Não há dúvida que o poeta de *Terra Proibida* pertence à família romântica dos poetas «inspirados», cujo verbo se espraia, fácil e caudaloso. Não há dúvida que muitas vezes adopta a variedade de ritmos. Mas nenhum autor de poesia versificada, por mais «inspirado», se poderá dizer «ignorante de versos». E Pascoaes, que compôs muitos, e bem estruturados, sonetos, não deixou de aprender a arte poética tradicional. Aliás, afirmando-se aqui também o seu desejo de integração dos contrários, não rejeitou por completo a disciplina do classicismo, como não pôs de lado a oratória dos primeiros românticos. Também o verso é alma e corpo, música e plástica. Pascoaes chegou a definir o verso saudosista como *verso escultural*, não passando este afinal (comenta António Sérgio) do verso clássico *. E defendeu uma estética de condensação: a emoção

---

* «O *saudosismo panteísta*, revelador dos aspectos viventes e misteriosos da Criação, é escultural, por essência. O seu ritmo poético descreve linhas firmes, mas não paradas e inertes, porque entram na formação de Figuras vivas; lembram mármores, ora intensificando-se em evidência lívida, como neste verso de António Correia de Oliveira: «Contundentes relâmpagos redondos», ora alando-se em fluidez e transparência, como neste verso de Augusto Casimiro: «Cores e som e água e horizontes» (*O Génio Português na sua expressão filosófica, poética e religiosa*, p. 27).

seria trabalhada, não de fora para dentro, mas interiormente, até se atingir pelos meios mais simples a mais forte expressividade: «A alma deve aparecer, na obra de arte, sem intermediários nem disfarces, e dizer sòmente estas pequenas frases em que ela se condensa. Não me refiro à lógica, ao número, à medida, aos moldes clássicos; mas ao próprio espírito intensificando-se até conquistar a máxima vida dentro do menor corpo — a forma acesa e cristalina» (*Verbo Escuro*, p. 66). Se a poesia do autor d'*As Sombras* não raro se apresenta brumosa, indecisa, o facto deve-se à índole nocturna da inspiração, que não ao modo de comunicar, isento, em grande parte, das subtilezas da escola simbolista.

Por 1912, quando já publicara uma dezena de livros de poesia, começou T. de Pascoaes a acalentar o projecto de refundir a sua obra, fruto, muitas vezes, duma espontaneidade não vigiada. A consciência de «sofrer de pouca arte» (para usarmos a expressão de Fernando Pessoa) manifesta-se, por exemplo, na carta a Boavida Portugal de Setembro desse ano: «O meu *pensamento poético* desenvolveu-se em mim com tal rapidez que, para não lhe ficar atrás, tive de o exteriorizar em livros escritos à pressa. Compreende-se, portanto, a necessidade de corrigir e aperfeiçoar a minha obra...» (*Inquérito Literário*, p. 29). No ano seguinte, comunicava a Unamuno: «Eu ando agora a refazer a minha obra que foi escrita à pressa. De resto, agora sinto-me senhor da minha expressão.» Desnecessário seria, portanto, que Leonardo Coimbra, em 1917, lhe recomendasse a revisão dos livros de poesia em novas edições, «revisão aliás fácil — acrescentava — pois a Beleza está atingida e revelada, há talvez só repetição e prolixidade a suprimir» (carta inédita). Nessa data, já Pascoaes metera ombros à grande tarefa. Em 1915, dera a lume a 3.ª edição do *Sempre*, refazendo por completo a 2.ª edição, de 1902, e

em 1917 publicou em 2.ª edição, também totalmente refundida, a colectânea *Terra Proibida*. Trata-se, pràticamente, de obras novas, embora persistam os temas, a atmosfera afectiva e as traves mestras do pensamento poético. São em número muito reduzido as composições insertas na 1.ª edição de qualquer dessas colectâneas que se conservam, embora modificadas, na edição definitiva.

Portanto, se Pascoaes, na primeira fase da sua carreira de poeta, com efeito seguiu uma estética de espontaneidade, veio a reconhecer os prejuízos que daí resultaram e decidiu lançar-se, em repetidas refundições, à necessária «luta pela expressão». É que nem sempre as palavras que vêm, solícitas, ao encontro do poeta dizem fielmente o que palpita na sua alma. Mais uma vez a realidade se apresenta dúplice. Serão as palavras divinas, porque «o Verbo é Deus» (*Guerra Junqueiro*, p. 7)? Será o nome dum ser «o próprio ser / miraculosamente transfundido / para sonora imagem cristalina» (*Regresso ao Paraíso*, p. 85)? Ou também as palavras atraiçoam, como Pascoaes, desenganado, parece reconhecer? «Exprimimos o que imaginamos pensar, isto é, o que pensamos falando, não o que pensamos em silêncio. Mas não exprimimos o nosso pensamento verdadeiro, esse que nos foge das palavras e se perde no infinito da nossa intimidade» (O *Homem Universal*, p. 187).

CRITÉRIO DA PRESENTE EDIÇÃO (E, A PROPÓSITO: OS «JUVENILIA»)

Esta edição corresponde ao propósito de tornar acessível, num *corpus* único, a obra poética de Teixeira de Pascoaes. Apenas ficam excluídos o livro de

estreia, *Embriões*, que, escrito nos verdes anos, o autor com bons motivos repudiou, e a sua colaboração em *Profecia — Por dois Poetas* (1900?), panfleto em verso contra a Inglaterra, saído anónimo mas devido às penas de Pascoaes e de Afonso Lopes Vieira. Foram também eliminadas composições poéticas dadas a lume em *A Flor do Tâmega*, a partir de 1895.

Foi, com efeito, nesse jornal de Amarante (n.º 437, Ano IX, de 21 de Abril de 1895) que o poeta viu em letra redonda os seus primeiros versos. Lê-se aí, na secção «Ruge-Ruge»: «Tenham paciência, srs. incógnitos, por, nem sempre, poderem ser ouvidos. Agradecemos a sua oculta visita que muito nos tem auxiliado, mas só depois de avaliarmos as aproximações da verdade é que as fazemos rugir. Destas, recebemos um mimo dum modestíssimo académico do nosso Liceu, uma esperança da nossa querida Amarante. Ei-lo:

FUTURO SPES

(AO ARTISTA
JOSÉ COELHO DOS SANTOS)

Existe ainda uma Luz cá neste mundo,
Neste pântano escuro, esverdeado,
Neste oceano de dor que não tem fundo.

Nesta raiva feroz dum condenado,
Nesta lágrima infeliz que o bom Jesus
Derramou lá, no céu, crucificado...

Deixando-o assim cair, como uma lança
Dum soldado que expira moribundo
No espaço infinito da esperança...

Neste monturo tétrico e medonho,
Neste enorme covil d'hipocrisia,
Onde a verdade existe como um sonho!...

Neste túmulo triste e sanguinário,
Onde rebenta a flor da podridão,
Onde caminha o «vício milionário»...

Essa Luz que ilumina a solidão,
Esse facho repleto d'esplendor,
Essa fogueira enorme dum vulcão!

É que, numa hora e mesmo num momento,
A Verdade e o Belo e a Alegria,
Expiram sem um único lamento!...

TEIXEIRA DE PASCOAES

Como recebemos mais duas visitas intituladas *Perfis locais — quintilhas à toa,* descrevendo com graça e verdade alguns cavalheiros que merecem a estima (se é que são os que nós decifrámos). Continue, que temos a honra de os receber de luva e gravata, no fecho desta secção.»

Esta composição, bastante frouxa, como se vê, e repassada dum pessimismo convencional, que é uma das marcas da primeira fase do poeta, seria incluída nos *Embriões.* O nome literário — Teixeira de Pascoaes — estava achado. Entretanto, *A Flor do Tâmega* iria publicando, em sucessivos números, além dos tais *Perfis locais* (versos de gazetilha, bem humorados, de caricatura amável), algumas outras composições, como «A Morte do Rude Proletário — O Cair da Noite», que ficou incompleta, e «Confissão», soneto epigramático dirigido ao Papa (n.os 447 e 453). No n.º 458, de 15 de Setembro de 1895, o redactor de «Ruge-Ruge» anuncia para breve a

publicação de *Embriões* de Teixeira de Pascoaes, «que há cerca dum ano se tem aplicado ao estudo da poesia, mostrando ter centelha poética, inspirado um pouco na escola realista». A poesia «A F.M.», inserta no n.º 464, de 27 de Outubro, exprime o desespero do autor, recém-chegado a Coimbra, por estar longe da mulher amada: «E eu... longe... longe... pela noite escura... / Longe do murmúrio duma fonte pura, / A matar, cá dentro, um chorar sem fim!» O n.º 471, de 15 de Dezembro, contém um poema em prosa — *Frases Bíblicas* («ao meu Alberto Castro») por Teixeira de Pascoaes —, datado de Coimbra, 5-12-95, e transcrito dum jornal conimbrigense. Trata-se de imitação jocosa da escola esteticista-decadentista que se formara em torno de Eugénio de Castro: «Tu, Flor ideal, és o Éter divino que enche o vácuo onde agoniza o meu Coração-Cadáver! És a força que impele este defunto, como a electricidade a coxa duma rã... [...] Os teus dois Olhos — dois farrapos d'Azul, pingados de Rosa e Cravo — são o Oriente feliz onde vai nascendo o Sol da minha Esperança!», etc. Finalmente, o n.º 473 d'*A Flor do Tâmega,* de 29 de Dezembro, traz um longo artigo, não assinado, de crítica às poesias de *Embriões*. Segundo o crítico, Pascoaes pertence ao número dos poetas que só atingem a beleza num estado de transe, com a alma «agitada por uma violenta emoção que desperte vivamente as faculdades superiores». Poetas que criam dum jacto. «Do sublime ao grotesco vai só um passo. Eis o inconveniente supremo desta forma de espírito, a única verdadeiramente genial e criadora.» E, após enumerar defeitos, desculpáveis num livro de estreia, como «alguns versos menos trabalhados», «certos epítetos pouco próprios», «algumas imagens incongruentes», o articulista termina por um elogio de conjunto, que envolve uma descrição sumária de *Embriões:* «Não carece o leitor do pregão da crítica

panegírica para sentir o suavíssimo aroma das bucólicas espirais que se evolam das suas AURORAS; para descobrir o delicado sentimento, repassado de saudades, cortado de desfalecimentos, que poreja nas suas MELANCOLIAS; para se comover perante a tortura moral duma alma batida pelas inclementes rajadas da Dúvida, nas INCERTEZAS, empolgada pela garra adunca da Descrença na PÁSCOA e nos ESCOMBROS. Não há coração de homem honesto que não repercuta, uníssono, o brado de sincera indignação, que o poeta levanta na ENJEITADA, contra o desamparo das crianças, ou que ache imerecidas as pungentes ironias com que castiga a falta de caridade dos Egoístas.»

A primeira composição de *Embriões* (Porto, Tipografia Industrial, 1895; nome completo do autor: Joaquim P. Teixeira de Pascoaes V.) intitula-se «Eras do Passado»; são já memórias da infância, dos tempos em que a «secular criada» lhe contava histórias de monstros e fantasmas, e em que o autor brincava pelas estradas, munido dum bacamarte «feito de cana e pau». E à poesia da infância prende-se o amor da terra-mãe, descobrindo-se, por outro lado, o gosto de meditar, «absorto», na solidão da noite — tudo temas já característicos do autor.

Se Pascoaes, em fase posterior, procurava destruir todos os exemplares de *Embriões*, não desejava também que se divulgasse o facto de ter colaborado com Lopes Vieira no opúsculo *Profecia*, ataque violento à Inglaterra por ocasião da guerra dos Boers. Segundo conta Álvaro Bordalo (in «Aditamento a uma *ficha bibliográfica*», *Gazeta Musical e de todas as Artes*, ano IX, 2.ª série, n.º 99, Junho de 1959), Pascoaes pediu-lhe que não revelasse o «crime» cometido na juventude, e por isso a espécie não veio citada na referida *ficha bibliográfica*. «Correspondendo a um impulso de momento e traduzindo uma reacção que tinha muito de emotivo, os nossos

dois jovens poetas — escreve nesse «Aditamento» Álvaro Bordalo — precipitam-se na confecção da obra e, acto contínuo, na sua impressão, mas, uma vez concluído o trabalho da tipografia, reconsiderando, se não na atitude de revolta contra o violento e injusto agressor dum povo pacífico, pelo menos no desmedido duma expressão excessivamente hiperbólica e a que, inclusivamente, faltaria, por vezes, o timbre do verdadeiro metal, resolveram não lançar no mercado, nem de qualquer maneira pôr a circular a obra recém-impressa. No que toca a Pascoaes, esta resolução foi quase rigorosamente mantida; com respeito a Afonso Lopes Vieira, ignoro-o, mas, se ele distribuiu alguns exemplares, devem ter sido pouquíssimos, dada a ignorância, pode dizer-se geral, em que a obra ficou até há pouco tempo.»

O opúsculo tem doze páginas; não traz nem os nomes dos autores nem indicações de data e local de impressão. Compreende quatro poemas: «A Profecia», «À Irlanda», «À Índia» e «Epitáfio que se lê no túmulo onde jaz a Inglaterra». Penso, com Álvaro Bordalo, que os mais violentos e de maior rasgo — o 2.º e o 4.º — se devem atribuir a Pascoaes. Eis um trecho do último:

Há um sepulcro agora entre as ondas do mar,
Onde o nauta que passa escarra maldições...
Este epitáfio negro ali foram gravar,
Numa pedra maldita, os povos e as nações:

É dentro desta suja e infame sepultura,
Que é uma ilha abandonada, sem ninguém,
Onde repousa o pó da raça mais impura
Que, sendo meretriz, dizia que era Mãe!...
Que espalhara no mundo a civilização,
Quando ela só roubou, matou, incendiou!
Aqui jaz a Inglaterra, em esterco, em podridão,
Que um raio de vingança, um dia, fulminou!

Ao organizador das *Obras Poéticas* de Teixeira de Pascoaes deparava-se ainda um problema: o do critério de ordenação. Quando planeou as *Obras Completas* (edição que ficou inacabada), o poeta pôs de lado a ordem cronológica. De facto, como atrás se disse, certas colectâneas, como *Sempre* e *Terra Proibida*, constituem obras quase totalmente diferentes de edição para edição. Deste modo, também a ordem cronológica das 1.as edições se pode considerar arbitrária. Mesmo assim, decidi adoptá-la, à falta de outra melhor. Em consequência, notar-se-ão grandes desníveis entre obras da primeira fase que não foram reeditadas e que não figuram sequer no plano das «Obras Completas» gizado pelo autor, tais como *Belo* (1896-97), *À Minha Alma* (1898), *À Ventura* (1901), *Jesus e Pã* (1903) e *Para a Luz* (1904), e colectâneas que, tendo sido refundidas em várias reedições — o caso de *Sempre* e *Terra Proibida* — vão ser aqui apresentadas no texto definitivo.

Tal inconveniente será, porém, atenuado pela circunstância de algumas composições de *Sempre* e *Terra Proibida*, como sucederá com outras poesias a incluir em volumes posteriores, serem agora editadas crìticamente. Assim, pelo confronto das variantes, poderá o leitor situar os textos nos sucessivos momentos da sua elaboração, e fazer uma ideia, pelas directrizes a que obedecem as alterações, do modo como evolucionou a arte de Pascoaes. As edições, nas notas de rodapé que contêm as variantes, vão indicadas por letras: por A a 1.ª edição, por B a 2.ª, por C a 3.ª, por D a 4.ª. Não se registam variantes ortográficas, deixando-se tal cuidado para uma edição crítica integral que venha um dia a realizar-se; mas registam-se diferenças na pontuação e no uso de maiúsculas e minúsculas, por terem valor estilístico. A ortografia adoptada é sempre a actual. A supressão de palavras ou versos é indicada por reticências entre parêntesis rectos. Aproveitam-se

ainda na presente edição emendas manuscritas feitas pelo autor em exemplares seus das chamadas «Obras Completas».

A bibliografia (obras e estudos de e sobre Pascoaes) constará do último volume da presente edição.

Antes de terminar esta Introdução, quero exprimir o meu vivo agradecimento à Ex.ma Família de Teixeira de Pascoaes, em especial à irmã do poeta, D. Maria da Glória Teixeira de Vasconcelos do Carvalhal, e ao sobrinho, Sr. João Pereira Teixeira de Vasconcelos, já pelas facilidades que me concederam para a consulta do espólio do escritor e utilização de edições raras, já por alguns dados biográficos que gentilmente me comunicaram.

Lisboa, Janeiro de 1965.

J. DO PRADO COELHO

TÁBUA CRONOLÓGICA *

1877 — Nasce em Amarante, a 2 de Novembro, Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos (Teixeira de Pascoaes), filho de João Pereira Teixeira de Vasconcelos, proprietário rural e homem público. A sua infância vai decorrer no solar de Pascoaes (em Gatão, a três quilómetros de Amarante).

1893 — Aluno do liceu de Amarante, escreve os primeiros ensaios literários.

1895 — Em 21 de Abril, começa a colaborar no jornal *A Flor do Tâmega* com poesias líricas e satíricas. Publica a primeira colectânea de versos, *Embriões* (anunciada em *A Flor do Tâmega* a 15 de Setembro e criticada em artigo do mesmo jornal a 29 de Dezembro). Vai para Coimbra frequentar o último ano do liceu. Morre-lhe a avó paterna, D. Miquelina Amália.

1896 — Matricula-se na Faculdade de Direito. Serão seus companheiros em Coimbra Fausto Guedes Teixeira, Augusto Gil, João Lúcio, Afonso Lopes Vieira, Francisco de Ataíde Machado de Faria e Maia, Abel de Mendonça, João Direito, etc. Publica a écloga *Belo* (1.ª parte).

1897 — Publica a écloga *Belo* (2.ª parte).

1898 — Amor platónico pela principal inspiradora de *Sempre*. Publica *Sempre* (primeira grande colectânea, em que já se afirma uma personalidade original) e o poemeto *À Minha Alma*.

1899 — Publica a segunda grande colectânea, *Terra Proibida*.

---

* Bastante facilitada, na parte bibliográfica, pelo trabalho de Álvaro Bordalo: *Fichas Bibliográficas da «Gazeta do Bibliófilo» — I - Teixeira de Pascoaes*, Porto, 1950.

1900 — É talvez deste ano a *Profecia — Por dois Poetas*, panfleto que saiu anónimo, da autoria de Pascoaes e de Afonso Lopes Vieira.

1901 — Termina o curso de Direito (informação final: 11 valores; merecimento literário: bom). Publica o poemeto *À Ventura*. Em Julho, faz com Faria e Maia, seu companheiro em Coimbra, uma viagem aos Açores (S. Miguel). Regressa a Amarante, onde vai exercer a advocacia.

1902 — Publica a 2.ª edição de *Sempre*, muito refundida e aumentada.

1903 — Publica *Jesus e Pã*. Num exemplar desta obra, que pertenceu ao poeta, lê-se a seguinte nota manuscrita, a lápis: «Bem sei que os meus versos pouca impressão têm causado até hoje. Mas porque vejo neles um raio de Verdade, continuarei, embora esquecido e sòzinho, a cuidar dela, com todo o amor» (inédito). Em 28 de Junho, o irmão António, tendo perdido pela segunda vez o primeiro ano de Direito, o que atribui a uma perseguição política do professor, suicida-se.

1904 — Publica *Para a Luz*, dedicado à memória do irmão António. Vai a Salamanca, onde trava relações com Unamuno, que lhe é apresentado por Eugénio de Castro.

1906 — Vai advogar para o Porto, onde abre escritório na Rua das Taipas. Trava relações com Leonardo Coimbra, que se lhe dirige na Praça da Batalha, no Porto: «Vi logo que tinha Alguém diante de mim, e ficámos amigos, para sempre.» Dá a lume *Vida Etérea*. O irmão João vai para a África Portuguesa, onde ganhará fama como caçador de elefantes, e só regressará em 1925.

1907 — Publica a 1.ª edição de *As Sombras*, elogiosamente criticada por Unamuno, que ouvira no solar de Pascoaes, da boca do poeta, a leitura do original.

1908 — Uma admiradora inicia com Pascoaes longa correspondência amorosa. Só muitos anos depois virão a encontrar-se.

1909 — Pascoaes publica *Senhora da Noite*, inspirado por uma inglesa. Mas apaixona-se por outra inglesa (Leonor Dagge) que encontra no Porto, num «americano», e que será a Eleonor de *Marânus*. Em fins de 1909, levado pelo novo amor que o domina, o poeta desloca-se a Londres.

1910 — Inicia-se a publicação da revista *A Águia*, sob a direcção de Álvaro Pinto. Pascoaes colabora no 1.º número (de 1 de Dezembro) com o artigo «Os lavradores caseiros»; escreve a Unamuno a pedir-lhe colaboração para a nova revista. Contrai nesta época uma doença de intestinos que o há-de apoquentar durante vários anos.

1911 — Pascoaes é juiz substituto em Amarante. Publica *Marânus*, longo poema simbólico. Tem já grande prestígio entre os novos, que vêem nele um «profeta». Encontra-se no Porto com Philéas Lebesgue. A 27 de Agosto, realiza-se no Choupal de Coimbra uma reunião em que participam Pascoaes, Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, Álvaro Pinto e Augusto Casimiro; nela se lançam as bases duma sociedade cultural, a «Renascença Portuguesa», que tem por fim «restituir Portugal à consciência dos seus valores espirituais próprios».

1912 — A 1 de Janeiro, sai o 1.º número da segunda série da revista *A Águia*, tornada órgão da «Renascença Portuguesa» e dirigida por Teixeira de Pascoaes (na parte literária), António Carneiro (na parte artística) e José de Magalhães (no sector científico). O novo movimento é alvo de críticas em respostas ao inquérito literário efectivado por Boavida Portugal no jornal *República*. Pascoaes publica o poema alegórico *Regresso ao Paraíso* e o volume *Elegias*, inspirado pela morte dum sobrinho, ainda criança, filho da irmã Miquelina; o produto da venda deste volume destina-se à subscrição nacional a favor de Gomes Leal. Publica também a conferência *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, integrada no plano de acção cultural da «Renascença Portuguesa».

1913 — Pascoaes abandona a carreira judicial e fixa-se em Gatão, no solar de que tirou o seu nome de poeta. Chega a fazer diligências para obter colocação em Lisboa, mas não para advogar, porque a experiência que fez «nada deu» e «não sabe nada de leis» (carta a Álvaro Pinto de 3 de Dezembro). Publica *O Doido e a Morte* e outra conferência «saudosista», *O Génio Português na sua expressão filosófica, poética e religiosa*. Sentindo-se agora senhor da expressão, empenha-se em refundir a sua obra, que foi, a princípio, «escrita à pressa» (carta a Unamuno). Nasce a sobrinha Maria José, filha de D. Miquelina.

1914 — Publica *Verbo Escuro* (reflexões, aforismos) e *A Era Lusíada* (conferência). Polémica nas colunas de *A Águia*

com António Sérgio, que se afastará da «Renascença Portuguesa». Morre um cunhado do Poeta, o marido de D. Miquelina.

1915 — Publica a *Arte de ser Português* e *Miss Cavell* (separata do n.º 48 de *A Águia*, 2.ª série). Projectando uma edição de «Obras Completas», dá a lume a 3.ª edição de *Sempre*, inteiramente refundida.

1916 — Pascoaes abandona a direcção literária de *A Águia*. Publica *A Beira (num Relâmpago)*.

1917 — 2.ª edição de *Terra Proibida*, inteiramente refundida.

1918 — É apurado para oficial miliciano (carta a Unamuno de 5 de Fevereiro). Em Junho, por convite de Eugénio d'Ors em nome do Institut de Estudis Catalans, profere em Barcelona, neste Instituto, conferências sobre a poesia portuguesa. Convive com Fernando Maristany (tradutor das suas poesias), Capdevilla, João Crexells, Enrique Jardi, André Rhodes, Paul Turull, etc.

1919 — Publica, sob o título *Os Poetas Lusíadas*, as conferências proferidas no ano anterior em Barcelona.

1920 — Segundas edições de *As Sombras*, *Marânus* e *Arte de ser Português*. A 13 de Julho, publica no jornal de Barcelona *La Vanguardia* o artigo «Cartas de Portugal — Saudade y quijotismo», onde afirma: «A saudade é portuguesa como é galega e catalã.» Dá também a lume a *Elegia da Solidão*.

1921 — Publica *O Bailado* (memórias e reflexões) e *Cantos Indecisos*. Jaime Cortesão, dissidente da «Renascença», funda, com Raul Proença e Câmara Reis, a *Scara Nova*. *A Nosa Terra* (Corunha) insere uma caricatura de Pascoaes por Álvaro Cebreiro, com a legenda: «poeta cuio nome é moito familiar nas terras gallegas, onde se lle considera como mestre e irmao maor de todos.»

1922 — Morre, a 3 de Janeiro, o pai de Pascoaes, João Pereira Teixeira de Vasconcelos, que foi presidente da Câmara Municipal de Amarante, deputado, governador civil de Viseu e do Porto, par do Reino. Pascoaes planeia visitar a Galiza e, numa carta ao poeta, já Noriega Varela o antevê a rezar junto do túmulo de Rosalia de Castro. Pascoaes publica *Conferência* e *A Caridade* (conferências feitas, a primeira no Grémio Recreativo dos Empregados do Comércio de Amarante, a segunda no teatro de Margaride).

1923 — Pascoaes (eleito em 12 de Abril) e o seu íntimo amigo Raul Brandão ingressam na Academia das Ciências de Lisboa. No respectivo parecer, subscrito por Júlio Dantas, David Lopes e Henrique Lopes de Mendonça (relator), afirma-se que Pascoaes «é de raça excelsa de poetas que tem como remotos antepassados Hesíodo e Lucrécio, e cuja suprema representação, nas auroras do Romantismo, é porventura Shelley». Vai a Madrid, em Maio, fazer uma conferência na Residência de Estudantes. Publica a 4.ª edição de *Sempre*, a 3.ª de *Terra Proibida*, a 2.ª de *Regresso ao Paraíso*. Dá a lume também *A Nossa Fome*, 1.º fascículo duma publicação mensal que não chega a prosseguir.

1924 — Saem a *Elegia do Amor*, *O Pobre Tolo* e *Jesus Cristo em Lisboa* (peça escrita de colaboração com Raul Brandão, e mal recebida pelo público).

1925 — Saem *Sonetos* (compilação de sonetos já publicados em várias colectâneas), *Londres*, o poema dramático *D. Carlos* e *Cânticos*. A 30 de Agosto, publica-se *A Universidade*, número único de homenagem a Pascoaes, onde colaboram, em prosa e verso, Ribera Rovira, F. Maristany, Philéas Lebesgue, A. Villar Ponte, José Castellvi, Mareo Garea, Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, etc.

1928 — Sai o *Livro de Memórias*.

1929 — Em carta, Raul Brandão incita Pascoaes a aceitar o convite que lhe dirigiram para visitar a Galiza. Em Setembro, Raul Brandão e António Carneiro passam algum tempo no solar de Pascoaes — frequentado, aliás, em várias épocas, por estes e outros amigos e admiradores, como Unamuno, A. Correia de Oliveira, Leonardo Coimbra, Mário Beirão, Eugenio d'Ors, Noriega Varela, Philéas Lebesgue, Albert Thelen (tradutor para alemão de várias obras de Pascoaes), etc.

1930 — A 1 de Setembro, sessão de homenagem ao poeta no Instituto Histórico do Minho. É orador Leonardo Coimbra. Entre a assistência, Raul Brandão. Telegramas do Ministro da Instrução, Prof. Cordeiro Ramos, da Real Academia Galega, do Seminário de Estudos Galegos, etc.

1931 — Pascoaes vai passar alguns anos em Lisboa. Está em curso a publicação das suas «Obras Completas», de que é depositária a Livraria Bertrand. Em carta de 13 de Fevereiro, F. Pessoa agradece a Pascoaes a oferta dos seis primeiros volumes.

1934 — Publica a primeira biografia, *São Paulo*, que será traduzida em holandês (4 edições), alemão (2 edições) e húngaro.

1935 — Sai *Painel*.

1936 — Sai *S. Jerónimo e a Trovoada*, que será traduzido em holandês e alemão.

1937 — Sai *O Homem Universal*, em que Pascoaes condensa e esclarece o seu pensamento metafísico.

1940 — Nova biografia, *Napoleão*, que será traduzida em espanhol e alemão.

1942 — Pascoaes dá a lume *O Penitente* (sobre Camilo) e *Duplo Passeio* (relatos de viagem, entremeados de reflexões).

1945 — Nova biografia, *Santo Agostinho*.

1949 — Publica *Versos Pobres*.

1950 — Saem *O Empecido*, novela, e as conferências *O Drama Junqueiriano*, *Guerra Junqueiro* e *Pró Paz* (esta última promovida pela Associação Feminina Portuguesa para a Paz e proferida no Porto em 1 de Junho; publicada, juntamente com a de Maria Lamas, em *Duas conferências em defesa da paz*).

1951 — A 31 de Março, o povo de Amarante presta homenagem a Pascoaes — homenagem a que se associam muitos escritores portugueses. Inaugura-se uma exposição bibliográfica e, num sarau literário e artístico, Ilídio Sardoeira disserta sobre «Pascoaes, um poeta de sempre». A 12 de Maio, homenagem da Academia de Coimbra, com descerramento, em Coimbra, duma lápida. Nessa homenagem integra-se a publicação de *A. Teixeira de Pascoaes*, volume onde figuram poemas de Vitorino Nemésio, Sebastião da Gama, Sophia de Mello Breyner Andresen, Pedro Homem de Melo, José Régio, José Gomes Ferreira, António Correia de Oliveira, Mário Beirão, Miguel Torga, Eugénio de Andrade, Natércia Freire, Jorge de Lima, Noriega Varela, etc., e juízos críticos de Hernâni Cidade, José Marinho, Sant'Ana Dionísio, Jaime Cortesão, J. do Prado Coelho, João de Barros, etc. Pascoaes dá a lume *Dois jornalistas*, *Aos Estudantes de Coimbra* e *Calvário* (soneto inédito).

1952 — A 3 de Fevereiro, morre a mãe do poeta, D. Carlota Guedes Monteiro. Pascoaes extingue-se serenamente em 14 de Dezembro, vitimado por um cancro num pulmão. Vai a enterrar, no dia 16, para o cemitério de Gatão. Na sua campa, a lápida que reza: «Apagado, de tanta luz que deu; / Frio, de tanto calor que derramou.» Vicente Risco escreve, dias depois, num jornal espanhol: «Galicia lo ha llorado como suyo y no ha hecho de más, pues le debe la revelación de la «Saudade», en que se cifra el sentido profundo de nuestra intimidad poética.» Sai *António Carneiro* (conferência).

1953 — A 15 de Janeiro, sessão na Academia das Ciências em que Egas Moniz tece o elogio de Pascoaes. Saem a lume os *Últimos Versos*, que o A. deixara inéditos.

1954 — Sai a obra que Pascoaes mais prezava, das não publicadas: *A Minha Cartilha*. Em 18 de Novembro, na Academia das Ciências, comunicação do Prof. Joaquim de Carvalho sob o título «Reflexões sobre Teixeira de Pascoaes».

1957 — Publica-se *Epistolário Ibérico — Cartas de Pascoaes e Unamuno* (infelizmente sem a introdução, hoje ainda inédita, que Pascoaes redigira para este «epistolário»). Prefácios de Joaquim de Carvalho e Manuel Garcia Blanco.

BELO

[1.ª edição: 1896]

Aos meus íntimos amigos
Mário Negrão Monterroso
e Alberto Barros Castro

Em penhascoso e solitário monte,
Assentado no chão, Belo espraiava
A luz do seu olhar pelo horizonte...

Junto a seus pés a água murmurava
Suavíssimo canto de brandura,
Que nos brancos arroios se espalhava.

Era este regato de frescura
Do tosco monte a única harmonia,
Qual estrela, sòzinha, em noite escura...

Belo amava a grande melodia
Que acorda, a sorrir, quando a alvorada
Mergulha em luz a brusca penedia.

É que o choque da luz estonteada,
Contra o mundo, produz um som tão brando
Que só o ouve a alma imaculada...

Voavam para o céu, em doce bando,
Tristes suspiros do seu peito amante,
Que iam de longe, a Belo, inda acenando.

Sorria e entristecia num instante,
Como se lhe tocasse, ao mesmo tempo,
O crepúsc'lo da tarde e do levante.

Quantas vezes dizia: — Amo o tormento
Onde a minh'alma pelo bem anseia,
Num palpitar enfraquecido e lento...

Gosto de ver quando a luz 'scasseia...
Se acaso eu amo a vastidão do mar,
É quando olho outro mar d'areia...

Tenho na minha vida de trilhar
Sendas d'espinhos que ninguém calcava:
Qu'importa a noite se hei-de ter luar?!...

Belo chorava muita vez... chorava...
E, ao molhar em pranto a sua mão,
Fogo violento o peito lhe escaldava!

Tinha por companheiro um velho cão
Que jamais quis seu dono abandonar,
Embora lhe faltasse o magro pão.

Belo odiava o mundo com pesar...
E, no seu lábio, um riso d'alegria
Lembrava, à tarde, a luz crepuscular.

Seu confidente eterno, o cão gemia
Se visse o amo acabrunhado e triste,
Como pálida flor, ao cair do dia...

Sagrado o companheiro que persiste
Em seguir seu amigo na desdita,
Como sorriso que a uma dor resiste...

Belo olhava a abóbada infinita,
Co'o desespero, a ânsia, a agonia,
De triste náufrago que a terra fita!

Julgava-se infeliz... E, dia a dia,
O brilho que seus olhos esmaltava,
Qual fumo ao vento, para o céu fugia...

Com o seu canto azul apascentava
Um rebanho de sonhos vaporosos
Que o seu meigo olhar acalentava.

Que lindos cantos! Seus lábios sequiosos
Já não tinham o viço do medronho...
Sua cor fugia em sons harmoniosos...

Desde o tempo da vida que é risonho,
Percorre a solidão e os verdes prados,
Como um pastor d'estrelas e de sonho.

Tinha a idade dos jovens namorados,
Que adornam dos seus lábios a frescura
Com pérolas dos lírios orvalhados.

Sua loira cabeleira lisa e pura,
Em niágaras cai de sol doirado,
Nos seus ombros, qual luz em sombra escura.

Usa túnica já de pano usado...
E ajuda-o a saltar esses valados
O vigoroso pau do seu cajado.

Com a face e os olhos marejados
De doces lágrimas que ao sol do amor
Parecem astros de brilhar cansados,

Belo percorria, guiado pela Dor,
O negro mundo que aos pés calcava,
E onde escarrava todo o seu rancor!...

Ninguém o compreendia nem amava...
E quem no amasse apenas um só dia,
Eis o que ele no mundo procurava...

A saudade o alegrava e entristecia...
É que ela faz a dor e o prazer,
Como a mesma luz faz a noite e o dia...

Quando com nojo olhava o seu sofrer,
Do lindo sonho alumiava a imagem
Com a luz baça dum suspiro a arder...

Nesta tempestuosa e longa viagem,
Belo viu o monte onde a soidão pranteia,
Como quem vê no céu uma miragem!...

Com o auxílio da luz da lua cheia,
Subiu depressa a encosta ao seu clarão,
Como atraído por canto de sereia.

Deste modo alcançou a solidão
Onde nós o encontramos a cantar,
Co'o seu olhar, a luz duma canção.

Belo consumia horas a pensar...
Talvez dali seu canto magoado
Atraísse o éter que nos faz sonhar...

Ele queria adormecer cansado;
Talvez p'ra não tornar a despertar,
Nesse alto monte, dum sonhar doirado.

Quando Belo estava a meditar,
Em cima duma rocha escaveirada,
Ouviu na areia um lírio suspirar...

E, ao ver do lírio a face descarnada,
Disse: «A tua sorte, flor, é igual à minha;
Cantas de noite e choras n'alvorada...

Como tu vives, flor, aqui sòzinha,
Mais branda e doce do que o próprio arminho,
Nessa orfandade triste d'avezinha

Que viu, de noite, à beira dum caminho,
Negro ladrão roubar, às escondidas,
Sua linda mãe que lhe aquecia o ninho!

Não sentes d'avezinha essas feridas,
Abertas pela mão da desventura,
Que nem das flores poupa as tenras vidas?!...

Tu tens um coração feito d'alvura...
Eu bem no sinto, a medo, palpitar
Adentro dessa pálida espessura.

Ainda te ouvi agora suspirar...
Tens alguma paixão n'alma oprimida,
Que só a aurora possa acalentar?!

Pega esta lágrima no chão vertida,
Abandonada... e olha-a com fervor,
Que nela vai a parte duma vida...

Tenho por ti, ó minha casta flor,
O clarão mais ideal, mais puro e santo,
Da fina essência do meu grande amor!

Tu não viste qual foi o meu espanto,
Ao ver-te seca e só; mas d'ora avante
Regar-te-ei com água do meu pranto...

Viver junto a teu lado, ó casta amante!
E a mais nada a vida se resume,
Neste alto monte, do lidar distante...»

No lírio despertou um terno lume...
E, no peito de Belo indo poisar,
Envolve o monte em nuvens de perfume.

Belo era f'liz. Já tinha quem amar...
Mas, quando o embriagava o aroma fino,
Tenuíssima luz o fez sonhar...

Julgou ouvir, num sonho diamantino,
Preciosíssimas Ninfas a cantar
Na água azul dum lago cristalino.

E, junto ao lago, mil aves a voar,
De lindíssimas cor's variegadas,
Desafiavam as Ninfas a cantar...

Era a escolha das Ninfas namoradas...
Aves e flor's disputavam assim
As suas meigas e ternas bem-amadas.

Belo torcia-se num ansiar sem fim,
Ao ver estátuas d'amor, misteriosas,
Desvelarem, sorrindo, o seu marfim;

As suas pernas níveas, vaporosas,
Braços de neve e lua, que num instante
Sumiam-se nas águas espumosas...

Tudo o que Belo olhava era brilhante...
É que nos basta, Deus, um só sorrir
P'ra que tudo nos tenha amor constante!

Belo doirava os lados do Porvir...
E nele via um trono de fulgor,
Aureolado d'estrelas a fulgir!...

E as Ninfas, cobertas d'esplendor,
Caminharam p'ra Belo, ao som de cantos,
Num estonteamento de furor!

O pobre amante, vendo tais encantos,
Ébrio d'amor, de gozo e de delírio,
Solta na face a água de seus prantos!...

Belo sentiu-se num segundo empírio!...
E, n'agonia dum eterno beijo,
Dessa agonia canta o seu martírio...

A sombra falsa e irónica do pejo
Desfez-se logo, nesse mar de gozo,
Perante o sol terrível do Desejo!

Belo achava-se alegre e venturoso,
Naqueles braços d'ideal brancura,
Quando sugava, em lábio voluptuoso,

Esse licor de mel e d'amargura,
Que dá mil vidas que só duram horas,
Que acorda a lua numa noite escura!...

À luz doirada e suave das auroras,
Belo e as Ninfas lançaram-se nas águas,
Cantando, ao vento, mil canções sonoras!

O sonhador bebia as claras águas
Desse lago d'amoras e d'essências,
Onde lavava as suas fundas mágoas.

Havia no lago mil fosforescências
Que davam tons estranhos, ideais,
Nas mimosas e brancas saliências,

Nesses montes de mel e de cristais,
De suicídios, ódios e vinganças,
Sob uma nuvem d'esquecidos ais!...

A boa alma cultiva as rosas brancas...
E nossas flores mandam-se em suspiros,
Que neles vão as nossas esperanças...

Belo sentia prazeres e martírios
Nas prateadas brumas do seu sonho,
Feito de nuvens brancas e de lírios.

Uma das Ninfas, com olhar risonho,
Lançou-lhe um beijo em brasa, encandescente,
Que seu lábio tornou como um medronho.

E o desejo, em forma de serpente,
Triturava-lhe o peito com ardor,
Ao seduzir a flor mais inocente.

Belo cheirava a rosa do furor...
Olhou p'ra si, e viu-se todo ornado
De lindos corações feitos d'amor...

No seu peito doente, amarelado,
Onde lutaram furiosos mares,
Palpita o coração meio cansado...

Belo julgou subir por esses ares,
Numa nuvem dulcíssima de luz,
Soprada pela voz de mil cantares!

Quando pensava estar já com Jesus,
Fere-lhe a vista um raio alucinado:
Era do dia a impertinente luz...

Estremeceu... olhou sobressaltado...
E viu o cão que a seus pés dormia
Um sono solto, leve e sossegado...

Tinha dormido acaso?... Sonharia?...
Nisto Belo pensava despeitado,
E a ideia do sonho o entristecia...

Belo, doido, olha o monte escaveirado...
Que surpresa sentiu o sonhador,
Ao ver o lírio que lhe teve amor
Bater as asas para o céu doirado!...

Coimbra — 2-6-96.

BELO

Meditações

(II PARTE)

[1.ª edição: 1897]

Aos meus amigos:
Alberto Eduardo Plácido
Camilo da Silveira
José Coelho dos Santos

Belo, depois de descer a montanha, encontra-se num formoso vale. Vê as ovelhas que esmaltam a tez carregada da montanha, como nacos movediços de pura neve que o sol dum dia ardente é incapaz de derreter. O céu azul embriaga-o. O silêncio alonga-lhe a alma numa meditação indecisa, como um clarão, ao longe, no oriente, que a gente não sabe se é uma fogueira longínqua, se as primeiras tintas da aurora dum novo sol que o infinito acabe de fecundar. Belo medita:

Que paz e que sossego nesses vales
Distantes da cidade... Até parece
Que nós ali perdemos nossos males...

E é tão doce essa paz que adormece
Os nossos peitos de lutar cansados
Com o murmúrio de doirada messe,

Que julgamos quebrar, nesses valados,
Com varinhas de fadas vaporosas,
O véu azul de sonhos encantados...

Ali nascem os lírios e as rosas,
No doce mel de idílico noivado
Com as brancas e puras mariposas...

Quando ao longe surge o céu doirado
Dos lábios cor-de-rosa do Oriente,
Como choroso beijo perfumado,

Deixa-nos ver, no peito omnipotente,
O azul do céu a lua esmaecida,
Como pérola em lago transparente...

E, deste mundo a alma desprendida,
Em vez de a viver antes sonhar
Lagrimosa luz da minha vida!...

Esta vida? Que serve este lidar?
E tu, ó mar, que andas liquefeito
Na infinita noite a soluçar ...

Para quê? De que serve o imperfeito?
Não sei o fim duma estrelinha a arder,
Nem para quê palpita este meu peito!...

E não se pode, às vezes, esquecer
Lembrança alegre, feita de sol-posto,
Nuvenzinha de dor e de prazer...

E sentimos um pálido desgosto,
Se pensamos nos dias decorridos
A ver a linha de sonhado rosto...

De que servem os dias bem vividos
E as noites d'amor... se as venturas
São como sóis em trevas escondidos!...

De que nos serve amar as Virgens Puras,
De que nos serve a luz das alvoradas,
De que serve chorar lágrimas duras,

Se os desejos são lindas manadas
De ovelhinhas que vão, na soledade,
Buscar, em vão, as ervas orvalhadas?

P'ra que nos deste, Deus, a mocidade...
Loucas aspirações, que servem só
P'ra nos deixar no peito uma saudade!

A saudade! Essa velha e idosa avó
Que reza, a chorar, pelos seus netos,
As ilusões que já dormem no pó...

De que nos serve amar sagrados tectos,
De que nos serve o amor qu'inda nos resta,
Se o trocamos, a rir, por dois afectos?

Eu sei... eu sei que este viver não presta...
E dele algumas vezes digo bem,
Como quem ama aquilo que detesta!

Encantou-me uma alma de cecém,
E nela já meu coração inverna:
Não há quem tudo olhe com desdém...

Bendita sejas, Inconstância eterna!
De furna a pratear em descampado,
De campo a escurecer numa caverna!...

*

Já nisto Belo havia meditado,
Quando os faróis das suas sobrancelhas
Iluminaram verde descampado,

Onde os doirados lábios das abelhas
Lançam, a medo, uns beijos d'harmonia
Nas delicadas pétalas vermelhas...

E uma flor, que de paixões sofria,
Ou se torna de medo prateada
Ou de prazer se torna cor do dia...

Mas de pudor a rosa afogueada
Entre as folhas esconde docemente
A pequenina face envergonhada.

E outra flor, de palidez tremente,
Queria que um olhar se humedecesse
E lhe regasse o idílico ambiente...

Com um beijo um lírio empalidece,
Como se no seu cálice de nata
Um lindíssimo dia amanhecesse!

Nos arvoredos brancos da cascata,
De flores ideais santos desejos
Ali vão sucumbir em ais de prata...

Das pétalas guardam doces beijos
As abelhas que voam na floresta,
Num deslumbrado frémito d'harpejos,

Indo esconder o amor duma giesta
Em redomas de mel e de frescor,
Onde uma pastorinha dorme a sesta...

E, olhando as abelhas numa flor,
Belo sentiu, num aclarar sagrado,
Rebentar no seu peito um novo amor...

Quando do cerro o dia iluminado,
Em d'oiro apoteose, vai subindo,
Como um calvário um Deus aureolado,

Já a abelha sábia, nos rosais zumbindo,
Anda em busca do seu doce alimento,
Que, em cálix d'oiro, vai a aurora abrindo...

Chego a amaldiçoar esse tormento
Que as flagela e mata: — a geada dura
Que põe facas de mármore no vento!

Pelas noites só feitas de negrura
Nesses beijos de luz vão invernar,
Quando o arroio de cólera sussurra...

Escondem-se as abelhas, a chorar,
Dos seus beijos doirados na paz mansa,
Té quando o sol comece de raiar...

Na ingenuidade branca de criança,
Ali passam o inverno reunidas,
Tendo uma luz sòmente e uma esperança.

Belo medita: «As lágrimas vertidas
Antes fossem lavar com o seu sal
Em oiro as vossas almas esculpidas.

Bem melhor que chorá-las pelo Mal;
Porque assim só fazem lamaçais
No pó duma alma à nossa desigual!

Como eu vos amo, abelhas ideais!
Vou mandar-vos meu choro em alimento,
E em licor de dor meus frios ais...

Em vós existe todo o sentimento,
Todo o amor, toda a luz, toda a virtude,
O quer que é que faz morrer o tempo!

Amar como amais também eu pude...
Também chorei nos braços duma cruz
E tomei por um dia a noite rude...

Se não vos amo, ó filhas de Jesus?!
Sois vós que haveis de dar-me, em noite linda,
Na frieza da morte, a última luz!...»

Nesta meditação duma Alma infinda,
O sonhador lembrou-se, com delírio,
Doutra alma que na sua vive ainda!

Duas almas tão unidas num martírio,
Que uma na outra já se vão perdendo,
Como uma abelha a desmaiar em lírio!...

A sua alma era fogo em luz morrendo,
Astro cego de luz e de loucura
Que pelo céu, à sorte, vai correndo,

Em busca desse Lírio de brancura
Que um instante sòmente em toda a vida
Lhe amaciou d'arminho a sorte dura...

E sua alma, qual folha desprendida
Do seu corpo — arbusto muito fino —
Pelo vento do amor ia perdida,

Naufragando nesse Éter cristalino
Que embalsama o ar do nosso sonho,
Que nos esconde o ideal divino!...

*

Lá vem o inverno búzio e tristonho
De lamacenta capa a voar ao vento,
Molhando a cara p'ra acordar dum sonho...

E as abelhas, no seu esquecimento,
Vêem-se pobres porque algum malvado
Lhes foi roubar, de noite, o alimento!

Nem a fome respeita o que é sagrado...
O que despede um raio de tristeza
Na face de Jesus crucificado...

Té nas celas de mel chora a pobreza
Um choro — que é um canto de sereias...
Dorida voz de quem, à tarde, reza...

Fazem-me recordar essas colmeias,
Onde milhar's d'abelhas se reúnem,
Uns pequeninos cérebros de ideias...

Homens, que todo o fel em si resumem,
Vão roubar as abelhas nos seus ninhos,
Que d'ódio até o pedregulho fundem!

Havendo almas brancas como os linhos,
Almas há que vos roubam... Deus permita
Que, após a morte, gritem nos caminhos!

É que a alma que tomba na desdita
De colmeias roubar... em indo a vida,
A horas mortas, nos valados grita...

Pelo povo esta lenda é bem sabida;
E alguém disse que lenda não havia
Sem verdade em seu fundo haver 'scondida...

*

Nasceu n'alma de Belo uma alegria
Tão rude e excepcional, ao pensar nisto,
Que nem urze a nascer de penedia...

Quanto até ali seus olhos tinham visto
Era banal e mau... Só com amor
Podia olhar a palidez dum Cristo.

E a sua alma, em sonhos d'esplendor,
Descobriu uma fresca pastorinha,
Que andara o dia em busca dum pastor...

Belo

«Antes minh'alma andasse, assim branquinha,
Seus lindos sonhos a guardar nos montes
Do que nos vales a chorar sòzinha!...

Antes minh'alma, à luz das claras fontes,
Ali bebesse as lindas alvoradas,
Que humedecem d'amor os horizontes...»

E, ao frio triste das paixões geladas,
Belo d'horror tremia e de desgosto,
Como quem sobe as rochas escarpadas!

O olhar, que da pastora enfeita o rosto,
Contemplava o de Belo suspirado:
Duas luzes saídas dum sol-posto...

Fez-lhe lembrar um lírio desmaiado
Que outrora vira em monte solitário,
E lhe fugira, a rir, prò céu doirado!

Branquejava-lhe um sonho imaginário,
Como, ao longe, por entre as oliveiras,
A cal branca de humilde campanário!

Belo

«Antes minh'alma andasse nas ladeiras,
Como um pobre arrimado ao seu bordão,
A ouvir, pastora, tuas canções ligeiras!...

Eu sei que tu não és uma ilusão;
Que és verdadeira, como o sol que nasce!...
Não costuma mentir o coração...

Eu acredito nessa tua face...
Do teu rosto na húmida frescura,
Como as tenrinhas folhas duma alface...

Há muito que sonhei tua alma pura:
Uma sonhada noite mist'riosa
Que o luar não deixa ser escura...

Teu rosto eu vi, em noite tenebrosa...
E, em negra visão, tu me sorriste
Um sorriso da cor da murcha rosa...

Não sei... não sei se um coração resiste
Ao choque de poético sorriso,
A desmaiar de dor em lábio triste!

Na minha alma chove já granizo...
E sinto-me doente ao ver finar
A desmaiada estrela dum sorriso...

E fico triste, como o desmaiar
Do dia... se acaso nos achamos
Em paisagem deserta, à beira-mar...

E nós dois, a Tristeza e eu, andamos,
Como dois pobrezinhos sem calor
Por caminhos que nós nunca trilhamos.

A tristeza é sinal de grande dor...
Só com força palpita o coração,
Quando movido a lágrimas d'amor!...

De resto tudo é nulo, tudo é vão:
Pó que o vento faz e o vento perde...
Só a Tristeza não existe em vão!...

Como doença mortal que alguém herde,
Herdei esta alma pálida e chorosa
Que o meu peito, em breve, fará verde...

É que embebi minh'alma lacrimosa
No licor da tua alma transparente,
Que outro sabor lhe deu: fê-la extremosa...

De dura que ela era e inconsciente
Deu-lhe esta luz e suavidade santa
Que aos penhascos dá o Oriente...

E ver em mim outr'alma é o que me espanta...
Julgo ter duas almas reunidas,
E esse peso d'oiro me quebranta!...

Como hei-de dar luz a duas vidas,
Se o meu peito chama não produz:
Dá só calor de brasas aquecidas...

Como hei-de sustentar tão grande cruz,
Se a minha espinha dobra para o chão,
Como quem só ali encontra luz...

Talvez sòmente brilhe algum clarão
Na terra opaca e fria como o norte,
Como em lábio de pedra uma oração...

Nela existe o segredo duma sorte,
Como um fino brilhante em rocha dura...
É lapidar a vida... e eis a morte!...

A morte? O que és tu, sombra perjura,
Que eu vejo ao lado quando volto o rosto,
Sem que veja uma luz na vida escura...

O que será, Pastora, este desgosto
Cuja causa eu não sei, mas que magoa,
E da aurora da vida faz sol-posto!...

Qual nuvem que do sol a luz nos côa,
Tornando-a mais pálida e mais triste,
Como da tarde a luz numa lagoa,

Assim em torno à minha alma existe
O clarão dum mistério inextinguível,
Que esta alma em o ver sempre persiste...

É um licor de luz quase invisível
Que o meu olhar absorve sem querer,
Numa doce embriaguez imperceptível...

A realidade assim não pode ver,
Fugindo só prà esfera do Mistério,
Onde pensa beijar astros a arder.

Ali procura a estrela dum império
Que lhe ilumine a vida ingrata e nua,
Como a lua a cruz dum cemitério...

Ali procura o norte — essa falua,
P'ra que o leve deste mar — o mundo,
A um porto longe aonde ancora a lua!...

Do triste sonhador o olhar profundo
Foi, pelo céu, em busca d'alvoradas
Que nunca pôde achar cá neste mundo...

E eram tantas as lágrimas choradas
Que no seu peito magro já nasciam
Algas d'amor das lágrimas salgadas...

Como velhos que cem anos viviam
Há-de viver a dor dentro em seu peito,
Contando-lhe os prazeres que fugiam...

Aborrecia tudo o que é imperfeito:
O coração que, em seu peito doente,
Era qual morto num funéreo leito!...

E Belo, alma d'oiro reluzente,
Chorava tanto como as madrugadas
Com eternas saudades do Oriente...

Elas sobem no céu, aureoladas,
Pelo sopro de pálida bonança,
Deixando as florestas orvalhadas,

Como se a aurora fosse uma criança
Que, ao passar da vida esse levante,
Em lágrimas perdesse a esperança!...

Belo andava, num sonhar constante,
Por esses vales a escorrer luar,
Em busca sempre, sem parar um instante,

Daquilo que não viu o seu olhar...
E que ele tanto amava... e cujo amor
Por muitíssima vez o fez chorar...

Chorar? Não sei que serve este frescor,
Se as flores de mágoa que em nós crescem
Nas lágrimas se toucam de verdor?

Os brasidos das mágoas aquecem
Os orvalhos do pranto, como escolhos
Que ao calor de certa água derretem...

A lágrima jamais queima os abrolhos...
E para ela ser pura há-de morrer
Dentro da alma sem chegar aos olhos...

A alma é uma fonte ou estrela a arder:
Ou seca ou molha então a nossa dor...
Seca-a primeiro prà fazer nascer!...

Como às montanhas faz velho pastor
Queimando-as no inverno, p'ra no Estio
Se acharem cobertas de verdor,

Assim a alma dá calor e frio
Com que mata ou cria um sentimento...
É nascente que aumenta ou seca um rio...

E que ela nos leve ao Firmamento,
Em levada de lágrimas salgadas,
A ver se achamos essas alvoradas

Com que sonha o nosso Pensamento!...

Coimbra — Outubro de 96.

À MINHA ALMA

[1.ª edição: 1898]

A Ela,
o momento mais santo
da minha alma.

Em toda a parte eu vejo a luz do meu mistério
Que sempre me persegue nesta noite rude...
Tanto me faz chorar a cruz dum cemitério
Como essa louca aurora que me dá saúde!

Em toda a parte eu vejo a luz que me alumia,
A luz que me nasceu no tempo em que eu amava...
Quis penetrar na noite a ver se inda encontrava
A essência subtil donde nos nasce o dia...

Quando acaso me vejo, em espírito, sòzinho,
Com outro que eu conheço e que eu só sei amar,
Hei saudades de mim, doutro que fui — menino,
Que um dia me disse adeus p'ra nunca mais voltar!

Há muito que aprendi o amor que por ti tenho...
Foi Deus que mo ensinou, a rocha, a urze e o céu
[doirado,
E a rocha e a urze e o céu lançaram-me este lenho,
Aos meus ombros, que só por ti tenho arrastado...

Por ti que és o meu sangue. Sim. Embora a carne
Duma para a outra possa haver grandes sinais,
Qual luz que noutra luz a mesma luz encarne,
Num abraço sòmente Deus as põe iguais!

Fui procurar ao mundo a força deste amor...
E, apenas o toquei, nasceram-me dois braços...
E, mal os ia a abrir, fiquei na cruz da Dor...
E então é que nasceu a cruz dos teus abraços!

E eu que já fui feliz, alegre e satisfeito,
Que tive no meu lábio o canto duma aurora
E que trouxe um ninho de luz dentro do peito,
Quase me não conheço e sinto-me outro agora...

Lembro-me do que fui se penso em ti na vida...
O que é viçoso e loiro o velho lembra ainda...
A ti comparo eu esta alma já perdida:
Foi loira como tu, foi assim loira e linda!

Se te amo é que tu és desta alma a fiel miragem...
Vejo que volta o meu passado ao ver-te agora...
E tu és uma estrela aonde chega a imagem
De tudo o que, ao luar, eu meditei outrora...

Se eu olhasse o que fui já não me conhecia...
Apenas tu o que eu fui me vieste apontar...
E, como se acaso a noite visse o dia,
Se em mistério me visse, eu punha-me a chorar!

E tu és para mim o que é para a avòzinha
As contas por onde ela aprendeu a rezar...
Lembras-me a tarde triste em que minha madrinha,
Pela primeira vez, me ensinou a orar...

Se outras mulheres amo, Estrela da Manhã,
O meu amor por ti apaga outros amores...
É um amor de mãe, de avô, de avó, de flores,
Dedico-te o amor que tenho a minha irmã.

Não vou buscar em ti a beleza sem fim.
Nunca vi teu olhar nem teu cabelo loiro,
E, se eu faço de ti alguma estrela d'oiro,
É que minh'alma louca quis sonhar-te assim!

Eu nunca desejei beijar a tua face...
E queria as tuas mãos com rugas pràs beijar...
Bem sabes que este amor que em mim tão puro nasce
É das almas que descem para alcançar o Ar!

E tu és para mim o que de mim fugiu...
Tu és o belo espelho onde eu me vou mirar
Quando desejo ver o que de mim partiu,
O meu retrato antigo que me faz chorar!

E tu és para mim o que é p'ra um cemitério
Esse velho luar que há muito o iluminou ...
E tu és para mim o que é para um mistério
Essa alma que, sofrendo, um dia o desvendou...

Não sei bem quem tu és e sabes quem eu sou...
Tu és o meu mistério; eu sou tua verdade:
És qualquer coisa vaga que de mim voou,
O quer que é que fugiu da minha mocidade!

Alguma sombra, alguma treva, alguma luz!
Talvez o Infinito, o Nada, o Céu, o Inferno...
Qualquer coisa onde existe esse prazer da cruz,
Qualquer vida d'instante, o quer que é de eterno!...

Eu sei lá! Eu sei lá!... Sei só que tu existes,
Assim tudo mo diz quando abro o meu olhar...
Ou quando volvo a mim de pranto os olhos tristes
Ou quando alegres já os lanço para o Ar!...

E eu sei bem, eu sei bem que nesta noite escura,
Neste mar, quando vi a hora derradeira
Tu fugiste, a voar, para os lados da Altura
E, em pouco, me trouxeste o ramo de oliveira...

Eu sei que me ensinaste a eu saber chorar,
Que fizeste de mim o meu pior amigo...
E a minha solidão desejas-ma roubar
Que, sempre que estou só, encontro-me contigo!

Bendita sejas tu, ó alma que nasceste
P'ra arrancares da campa um morto como eu sou...
E a túnica da morte que o meu corpo veste
A terra era tão má que nunca ma rasgou...

Só tu sopraste a luz à minha sepultura,
Só tu purificaste os meus queridos vermes...
A minha podridão tornaste-a muito pura
E fizeste-me erguer as minhas mãos inermes!

Vou guardar a minh'alma e a minha f'licidade
No cofre do teu olhar onde eu me posso ver...
Tu bem sabes que nesta louca mocidade
Eu tenho muito medo de a poder perder...

Amo-te como um ai que vai fora do peito,
Como tudo o que faz, fugindo, entristecer...
Tanto te sei amar neste mundo imperfeito
Que, p'ra te ver, passava a vida sem te ver!

Amo-te muito quando a tarde se incendeia
E voltas prò poente o teu perfil magoado,
Com este olhar que não vê nada o que o rodeia
Na escuridão que faz a sombra do passado...

Eu sempre penso em ti, Rainha do meu Poema,
Quando atravesso triste uma noite sem fim
E me aparece, em sonho, o grande diadema
Que cerca de esplendor teu rosto de marfim.

De ti vejo sòmente apenas o clarão...
P'ra te alcançar a forma é pequeno este olhar...
Quem me falou de ti foi o meu coração
Que eu só não te podia assim adivinhar!

Tu foste para mim a mais sagrada virgem...
E nunca mais prò mundo o meu olhar abaixo...
Junto de ti, ao vê-lo, eu sinto uma vertigem,
Como se duma estrela olhasse cá p'ra baixo!

Se a vida fez a luz, se a luz fez o luar,
Se foi Deus que criou o céu, o mar e a terra,
Dentro em meu peito, que trabalha sem parar,
Eu criei para ti todo o amor que ela encerra!

Ó mulher, ó mulher, que eu hei-de eternizar!
Deixa que só por ti eu sofra eternamente...
Deixa meu peito em ais, meu cérebro demente,
Mulher da minha vida, ai deixa-me chorar!

E tu és para mim as lágrimas que eu choro...
Quando te vejo eu rezo ou começo a chorar...
E sinto-me cansado, estrela que eu adoro,
De tanto pela luz andar a batalhar...

Depois que te amei também por mim senti
Este esquisito amor de não andar comigo...
E vejo bem que toda a vida que vivi,
Toda esta luta foi p'ra me encontrar contigo!

Se Deus me fez nascer nesta contínua guerra
E me fez para sempre andar atrás da Luz,
Como esse Cristo que por nós desceu à terra,
Também por ti, na vida, hei-de subir à cruz!

De ti quero sòmente a tua frágil vida.
Não quero o teu amor; quero poder amar.
Alivia-me tu a vida já perdida
Com esta grande dor de te poder deixar!

Deixar-te?! O que seria eu no mundo triste
Sem ti! Um vagabundo aos encontrões da sorte,
Um desgraçado, um pobre de pedir que existe
Ùnicamente, só para encontrar a morte!

Deixar-te? Nunca! Que além desta há outra vida!
Para além deste sol ainda outro sol existe...
Para além duma areia outra areia perdida,
Além duma alma triste há outra bem mais triste!

Olha: quando eu chorava, a sós, pelas herdades
E pequenito ia ver o sol romper;
Quando eu rezava sempre ao toque das Trindades
É que sabia já que havias de nascer!

Eu fui o teu profeta. Anunciei-te a vida.
O teu nome eu preguei bem antes de o ouvir.
Eu tinha um ano só e esta alma entristecida
Ouvia, dentro em si, como um sentido a abrir...

Eu tinha um ano só... E, quando, a rir, brincava
Com o meu loiro irmão que Deus já tem no céu,
Se acaso prò Oriente os olhos levantava
Previa, ao longe, um sol que havia de ser meu!

E como és linda e loira ele assim foi também,
Assim minh'alma foi à luz dessa criança...
Então é que te vi, na doirada esperança
Da bênção que me dava, à tarde, minha mãe...

E depois eu parti. Deixei tudo sòzinho...
As aves e as flor's: tudo a chorar por mim...
Deixei sempre molhada a terra do caminho
Que ia trilhando, à toa, sem saber um fim.

E, selvagem feroz minado pela fome,
Tenho insultado Deus e tudo quanto existe...
Tenho, na grande dor que sempre me consome,
Gasto p'ra a alimentar a minha alma triste!

Tenho estragado nesta vida muita aurora!
A luz calco-a aos pés como uma coisa vã...
As noites de luar eu deito-as todas fora;
Do meu peito arranquei a estrela da manhã!

Assim eu vagueei, no mundo, loucamente,
Em lágrimas matando a luz do meu olhar,
Até que me surgiste, um dia, finalmente,
Meu Arco da Aliança, para me salvar!

Apareces, no céu, pelas manhãs suaves...
Quanta vez te julguei um sol que amanheceu...
Contra os teus olhos lindos iam bater as aves,
Pensando que p'ra além havia inda mais céu!...

E nesta vida alegre, venturosa e bela,
Onde alcancei o céu sem asas p'ra voar,
Eu vivo só de olhar a luz daquela estrela
E à luz dela também, na terra, hei-de sonhar...

No meu túmulo agreste há-de tombar a neve...
De mãos em cruz sobre o meu peito hei-de dormir,
Quando o luar com o seu lençol, muito ao de leve,
P'ra que eu não tenha frio, me vier cobrir!

E, daí a pouco tempo, quando a Primavera
Reverdecer os campos, eu hei-de chegar
À terra, numa flor que tenha a cor da hera,
P'ra que o Outono, outra vez, a venha desfolhar!

Deixá-lo... Venha a morte — a redentora, a santa...
Quem sabe se na campa eu hei-de ter saudade
Do teu olhar azul que tanto nos encanta...
Venha a morte falar-me à minha soledade,
Que, quando despontar a luz do luar no céu,
Eu queria ver-te ir sòzinha e desgrenhada,
Co' um lírio que ao calor dum peito emurcheceu
E arremessá-lo assim, p'la noite abandonado,
Na campa humilde e só de quem por ti morreu!...

Coimbra, 5-2-98

SEMPRE

[1.ª edição: 1898; 2.ª edição: 1902; 3.ª edição: 1915; 4.ª edição: 1923; 5.ª edição, in «Obras Completas», s/d]

PREFÁCIO DA 3.ª EDIÇÃO

*Este livro merece-me um carinho especial, pois é ele a fonte de todo o meu pensamento poético, assim como duas éclogas anteriores (*Belo*, publicado em 1896), das quais transcrevo os seguintes versos:*

Belo amava a grande melodia
Que desperta, a sorrir, quando a alvorada
Mergulha em luz a branca penedia.
É que o choque da luz estonteada,
Contra o mundo, produz um som tão brando
Que só o ouve a alma imaculada...

... ...

Sorria e entristecia num instante,
Como se lhe tocasse, ao mesmo tempo,
O crepúsculo da tarde e do levante.

... ...

A saudade o alegrava e entristecia...

... ...

Deste modo alcançou a solidão
Onde nós o encontramos a cantar,
Com o seu olhar, a luz duma canção...

... ...

Para quê? De que serve o que é imperfeito?
Não sei o fim duma estrelinha a arder,
Nem para que palpita este meu peito.

... ...

Teu rosto vi em noite tenebrosa.
E, em negra visão, tu me sorriste!...

... ...

E ver, em mim, outra alma é o que me espanta...

... ...

E nós dois, a tristeza e eu, andamos...

... ...

Em torno da minh'alma sempre existe
O clarão dum mistério...

... ...

Além das duas citadas éclogas, publiquei, seis ou sete meses antes do Sempre, *uma poesia intitulada* À minha Alma, *da qual transcreverei também alguns versos reveladores:*

... ...

Em toda a parte eu vejo a luz do meu mistério.
Quis penetrar na noite a ver se ainda encontrava
A essência subtil donde nos nasce o dia

... ...

Quando acaso me vejo, em 'spírito, sòzinho,

... ...

Hei saudades de mim, doutro que fui —, menino
Que um dia disse adeus p'ra nunca mais voltar...

... ...

Como se, porventura, a noite visse o dia,
Se, em mistério, me visse, eu punha-me a chorar...

... ...

Vejo que volta o meu passado ao ver-te agora.
E tu és uma estrela aonde chega a imagem
De tudo o que, ao luar, eu meditei outrora.

... ...

Eu sei que me ensinaste a rir e a chorar,
Que fizeste de mim o meu pior amigo.
E a minha solidão desejas-ma roubar,
Que, sempre que estou só, encontro-me contigo.

... ...

De ti, eu vejo apenas o clarão...
P'ra te alcançar a forma é frouxa a luz do olhar...

... ...

E tu és para mim as lágrimas que eu choro...

... ...

Depois que te amei, também por mim senti
Este esquisito amor de não andar comigo...

... ...

Já nestes versos, anteriores à publicação do Sempre *(1898), se encontra desenhado o vulto da minha inspiração, isto é, a sensibilidade ao enigma das Cousas, a atitude inquieta, interrogadora da alma, o instinto da Saudade.*

O Sempre *e os livros que se lhe seguiram foram escritos durante a febre de criar. A onda levou-me no seu ímpeto. Agora penso dominá-la e adaptá-la às formas do meu espírito.*

Eis a origem da nova edição das minhas obras.

*As modificações que sofreram as poesias do presente volume em nada lhes alteraram a essência espiritual primitiva. Os três ou quatro cantos principais que definem o meu temperamento (*Numa caverna escura, Lá, As minhas sombras, Último canto, *1.ª edição) conservam intactos o seu sentido originário de que dimana toda a minha obra posterior.*

No primeiro canto cit. e no quarto há o pressentimento dum novo Reino Espiritual, revelado nas Sombras *(«Sombra da Vida») e, sobretudo, no* Marânus.

No segundo, há o drama do ser que se ausenta de si próprio e se dilui nas Cousas — o verdadeiro drama do Amor, desenvolvido no Jesus e Pã *(3.ª fala) e nas* Sombras *(«A Sombra do Homem»).*

No terceiro, aparece já a minha visão espectral dos seres e das cousas, refúgio caótico do espírito, onde ele sonha uma nova Realidade.

Em outras poesias, como na Tarde de Outubro, *nas que se referem à minha aldeia e no* Último canto, *sente-se o amor saudoso da Natureza animada em Deus e no homem, a que mais tarde chamei* panteísmo saudosista, *e a que outros, conhecendo o*

tronco de árvore mas ignorando as raízes, chamam misticismo pagão, naturalismo místico, *etc.*

Todos estes aspectos, que eu considero os principais do meu carácter poético, se contêm na Saudade, minha Musa de sempre, que invoquei na primeira edição:

Ó saudade!... Ó saudade!...

Sombra que não há sol capaz de a desfazer,
Ou astro que não faz nascendo a luz do dia.
Desgosto que não muda em dor algum prazer,
Ou prazer que não muda a dor em alegria,
Eis a Saudade... a luz eterna que ilumina
O mar da nossa mágoa onde nós navegamos...
Quem lhe deu vida? Qual a fonte cristalina
Onde esta sede de infinito saciamos?...

Na 2.ª edição (1900 a 1901) completei o sentido da Saudade, acrescentando estes versos aos que ficam transcritos:

Ó Saudade, tu és um doloroso laço
Que quer ligar um corpo à sua antiga forma...
Ó piedosa mulher que prendes num abraço
A primeira expressão dum ser que se transforma!
A Saudade é um sentimento misterioso
Que prende a nossa vida à vida que passou,
E que faz regressar um sovereiro idoso
À fecunda semente onde ele se criou...
Tu és a Eternidade, és a Perpetuação.
Por ti, volta a ser água a água que se evapora;
De toda a fria cinza és a ressurreição,
Por ti, o Sol regressa à sua aurora.

Quanto à forma, dei a quase todas as poesias o metro livre em que foram compostas algumas da 1.ª e da 2.ª edição, como por exemplo:

Ó santinha da sua devoção,
Ervas que ela queima pelo S. João,
Como sois felizes!
Ó aves que ela vai ouvir cantar,
Ó plantas que nasceis junto da casa d'Ela!
Estrela que mais perto estás do seu olhar,
Águas do Mar que, um dia, já puderam vê-la,
Como sois felizes,
Como eu sou feliz!

Felicidade! Felicidade!
Que eu alcancei
Ao transformar em crença e fé toda a saudade
Dum ilusório mundo que eu sonhei.
Felicidade! Felicidade!
És no meu coração...
Em tudo, em tudo, existe a Eternidade
Numa lágrima existe a nossa Redenção!

Com estas ligeiras notas, o leitor a quem, porventura, interessar o meu pensamento poético fàcilmente o poderá compreender e acompanhar desde a sua espontânea génese até às Elegias *e* Verbo Escuro.

I

Numa caverna escura,
Aberta em rocha dura,
Ganham formas fantásticas as cousas...
E, em vagas atitudes misteriosas,
Dançam ignotas sombras, nas paredes.
Também no meu espírito profundo,
Íntima gruta múrmura de sedes,
Tudo o que ele criara e tudo quanto
Descobre o nosso olhar,
A estrela de alva, a pedra do meu lar,
A Saudade que é a mãe do nosso canto
E a eterna luz do mundo,
—Toma formas estranhas, sem sentido,
Que nunca imaginei...
E vendo-as, dentro em mim, surpreendido,
Eu tive medo delas, e gritei...

II

Gritei. Logo o meu canto de mistério
Se fez mortal, nascendo. É medo etéreo,
Delírio de alma, inquieta adoração.

Na mais humilde e pálida canção,
Anda Deus a sonhar a noite e a luz do dia!
Assim na minha humana e cósmica elegia,
Que se percute Além,
Através do seu ritmo escuro, vejo alguém:
Sou eu, na minha dor, presente e vivo.

Ó canto, já no espaço, fugitivo,
Contigo, em divindade, vai meu ser;
E sobre a terra, a sós, me aflijo e me consumo.
Ìntimamente sou longínqua estrela a arder
E o meu vulto, por fora, é todo cinza e fumo.

Ó versos que sois místicas tristezas
E ansiedades que, em névoa, se perderam!
Deuses, no vosso Olimpo, há lágrimas acesas
E muitos sóis que nunca amanheceram...

Azul profundo,
Etéreo rosto,
Donde cai sem descanso, indefinidamente,
A lágrima do Mundo,
Revelando quimérico desgosto
De Deus que, ao terminar o templo da Natura,
Surpreso, de repente,
Viu, dentro dele, a própria sepultura!

Céu nocturno, cemitério,
Marcado de ígneas cruzes...
Martirizadas luzes,
Letras de ouro,
Risos que a sombra tem, rubros sinais de agouro,
Drama oculto em penumbras de mistério.

Sou também negro espaço constelado,
Sempre que me comovo.
Cada lágrima forma, ao longe, um mundo novo;
É tudo o mesmo ai! esférico e habitado.

A dor é a Mãe de tudo!
A Virgem Mãe de seios espectrais...
E aquilo que parece eternamente mudo
É o que, em segredo eterno, sofre mais!

Ó dor indefinida,
Da sombra que projectas
Nasceu aquela aurora anoitecida,
Que ainda ouvimos chorar, no verbo dos Profetas.
É a dor, humanizada e trágica, rezando;
A dor que sobe além da própria dor,
Nas trevas infinitas, desenhando
Paraísos de luz, idades de oiro em flor!

Em alta serra agreste,
Onde vive de saibro o lobo carniceiro
E a urze as fragas veste,
Ali sonhei, à luz do entardecer,
Estes versos de mágoa e amor primeiro,
Para as almas de Deus que não souberem ler...

POETA

Quando a primeira lágrima aflorou
Nos meus olhos, divina claridade
A minha pátria aldeia alumiou
Duma luz triste, que era já saudade. 5

Humildes, pobres cousas, como eu sou
Dor acesa na vossa escuridade...
Sou, em futuro, o tempo que passou;
Em mim, o antigo tempo é nova idade.

Sou fraga da montanha, névoa astral, 10
Quimérica figura matinal,
Imagem de alma em terra modelada.

Sou o homem de si mesmo fugitivo;
Fantasma a delirar, mistério vivo,
A loucura de Deus, o sonho e o nada. 15

---

1. *C*: O Poeta / *Em epígrafe*: E na minha janela a meditar, / Havia em toda a dor que me falava / Uma outra voz que eu nunca ouvi falar / (1.ª edição) — **3.** *C*: Claridade — **4-5.** *CD*: A flor, a pedra, a névoa alumiou / Duma remota e vaga humanidade. — **7.** *CD*: A luz da vossa triste escuridade... — **10-12.** *CD*: Sou a bruma do Tâmega apagando / As figuras e as almas revelando, / Erguendo vultos de anjos sobre a serra... — **14.** *C*: Mistério — **15.** *CD*: A Saudade falando à sua terra.

UMA VOZ

Eu ouço misteriosa voz cantar,
Na noite que me beija o coração,
E tem um riso morto de luar
Para a nocturna e triste solidão. 5

Eu ouço-te, afogado em comoção,
Quase névoa, turbando o azul do ar.
Que sobrenatural recordação
Desejas tu, em mim, ressuscitar?

Misteriosa voz enternecida, 10
Nos meus ouvidos sempre murmurosa,
Dos meus ouvidos sempre incompreendida;

Essência dos meus versos dolorosa,
Na minha própria alma adormecida,
Mas cantando, desperta, em cada cousa. 15

---

1. *ABC*: Misteriosa Voz — **2.** *AB*: Misteriosa voz ouço cantar *C*: Eu ouço misteriosa Voz cantar — **3.** *A*: Pela Noite erma do meu coração... *B*: Pela noite erma do meu coração. — **4-5.** *AB*: Tão suave passa pelo azul do ar, / Como um raio de luz e uma oração. — **6-8.** *AB*: Que histórias contarás, linda canção / Que vens ao meu ouvido murmurar? / O que é que dizes? Que recordação *C*: Eu ouço-te, perdida em comoção, / Quase névoa, turbando o azul do ar... / Que sobrenatural recordação — **10.** *ABD*: Misteriosa voz desconhecida, *C*: Misteriosa Voz desconhecida, — **11.** *C*: Sempre aos meus ouvidos murmurosa, — **12.** *AB*: incompreendida, — **13-15.** *AB*: És alguma canção da minha vida / Que, por cantar, minh'alma descuidosa / Por esta noite foi deixar perdida?... — **16.** *A*: Coimbra, 1898.

TARDE DE OUTONO

A António Carneiro,
pintor da alma e da paisagem

Saio de casa. Outubro. Fria tarde.
Eis-me através dum ermo pinheiral. 5
O sol, já moribundo, chora e arde,
Gotejam sangue as árvores do val'.

Seus denegridos ramos, tão esguios,
Perdem-se no céu roxo e vaporoso.
E causa-me profundos calefrios 10
O vento, num ataque de nervoso.

Ó fulminados troncos sem folhagem,
Erguendo negros braços, na amplidão!
Súplicas dolorosas da paisagem,
As formas mais secretas da Aflição... 15

Tudo se torna indefinido, imenso.
Um sonho ou morte as cousas envolveu.
O rio tolda o espaço; é branco incenso.
Desce à terra, em penumbra e dor, o céu.

2-3. *C*: *Em epígrafe*: Ó Natureza, qualquer cousa existe / / De íntimo entre o meu peito e a tua Essência. / Se medito, se canto, se estou triste, / Eu sinto, dentro em mim, tua existência! (Da 1.ª edição) — **13.** *CD*: braços na

O frio piar do mocho sobressalta 20
Os homens que regressam aos casais...
Que silêncio de inverno! E já vai alta
A lua, sobre a rama dos pinhais.

Como eu vos amo, ó tardes de abandono!
A vossa mágoa é irmã da minha mágoa. 25
Eu sou talvez — quem sabe? — um outro outono,
Folhas mortas caindo... charcos de água...

Sou esta própria tarde, em que, sòzinho,
Vagueio, entre penumbras e tristezas...
Projecto a noite sobre o meu caminho 30
E, em meus olhos, há lágrimas acesas.

---

25. *C*: Vossa tristeza é irmã da minha mágoa. — **31.** *CD*: E em meus olhos há

MEDITANDO*

A D. Miguel de Unamuno

Quantas vezes, vou só, por um caminho adiante,
A meditar nas cousas.
E meditando, eu torno-me distante
Das suas aparências mentirosas.

Meditar é subir àquela altura,
Onde a gota de orvalho é um astro que alumia;
E onde é perfeita e mística alegria
A humana desventura.

Por isso, eu amo tanto
As horas de saudade em que medito,
E julgo ouvir misterioso canto
E me perturba a sombra do Infinito.

Ouço uma voz dizer, em mim: *eu sou alguém...*
E sinto que essa voz não é só minha; eu sinto
Que dimana de tudo o que me cerca e tem
Ermo perfil, nas trevas, indistinto.

Sou infinito amor, quimérica presença.
Aos meus olhos baixando, a luz do luar,
Em choro, se condensa;
E vejo a terra e o céu, como através do mar.

---

* Na 3.ª edição, em epígrafe: «Desvendar, descobrir, ir ter onde está Deus / É o verdadeiro fim do coração humano... / É uma estrada a trilhar a vastidão dos céus / / Como foram outrora as ondas do oceano. (Da 2.ª edição)».

E transtornam-se as cousas que parecem
Destroços naufragados.
Seus corpos anoitecem
E ficam-se, na sombra, a olhar, pasmados.

Sempre que choro, o branco nevoeiro
As árvores apaga.
O meu riso floresce um ermo outeiro
E o meu canto, de monte em monte, se propaga.

Que estranha simpatia
Me prende às pobres cousas da Natura!
A minha dor cantando é luz; minha alegria
Incendeia a nocturna sombra escura.

E vejo a intimidade, o laço oculto,
Que as almas todas casa;
Meu coração erguendo, em sonhos, o seu vulto
É pedra, nuvem, asa.

Horas em que medito e me disperso,
Por tudo quanto existe.
Em mim, se extingue o dia do Universo
E principia, em mim, a sua noite triste.

LÁ

Texto da 2.ª edição:

No alto dum monte
Sem saber porque fui ali parar,
Muito antes que os beijos do horizonte
Fizessem o céu pálido corar,
Ia sòzinho e triste,
Abandonado ao meu triste pensar...
Viam-me os olhos o que não existe,
Mas nada viam: era de chorar...
E eu chorei... e eu chorei...
Quantas almas de Lá vêm visitar
A noss'alma; eu bem sei
Que os astros, em segredo, vêm ao mar. .
Velho cipreste vou interrogar,
Sem entender o que ele me responde...
Quantas lágrimas vêm ao meu olhar
Caídas não sei donde!
O meu pálido rosto vêm molhar
Dores alheias, lágrimas estranhas...
Choram pelos meus olhos o luar,
Os rios e as montanhas...
Eu sei vosso destino,
Brancas nuvens do céu, ondas do mar.
Ó claro céu d'estrelas cristalino,
Meu transparente olhar!...
Quantas lindas quimeras
Aparecem, no azul a desmaiar...
Eu sei ouvir o canto das esferas;
É o murmúrio duns olhos a chorar...
Ó doce olhar dos céus,
Que só tempestade faz turbar!
Como eu descubro a tua alma, ó Deus,
Através desse olhar!...

E que mistérios vêm
Esta noite minh'alma impressionar...
Em tudo para mim há um Além,
Em fria pedra ou flor a rebentar...
Numa areia ou num grito
Ou numa gota d'água a cintilar,
Existe um infinito,
Onde me sinto, em sonhos, elevar!...
Oh eterna ascensão,
Eterno viajar!
Tuas asas de luz, meu coração,
Eternamente hão-de voar, voar...
Deste monte sòzinho, abandonado,
Eu ouço, ao longe, os vales a chorar,
E vejo, sobre um alto, ajoelhado,
Ermo pinheiro, a orar...
Em tudo quanto vive, há o murmurar
Duma prece que foge para os céus...
E em tudo nós sentimos palpitar
O coração de Deus...
Por isso, para mim este alto monte
É um místico altar...
São branco incenso as nuvens do horizonte
E a luz da Graça é a luz deste luar...

Coimbra, 1898.

Versão definitiva: *

A João Lúcio

No alto dum monte,
Saudoso altar,
Que o canto enverdecente duma fonte
Parece alumiar,
—Vi-me, sòzinho e triste,
A imaginar...

* Na 3.ª edição, em epígrafe: «Ao ver-me só, fiquei cheio de medo... / E então, numa alta voz, pus-me a chamar / / Por mim, que estava a sós... / E pareceu-me ouvir uma outra voz / Um nome pronunciar. / Olhei o meu ouvido / / A ver se ouvia esse som perdido: / Era o vale a chorar (Da 1.ª edição)».

Tudo o que existe,
Aquém e além do nosso olhar,
Bailava no meu choro.
Que é chorar?
É ver o sol, lágrima de ouro,
Pela face de Deus, a deslizar.
É ver o mundo
A concentrar
O seu nocturno espírito profundo
Em gota de água e dor que vai tombar;
Subir talvez no azul dos céus,
Bater as asas para Deus,
Voar...

E eu chorei...

Quantas cousas de Lá nos vêm falar
E visitar... Eu sei
Que os astros, em segredo, vêm ao mar.
Ó lágrimas de longe a murmurar,
Ó lágrimas estranhas!
Choram, pelos meus olhos, o luar,
Os rios e as montanhas.

A eterna Dor
Fez, em mim, o seu ninho: ouço-a cantar
De ramo em ramo, e flor em flor...
Anda a criar.

Sòzinho, pelos ermos, divagava,
Esquecido, a cismar...
O crepúsculo as rochas animava,
E tinham negro olhar.

E, súbito, encontrei-me abandonado,
Longe de mim, a errar.
De medos lívidos cercado,
Como um fantasma, ao luar.

Então, pus-me a chamar
Por mim, que estava a sós.
E julguei perceber humana voz,
Vinda no hálito do ar.
Mas era um Ai perdido,
Eterno, da Natura, sem sentido.
E no meu ser, bem fundo, penetrou;
E ali ficou,
Sempre a cantar,
A solidão, a luz crepuscular,
Silêncios de alma, a sombra, o medo...
E é minha prece oculta, o meu segredo.

A MINHA ALDEIA*

AO VISCONDE DE VILA MOURA

Terra da minha infância! Ó pátria solidão!
Que a minha inspiração
Seja um pouco de sol para os teus montes
E um riso de água a mais, nas tuas fontes.

A minha aldeia!
Ermo lugar que existe
Perdido, neste mundo...
Onde o silêncio as almas arrefece;
E o clarão do poente moribundo
É mais doirado e triste,
E lembra enorme e lívida candeia,
Nas mãos dum negro espectro que aparece...

Aldeia da primeira noite escura...
Primeira terra que o luar beijou,
Quando o Rio, no vale, se embrenhou,
Quando o Marão subiu a grande altura,
Em cerros duma esfíngica escultura,
Que o fogo dos relâmpagos crestou...

* Em epígrafe, na 3.ª edição: «Agora amo-te mais, ó minha linda aldeia, / Na agonia doirada e triste do arvoredo, / / Quando à tarde aparece enorme a lua cheia / E em toda a Natureza há um íntimo segredo (Da 1.ª edição)».

Minha aldeia dos bocos, dos recantos
Medrosos, escondidos,
Onde não chega a luz...
Montes de velhas rochas com encantos;
Outros, tendo uma ermida ou solitária cruz.

Minha aldeia dos sítios doloridos,
E sombrios pinheiros, reunidos
Em lúgubre irmandade.
Espectros da noitinha e da saudade...
Como eu vos amo, sim!
Vós sois o meu jardim,
À luz do luar...

Ó ermos pinheirais, com mochos a cantar...

Ouvindo aquele canto magoado,
Fantasmas do Passado
No ar perpassam...
Lembranças mortas esvoaçam...

Carreirinhos subindo, tortuosos,
Empoados de oiro, à tarde, os íngremes outeiros;
Ignotas direcções, destinos misteriosos,
Traçados pelo andar de tristes caminheiros.

Oh, a elegia dos caminhos solitários,
Morrendo em curva, além,
Onde erram, ao luar, imaginários
Vultos do meu desejo e... mais ninguém!

A minha aldeia humilde da Pobreza!

Depois da reza,
Junto ao lar,
A tigela de caldo a fumegar
E o loiro pão de milho que ainda cheira
E sabe ao sol da eira.

Antigos pobrezinhos,
Fincados ao bordão...
E que tristeza — olhai! — a dos ceguinhos
Que andam, à luz do dia, em plena escuridão!
Quantos anos lhes pesam sobre a fronte,
Suja de pó, rugosa, encapelada...
E os que a sorte enjeitou!
O aleijado, a viúva, a criança abandonada,
Velhinhas a rezar, na sua voz de fonte
Que já secou.

Ó pobres camponeses,
Durante os negros meses!
Choupanas a cair, desconjuntadas telhas,
Deixando trespassar o zimbro e o vento,
Em noites velhas.

Ó faltas de trabalho! Inverno! Isolamento!

E a terrível secura, pelo estio,
Quando mostra o esqueleto, em pedra e areia, o rio;
E na febre infernal, acesa, que as consome,
As fontes pingam lágrimas de dor,
Gotas de sangue esvaído, já sem cor,
E mugem os bois com fome.

Baldios despovoados de arvoredos.
Terras de Portugal que dão rochedos,
A urze, a inveja, o ódio e... pouco mais...
Ressequidos e lívidos maninhos,
Onde pastam rebanhos espectrais!

Ó montes pobrezinhos...
Mendigos desgraçados,
Com feridas sangrando, ao sol-poente;
Vestidos — que miséria! — simplesmente
De farrapos de tojo esburacados.

Ó casas sem ninguém,
Dos que foram por esse mar além,
Abertas ao vento norte...
A lareira apagada, a cinza esparsa... a morte!
Outras, a branquejar, no meio de colinas,
Entre pinhais, a sós...
Algumas são fantásticas ruínas
Ou templos do Abandono.
Dentro dos seus salões, é sempre outono;
Neles vagam, à noite, aparições de Avós...

Casebres tendo, logo ao pé da porta,
A pequenina horta,
O eirado, o alpendre, a meda, a sombra da figueira;
E no estreito postigo, sem vidraça,
Sorri — tão verde! — a alfádega a quem passa...
Que bem que cheira!
É um perfume viçoso de alegria;
Vê-se nele o retrato, a cores, da *Maria,*
A cotovia, o rouxinol;
Primeiro voo dos passarinhos,
Primeira flor, à beira dos caminhos,
O Sol...

Como ele encerra o amanhecente
Idílio campesino:
O amor carnal, brutal, mas inocente,
O antigo amor dos deuses, que é divino.

Gente da minha aldeia, no trabalho...
Ermas frontes banhadas em suor;
Gotas de água e poeira, angustioso orvalho...
Almas presas à terra pelo amor!

Magros vultos curvados sobre a enxada,
Projectando, nas leivas fumegantes,
Sua sombra de gestos, esforçada.

E os grandes bois, pacatos e ofegantes,
Puxam o férreo arado, revolvendo
As entranhas do solo.

E tu, *Delfina*,

Vais à frente, a sorrir, olhos azuis volvendo
Ao teu *Manel*, que, alegre, desatina;
E, de ver-te, não sente o arado que lhe pesa...

Homens, que trabalhais na minha aldeia,
Como as árvores, vós sois da Natureza.
E se vos falta, um dia, o caldo para a ceia
E tendes de emigrar,
Troncos desarraigados pelo vento,
Levais terra pegada ao coração
E partis a chorar.

Que sofrimento,
Ó Pátria, ver crescer a tua solidão!

Ó mês de Agosto! Ó céu vibrante de zumbidos!
Sufocante calor, ventos adormecidos...
Ó *malhas* entoando! Estrondo surdo e fundo...
Roças de mato, *segas*...
Esfolhadas, canções, visões do fim do mundo...
Doces manhãs, frescura de água. *Regas*...
Estagnações de luz, em tardes calmas...
Relâmpagos longínquos... Tempestade.
Sapos cantando, além... Geme, nas suas almas,
Como um remoto espectro, a Fealdade.

Setembro da Abundância...
Velhice que parece nova infância.
São Miguel das vindimas, sol divino,
Negros frutos do néctar purpurino.
Ó sangue vivo, em flor,
Pintando as mangas da camisa ao lavrador

E os seus lábios que ficam a sorrir...
Lagares a ferver, vermelha espuma a abrir,
E que bom cheiro a mosto,
Luz de perfume, espírito, embriaguez,
Esparso e alado gosto,
Almas de Bacanais, em sombra e palidez.

Ó minha aldeia, quando nasce a aurora!
Igreja alumiada.
Gotas de orvalho onde a alegria chora,
Cantos de anjos, na flor da madrugada.

A música infinita das esferas
Deslumbra todo o espaço transcendente...
E existem siderais, ocultas primaveras
Que florescem meu ser, de longe, vagamente.

E a criança que fui, nos tempos do Passado,
Em mim revive, e sinto-me sagrado!

Minha aldeia, durante a noite escura...
Choupanas abismadas, sem figura;
Ruínas que a treva faz. Escuros tons.
Sepulturas da cor. Fantástica paisagem...
O vento perpassando é torva imagem,
Desenhada a sons.

Minha aldeia outonal... O sol que se desterra
Deixa as árvores tristes na orfandade
E deixa viúva a terra
E os pássaros sem voz...
Nas próprias cousas, vede, que saudade,
A olhar, a olhar, absorta, para nós...

Voam melancolias, frouxas asas,
Penumbras e segredos,
Velando as ermas casas,
Entre esqueletos negros de arvoredos,

Na luz crepuscular.
O *norte* agreste inflama
O céu roxo das tardes misteriosas
E engrossa a voz do mar...
E a mão da Palidez, quimérica, derrama
Um doirado mortal nas brumas lacrimosas.
Imensa e vaga flor, a solidão
Cresce, no meu jardim.
As rosas murcham na roseira verde;
Tombam em cinza de alma que se perde...
Outono, outono, ó mártir estação,
Profecia do Fim...

Aldeia da beirinha de água... Ó rio...
Pescadores lançando a linha com o anzol,
Através da neblina, o lácteo véu de frio
Rasgado pelo sol.

Azenhas, velhas mós de pedra dura;
Açudes, borbotões de espuma a cair;
Grupos de árvores, maciços de verdura
Cercados de água, a rir.

Ó Tâmega baixinho e transparente,
Sob copados amieiros...
Ao declinar o dia, és pálida corrente,
Onde, triste, flutua a sombra dos outeiros...

Ó Tâmega dos pegos tenebrosos;
Da branca névoa arrefecida,
Dos soturnos queixumes clamorosos,
Na noite adormecida...

Rio da minha aldeia...
Pelo chuvoso inverno, maré cheia
Das lágrimas profundas do Marão...
Tu és, ó Rio, a dor da grande Serra;
O seu drama de fragas e de terra,
Esvaído em água torva de paixão!

No estio, és a tristeza, ao luar que nasce,
Daquela montanhosa soledade:
A lágrima baixinha de saudade
Que lhe escorre da face.

Assim a dor estranha,
Que mina e rói, por dentro, a lúgubre montanha,
— Esfinge de olhos tristes, a chorar —
Encontra o seu alívio em pleno mar.
O mar vivo das ondas alivia
O mar morto de bruma e penedia.
E os rudes montanheses, padecendo
A dor da terra mãe,
Foram dos altos píncaros descendo,
Seguindo o verde rio vagaroso,
Essa estrada de lágrimas andante...
E alcançaram o mar; e, pelo mar além,
Logo se aventuraram, num saudoso,
Aventureiro sonho navegante.

Minha aldeia no inverno,
E esse teu ar gelado e sempiterno!
Pobrezinhas choupanas,
De comovidas formas quase humanas,
Sofrem não sei que trágico desgosto...
Que silêncio nos montes concentrados!
O frio coalha, em tons esbranquiçados,
Nos vales, ao sol-posto...

Minha aldeia no Entrudo. As máscaras vermelhas
Dançam, em gritaria.
Figurações macabras de animais!
Risos de tinta nova em feias caras velhas.
Mortas caricaturas da Alegria,
Crepúsculo das doidas Saturnais!

Ó minha aldeia na semana da Paixão!
Etéreo luto pairando
Sobre as cousas e o nosso coração...

Um véu de dor
O rosto ao sol velando...
Aves cantando, mais baixinho, a medo,
Flores anoitecendo a sua cor,
Fontes manando em íntimo segredo.

À tarde, vem o luar dorido... E que tocou
De lívido palor o corpo de Jesus
E a sombra de Maria desenhou,
Sobre as urzes e a fraga, aos pés da Cruz.

A *Ceia*, o *Horto*, o *Julgamento*,
Pedro chorando arrependido,
Maria e o seu tremendo sofrimento,
Todas essas dramáticas imagens,
Já delidas, no tempo decorrido,
Turvam de misticismo as almas e as paisagens...

E a procissão na vila, à noite... Os *fogaréus*
E, de túnica branca, os pobres penitentes,
Sob os andores, a arrastar correntes,
De férreos sons enchendo a ladrilhada rua...
Grossas nuvens abrindo-se, nos céus,
Deixam descer ao mundo a luz da lua.
E ao luar aparece a imagem do Senhor,
Em alta cruz pregada...

Oh que expressão fantástica de dor
Transfigurada!
E, nos lábios de Cristo, o luar murmura
Palavras de piedade...
E a coroa de espinhos embrandece
E ei-la uma auréola apenas de ternura:
Divina claridade
Que as ressequidas mágoas humedece...

Ó grande imagem, sobre o andor, na ponte!
Corpo banhado em sangue e luz do luar...
Braços da cruz cingindo a noite, num abraço;

Palpitações, relâmpagos, no espaço...
E o rio, numa prece, é voz de fonte;
Dir-se-á que vai parar ...

Minha aldeia na Páscoa... Infância, mês de Abril!
Manhã primaveril!
A velha igreja,
Entre as árvores, alveja,
Alegre e rumorosa
De povo, luzes, flores...
E na penumbra dos altares, cor-de-rosa,
Rasgados pelo sol os negros véus,
Parece até sorrir a Virgem Mãe das Dores.

Ressurreição de Deus!
Domingo da Esperança!
Aleluias fazendo uma outra luz, no ar...
(Os olhos me ficaram de criança,
Que para mim é ver o recordar).

Sai o *Compasso*. Em pleno Azul, erguida,
Entre a verde folhagem das uveiras,
Rebrilha a cruz de prata florescida...
Na igreja antiga a rir seu branco riso a cal,
Ébrias de cor, tremulam as bandeiras...

Vede! Jesus lá vai, ao sol de Portugal!

Ei-lo que entra contente nos casais;
E, com amor, visita as rústicas choupanas.
É ele, esse que trouxe aos míseros mortais
As grandes alegrias sobre-humanas!

Lá vai, lá vai, por íngremes caminhos!
Linda manhã, canções de passarinhos!
A campainha toca: aleluia!
Aleluia!
Lá vai o padre e a sua branca estola
E o seu ramo de flores.

E, às portas espalhado, o rosmaninho evola
Um místico perfume de oração.
Velhos trabalhadores,
Por quem sofreu Jesus,
E mães acalentando os filhos, no regaço,
Esperam o *Compasso*...
E ajoelhando, com séria devoção,
Beijam os pés da Cruz.

E no lúcido espelho da paisagem
Reflecte-se, num sonho, a branca imagem
De Cristo ressurgido... Que mistério!
O sol que nasce, o despertar do vento,
Os soldados brutais do grande Império
Caídos por terra, num deslumbramento!
Madalena, num gesto enlouquecido,
Gritando: *eu vi a Deus*.
Aleluias de amor subindo além dos céus,
E o milagre, de mundo em mundo, repetido...

Noite de S. João! Cascatas e folguedos,
Entre sagrados arvoredos,
Como outrora...
Rapazes e donzelas,
Onde a alegria mora,
Em ranchos delirantes,
Levam ramos enormes, verdejantes,
Cantando, à luz eterna das estrelas...

E, em Novembro, os *Fiéis* pedindo à nossa porta.
O velho, o órfão, a viúva...
Magros perfis de dor, à fome e à chuva,
Sobre a terra morta.
Lá vão, em ermos grupos pobrezinhos,
E rezam orações mais tristes que as do vento...
Alguns são aleijados e ceguinhos
De nascimento...

Além, no presbitério,
Descobre-se pequeno cemitério,
Negro de gente humilde que murmura...
Piedosas flores,
De maceradas cores,
Alegram vagamente aquela nódoa escura,
E pousam sobre as covas...
Umas, velhinhas, com a cruz tombada,
Cheias de cinza anónima, esquecida...
Estas, de terra fresca, a branquejar, são novas;
Têm a efígie do morto intacta e perfumada;
Ao pé das outras — vede! — ah, quase que têm vida!

E a noite de Natal?
Ó lua sobre um torvo pinheiral,
Onde soluça e geme o frio norte,
Como antevendo o drama do Calvário!
Neste caminho, antigo e solitário,
Cavalga a feia Morte...
E os rochedos dos montes
Dizem que vão beber nos rios e nas fontes.
E há figuras de lívida aparência,
Palpitando na etérea e baça transparência,
Que se perturba e mostra um génio agreste.
São defuntos quebrando o seu repouso eterno,
À sombra dum cipreste...
Negros mochos crocitam
E as ermas cousas brutas ressuscitam,
Nesta noite fantástica de inverno...

Ó *Reis* da minha infância! Que saudade!
Em torno do meu lar,
Vozes de almas, divina intimidade...
Lá fora, sobre a terra, a neve fria
É lúcido lençol...
E o velho tronco, a arder e a crepitar,
Parece restituir, em chamas de alegria,
Todo o calor e luz que recebeu do sol...

De tão límpido o espaço resplandece!
E a música selvagem das *festadas*
Entoa, ao longo branco das estradas,
Põe tumultos de som no ar mudo que estremece.

Bandos de virgens, pela noite morta,
Cantam ao Deus Menino...
E um canto repentino
Ouviu-se, agora mesmo, à nossa porta:

São chegados os três Reis
À lapinha de Belém...

E lá partem, depois, por essa noite adiante...
E o seu cantar é triste, já distante...

Aldeia da minha infância...
Cousas belas delidas na distância!
Ó primeiras manhãs! Crepúsculos de outrora!
Aves do meu passado! Ó lírios já dispersos!
Velhos dias de sol! Que sereis vós, agora?
Talvez sejais — quem sabe? — a sombra dos meus
[versos.

Ó minha antiga aldeia, feita imagem!
Quimérica paisagem,
Que se esfuma nos longes do meu ser...
E é a mesma que eu avisto, à luz do dia,
Desdobrando-se em névoa eterna, sem perder
Seus contornos e cores de harmonia.

Ó paisagem da minha intimidade,
Que, dentro em mim, eu trago em terra e céus,
Tal como trouxe o mundo, em outros tempos, Deus,
Antes de o modelar em sombra e claridade.

A INCONSTÂNCIA

Texto da 2.ª edição:

A inconstância das cousas

Como é tão frágil tudo quanto existe!
Como se extingue a mais formosa cor,
Ai, como tudo é transitório e triste,
Como hoje é ódio o que ontem foi amor!...

Nem um momento à luz do sol resiste
Gota d'água nos lábios duma flor...
Se a luz que tu, minh'alma, descobriste
É luz eterna, é porque é a luz da Dor.

Eu sou da Vida um doloroso grito;
Sou a injúria do pó que o vento leva,
Contra tudo o que Deus fez infinito...

De luto a noite veste a imensidade...
É outra maldição que vem da treva,
Contra ti, sempiterna claridade!...

Coimbra, 1898.

Versão definitiva:

Como hoje é ódio o que ontem foi amor!
Como é tão frágil tudo quanto existe!
A alegria, nascendo, fica triste,
Tombando, a luz se perde em negra cor. 5

Que é feito, coração, do que sentiste?
Será dor, por acaso, a tua dor?
A criatura humana, a terra, a flor
São espectros dum ser que não existe.

No silêncio do mundo, choro e grito. 10
Sou a injúria do pó que o vento leva,
Contra a sombra de Deus e do Infinito.

De luto, a noite veste a imensidade:
É negra maldição que vem da treva
Contra ti, sempiterna claridade. 15

---

4. *C*: faz-se triste, *D*: põe-se triste, — **8.** *CD*: A criatura, a terra, o sol, a flor, — **10.** *CD*: eu choro — **12.** *CD*: Contra tudo o que Deus fez infinito.

AO SOL-PÔR

Eu canto no crepúsculo... A Tristeza
Recorda-me longínqua aspiração,
Na qual pressinto a imagem da Beleza
Que os meus olhos, um dia, alcançarão... 5

A paisagem, na sombra, sonha e reza...
Seu vulto é de fantástica visão.
Dir-se-á que a empedernida Natureza
Tem lágrimas a arder no coração.

E canto a minha mágoa; vou cantando... 10
E vou, saudoso e pálido, ficando
Mais distante de mim, mais para além...

Nesta melancolia, que é chorar
Sem lágrimas, eu vivo a meditar
No que me prende... a terra, o céu, alguém? 15

---

1. *A*: Sobre uma rocha, ao sol-pôr *B*: Sobre uma rocha ao sol-pôr — **2.** *A*: Sinto-me muito triste e esta tristeza *B*: Sinto-me muito triste, e esta tristeza *CD*: Eu canto no crepúsculo .. E a Tristeza — **4.** *A*: Num poente, a luzir, estrela acesa *B*: Onde pressinto a imagem da Beleza — **5.** *A*: Nascida do seu último clarão. — **6-7.** *AB*: E, em êxtase, ajoelhada est'alma reza, / Na sombra vaga, ideal duma visão, — **8.** *A*: Sombra a que ela, ao rezar, se sente presa, *B*: Como ao nascer do Sol a Natureza, *CD*: Dir-se-á que a bruta e escura Natureza — **9.** *A*: Ó sombra a quem nos liga uma oração! *B*: Como ao nascer do amor um coração. — **10.** *AB*: E ela vai a rezar continuando... *C*: E rezo a minha mágoa, vou cantando... *D*: Eu rezo a minha mágoa, vou cantando... **11.** *AB*: E sempre mais escrava vai ficando, — **14.** *ABC*: eu fico — **16.** *B*: Coimbra, 1898.

ELA

Entre as moças, uma existe
Das outras bem diferente.
Se elas riem, anda triste
E sempre longe da gente.

A mística Menina aparecida,
Que para ser amada é que nasceu;
A Flor que deitou raiz na minha vida,

Um dia (estranho dia!) aconteceu
Passar por mim, tão frágil e formosa,
A imagem do seu vulto, à luz do céu.

Passou, como visão misteriosa,
Deixando-me, na alma, aquele espanto
Que anima e transfigura cada cousa!

Vago terror, divino medo, encanto,
Que, por ignoto amor, se condensou
Na imperfeição vivente do meu canto!

Teu corpo, sonho em flor, desabrochou;
Fez-se Beleza e Morte... delicada
Rosa que, ao vento e à chuva, desbotou!

Ó minha eterna, eleita bem amada!
Virgem do amor perfeito, Divindade
Que apenas pode ser imaginada!

Etéreo vulto em longes de ansiedade...
Rosto esculpido em mística ternura,
Olhos cheios de sombra e de piedade.

Ah, se hoje me aparece, em noite escura,
A lembrança, o luar que me ficou
Daquele sol que foste, em vida pura,

Saio de casa, alvoroçado; e vou
Sòzinho, pelo campo... O vento chora
Nas árvores que a treva definhou.

Tua Imagem revive, irmã da aurora!
A densa escuridão parece dia,
E já contigo falo, como outrora.

O céu é transparência de harmonia.
No arvoredo, tão verde e a rir — Jesus! —,
Os passarinhos cantam. Que alegria!

Que importa que eu padeça em negra cruz?
Tua divina Imagem evocada
Ressuscitou, inunda-me de luz!

Descubro-te nas névoas da alvorada.
Lá vejo a tua face entristecer,
Mas sempre dum sorriso alumiada.

Quero que sejas tu. Quero-te ver.
E, na verdade, és tu, em mim, presente;
És tu, eterna e viva, no meu ser;

És tu, em morte e vida, eternamente!

ALÉM DE MIM

Quando o sol é um sorriso desfazendo
A escuridão soturna,
Nos meus olhos, também amanhecendo,
É beijo aceso a lágrima nocturna...
E quando a noite, espectro de outro mundo,
Por sobre a terra desce,
Todo o meu ser — tão pálido! — arrefece
E se torna sem margens e sem fundo...
Assim a minha vida é o fim das Cousas,
Seu estranho e fantástico destino!
As serras fragarosas
E o sol, astro divino,
Perdem-se no meu corpo em tempestade...
Meu corpo... ignoto mar;
Enlouquecida estátua de saudade,
A sonhar, entre nuvens, e a falar...
Que existe além de mim?
Silêncio, fria treva, solidão;
Um vago Azul sem fim,
A sombra da futura Criação...

ALMA

Ao Leonardo Coimbra

Em tudo chora
Um espírito triste, anoitecida
Aurora,
Suavizando, embebendo em sonho e vida
A pedra, a água, a flor, a noite escura...

Alma, divina doença espiritual,
Quebrando as forças brutas da Natura
Já sobrenatural...

Alma, Origem, Fonte;
O Verbo criador...
Sombra cristalizando em ermo monte,
Névoa de luz caindo em bátegas de cor...
E a ilimitada linha que limita
A face do meu ser,
Tão frágil e infinita,
Tão pesada de mortes e a viver!

Alma, voz do Silêncio, no deserto;
Figura de Jesus,
Visão do céu aberto;
Mordida de relâmpagos a Cruz!

Alma, sombra de amor e névoa de tristeza,
Turbando os céus...
Prolongamento ideal da Natureza,
Continuação da criatura em Deus.

Alma, sagrado fumo da lareira
Abraçado ao crepúsculo sombrio...
Flecha de sol bebendo a lágrima primeira,
Espectro de neblina arripiado e frio...

Alma, delírio a arder, terror secreto...
Mãos de sombra pintando aparições, no ar;
Fantástico esqueleto
Que deixa, atrás de si, pegadas de luar...

Alma, canto do Mocho, enevoando
De lembrança remota os meus ouvidos,
Na mudez sepulcral das horas mortas, quando
Ressuscitam, em mim, os Mortos esquecidos...
E as imagens das cousas já passadas
Rodeiam meu espírito saudoso,
E têm gestos e vozes apagadas
E um riso misterioso...

Alma! Ressurreição!
Dramática descida sobre a Terra...
Alma da morte, sol da noite, aparição
Da lua, além da serra...

Alma, remota Virgem espectral,
De joelhos, num calvário
Disperso em frias trevas, sobre o qual
Se ergue um tosco madeiro solitário.

Alma, sombra do Limbo concebendo
Longínqua estrela...
Beijo dos Anjos nupcial descendo,
Durante o sono, aos lábios da donzela.

Alma, fantasma vivo do meu ser
Que, na profunda solidão, me empece...
Alma, tristeza, luar, entardecer,
Íntima luz que além das cousas transparece.

Alma é tudo o que existe em puro amor.
A minha própria sombra é sentimento
Caído a meus pés, beijando a terra em flor,
Esse outro Firmamento...

QUEM SOIS VÓS?

AO PINA DE MORAIS

Vejo sombras, de noite, vagueando,
Nas distâncias brumosas perpassando,
Confusa e vagamente conversando ...
Quem sois vós, quem sois vós, sombras errantes?

Vejo-as na luz do sol amanhecente,
Na candura da fronte adolescente;
Vejo-as passar no ar saudosamente...
Quem sois vós, quem sois vós, sombras errantes?

Vejo-as bailar nos doidos burburinhos,
Vejo-as pairar no voo dos passarinhos,
Manchar a terra branca dos caminhos...
Quem sois vós, quem sois vós, sombras errantes?

Vejo-as passar além dos horizontes,
Andam, à luz do luar, em ermos montes,
Ouço-as cantar no escuro, ao pé das fontes...
Quem sois vós, quem sois vós, sombras errantes?

Vejo-as pousar na fronte que medita,
Vejo-as arder na chama que crepita,
Ouço-as rezar na tempestade aflita...
Quem sois vós, quem sois vós, sombras errantes?

Vejo sombras nos astros perpassar,
Vejo-as correr na luz do teu olhar,
Ouço-as em teus sorrisos murmurar...
Quem sois vós, quem sois vós, sombras errantes?

Vejo vagas presenças misteriosas,
Repentinas imagens fabulosas,
Almas de Deus passando pelas cousas...
Almas de Deus, espíritos errantes.

AS COUSAS

Ó Tâmega, de noite, és névoa etérea,
Batendo brancas asas.
Num grande amor te abrasas
E sonhas alcançar a luz sidérea!
Mas vai-se a noite, e as tuas asas descem;
Frouxas, empalidecem;
Fundem-se no teu seio; e, por desgraça,
São queixumes de dor, água que passa.

Sòzinha fonte, ao vento... Em que delírio
De choro tu murmuras,
Esculpindo, na terra, a madressilva, o lírio,
Esboçando, no ar, viçosos tons, verduras.
À tardinha,
Se o teu cantar é luar, a tua água é chama.
O canto, por mais alto, é luz baixinha
E o nosso corpo é a sombra de quem ama.

Ó nuvens destruindo
A mentira das formas e das cores!
Ó torrentes de lágrimas delindo
A alegria de Deus corporizada em flores!

Ó árvores cismando no abandono,
A ouvir o rouxinol!
Cravejadas de risos, quando o sol
Dissipa a névoa, a fria sombra, o sono.

Chuva de cor mansinha floresceu
O outeiro, o vale, a serra...
Dir-se-á que toda a terra
Comungara, cantando, o azul do céu.

Ó bruta rocha erguida, nas encostas,
Perfil musgoso e eterno!
Sombra de árvore, humilde e nua, de mãos postas,
A rezar, a rezar as lágrimas do inverno.

Marão petrificado,
Em ondas, ao luar...
Calvário de algum Deus crucificado,
Alto relevo em bronze do alto mar.

Cousas fraternas! Solitárias cousas!
Aparições esfíngicas da Cruz...
Imagens moribundas e saudosas
Do espírito da Luz.

Ó cousas da tristeza e da alegria!
Estátuas da Saudade!
Vultos manando sombra, à luz do dia;
O tempo que estagnou, o escuro, a eternidade.

VAGO*

AO CARLOS RAMOS

De olhos no Além, medito... Fico a ouvir
O silêncio que vai das almas para o céu
E parece avivar a estrela que, a sorrir,
Ao fundo do meu ser, asa de luz, desceu.
E entre neblinas vejo,
Extático, esquecido,
Formas vagas, apenas em desejo,
Tentando conquistar um corpo definido.
Dir-se-á que delas nasce a escuridão
Que o nosso coração
Amortalhou
E astros, nuvens, aurora, tudo ensombra.

Cada aparência inerte que eu avisto
É imagem que a Lembrança endureceu, fixou.
E vejo, em cada cousa, o teu sudário, ó Cristo,
Impresso a tintas lúgubres de sombra.

---

* Na terceira edição, sem dedicatória e com a epígrafe: «Na luz, no som, na cor e em tudo quanto penso / Há o quer que é de vago, etéreo, inatingível... / E neste vago que enche tudo quanto existe, / É onde habita o Deus em que minh'alma crê... / Saudade que me torna iluminado e triste / / E que me faz chorar sem eu saber porquê... (Da 2.ª edição)».

Em misterioso espírito vivente,
As formas vãs penetro;
E com elas me caso e as toco ìntimamente,
E a sua sombra beija o meu espectro.
E esse beijo infinito me revela
A Divindade,
A figura liberta da Saudade,
Que me aparece e fala,
Retratada nos ermos horizontes
E, dentro em mim, bem longe, a conceber
Perfis de estrela,
Lágrimas de oiro, a arder...
E aparece na dor que a lua exala,
Dor sem nome, a chorar na solidão dos montes...
A dor indefinida,
Em que todo me enlevo e me difundo,
Pelo céu e pelo mundo,
Em morte e vida.

E, em quimérica imagem transformado,
Ando através da noite que murmura.
O meu corpo baixou, à terra, inanimado;
Pôs-se em pé, sobre a terra, a minha sombra escura.

A MINHA VIDA

Ao Afonso Duarte

Na minha aldeia, vive recolhida,
Entre sonhos fantásticos, diversos,
Esta luz de alma, outrora amanhecida,
Que fez, morrendo, a noite dos meus versos.

Na religiosa tarde comovida,
Se vejo os astros, pelo Azul, dispersos,
Muitas lágrimas tristes, de fugida,
Vêm constelar meus olhos de Universos.

Eu vivo nestes montes solitários,
Que são, de longe, espectros de Calvários,
Distâncias donde sobe etérea prece...

Vivo cantando a dor misteriosa
Que amortalha, em silêncio, cada cousa
E que meu frio rosto empalidece.

NOSSA SENHORA DOS MILAGRES

Senhora dos Milagres, um romeiro
De pés descalços, de cabeça ao vento,
Quer entregar-te o coração inteiro
De crença, mas partido de tormento. 5

Dantes, quando era vivo o Sentimento,
Criou-se a tua lenda, neste outeiro.
Às horas do crepúsculo cinzento,
Encontravam-te o pobre e o pegureiro.

Venho entregar-te agora o coração, 10
Velhinha imagem, sobre um velho altar,
Com duas flor's: silêncio e solidão...

E quando uma avezinha, em ti, pousar,
Ela que o leve pelo céu, então;
Que, aonde o vento a leve, o vá levar... 15

---

1. *ABC*: Senhora dos Milagres — **4.** *AB*: Vem entregar-te — **5.** *AB*: tormento... — **6-7.** *AB*: Olha: repara tu neste madeiro / Feito duma árvor' que não deu rebento... — **8-9.** *AB*: Nasceu na encosta dum árido outeiro, / Da semente que gera o sofrimento... *CD*: Andavas, cá por fora, ao sol e ao vento, / E encontravam-te **10.** *AB*: Guarda-lhe agora bem o coração **11-12.** *AB*: Dessa ermidinha no modesto altar, / Da tua magra e carunchosa mão... *CD*: imagem sobre. — **13.** *AB*: E, quando uma ave for em ti pousar, *CD*: E quando um passarinho em ti pousar, — **14.** *AB*: pelo céu então: — **15.** *CD*: o vento o leve, — **16.** *B*: Coimbra, 1898.

QUINTA DA PAZ*

A Guerra Junqueiro

Ó casa de meus Pais! Velhinho pardieiro,
Na encosta de um outeiro,
Onde, ao sol encoberto da Lembrança,
Divaga o meu fantasma de criança:
O anjo que sobrevive à criatura
E lhe vela, depois da morte, a sepultura;
E em seu nome aparece a Deus, mais inocente
Do que fora,
Antes de ter vivido a vida pecadora
E penitente...

Antiga casa já trilhada
Do andar do tempo... Ó salas que o luar,
Através da janela, inunda... Que tristeza
Remota e congelada...
Silêncio! Ei-la baixando, a murmurar,
Aos meus olhos que são cisternas de água acesa...
Numa hóstia de luz, assim comungo a morte;
A Deusa escura que se veste
Em branco fulgor celeste,
Quando sopra, à noitinha, o vento norte.

---

* Poema muito modificado de edição para edição. Na 3.ª edição, em epígrafe: «Ó minha antiga casa... Onde vive comigo o espectro do Passado... (Da 2.ª edição)».

E a luz do luar, enchendo a antiga sala
De palidez — sorriso que ficou
Gelado numa boca de caveira —,
Dá novo colorido e quase vida e fala
A velhinhos retratos de família,
Onde pousou
A asa do tempo aberta em sombra e poeira...
Alguns traduzem ainda velhas dores
Despertas, em vigília...
Tristezas, aflições, enlevos da ternura,
Orgulhos, risos de alma, ingenuidades... Vede
Que trágica ironia! A vida eterna a cores!
Vida póstuma a óleo na moldura
Que enegrece, em quadrado, o branco da parede.

Que pobrezinha a nossa eternidade,
Neste mundo imperfeito,
Em que tudo se extingue e se renova!
Triste imagem de tinta que se apaga,
No escuro e na humidade...
E é como nódoa vaga,
Como a cinza dum corpo, já desfeito,
No fundo duma cova...

E entra o frio luar, pela janela;
E na vidraça,
Cintilando,
Brinca, doida de luz, remota estrela
Que fendeu, de alto a baixo, a noite, procurando
Meus olhos, que lhe deram nova graça.
Lá fora, a sombra negra duma cruz
Ergue-se, além dos céus.
Cada mundo há-de ter o seu Calvário. Deus
Vê correr, no Infinito, o sangue de Jesus...
Calvários, cruzes, lágrimas sem conta!
Tragédias, sobre as quais o sol desponta,

Como um sangrento coração!
A mesma voz desoladora
O mesmo Deus implora,
Na mesma sempiterna solidão!

Percorro as grandes salas... Que alegria
Velhinha, de outro tempo, aqui repousa...
Sinto-a nesta penumbra interior
Que, nos cantos, se esconde, ao ver a luz do dia,
E minha face beija de amorosa!
E em mágoas transcendentes,
Se esvai a minha dor...

Ermo e vago,
Nestas salas fantásticas, divago...
E, enquanto a minha imagem se dilui,
Outras tomam, ao pé de mim, vulto perfeito.
Meu ser humano a Deus, em sonhos, restitui
A dor, a carne, o sangue, de que é feito.

Espectros nublosos,
Remotos Ascendentes,
Emergem na penumbra que flutua,
Toda embebida em lua.
E rodeiam-me, tristes, misteriosos.
Neles me perco e me difundo...
Sou eu, sou eu, errando, em outro mundo,
Longe da minha idade...

E tudo, para mim, é trágica saudade.

O dia nasce e morre... Da janela,
Vejo fumos subindo, na distância;
Bois regressando à corte;
Sombras do Fim, antevisões da morte,
O pôr do sol, primeira estrela,
Sepulcro de oiro — olhai! — da minha infância.

Paira, em tudo, um silêncio já nocturno,
Que não resulta apenas de canções,
Dos ruídos extintos, mas também
Das cores que falecem, num soturno,
Escuro tom. Há vozes de orações
E lágrimas que saram
Doridas mágoas que do céu nos vêm.
Escorrem oiro vivo as pedras dos caminhos...
Passam, por eles, os ermos pobrezinhos;
Nem reparam...

E, na minha janela debruçado,
Vejo a noite abraçar, beijar as cousas.
E, através do seu manto esfarrapado,
Desvenda-nos, sorrindo, as formas luminosas.

Oh, a nudez da noite! Que esplendor!
Ai, quem te surpreendera a alma, a essência pura,
Também surpreenderia,
Na sua intimidade, a dor e o amor;
O abismo de esperança e de alegria
A que desce, depois da morte, a criatura.

E deixo o antigo quarto solitário...
E visito a lareira, escuro santuário,
Onde há cinzas de Avós, *penates,* velhos lares...
Divindades tutelares,
Fantasmas em vigília...
A base, já no Além, eterna, da Família...
O eterno fundamento espiritual;
O velho tronco da árvore espectral,
Enraizado na morte e sempre em flor.

Família, alma da Pátria consagrada
Por Deus e pelo Amor.
A casa é um templo e a terra, em derredor,
À sombra dos seus muros vinculada.

E, na lareira,
Eu ponho-me a evocar...
E vejo arder quimérica fogueira...
O fumo turva o ar.
Velhinhas a fiar na roca, junto ao lume,
Faúlas mortas, voando...
Mochos piando, o vento e o seu queixume,
Réstea de lua as telhas penetrando...

Ouço contos de bruxedos;
De *alminhas* a sofrer na solidão:
O imaginar do Povo, a luz do Medo,
Que, em mim, se fez nocturna inspiração...

E vejo o antigo criado, o *padre António*
Que falava das *bruxas*, do *demónio*,
Dos *Franceses* (terríveis pesadelos!)
E connosco brincava. Que alegria!
E, ao sol da nossa infância, até sorria
A neve dos seus cabelos...
E vejo as velhas criadas... Vejo a Inês
Contar-me a sua história.
Dizia e repetia: *era uma vez...*
Puxava tanto já pela memória!
E a *Eusébia*, a mais remota criatura
De que me lembro... Imagem diluída
Na distância, lá onde a minha vida
É como noite escura...
E vejo a tia *Emília*, no terreiro,
Vinda de longe, nas andilhas, e o criado...
Seus olhos de alegria, um ar trigueiro,
Seu sofrimento de alma disfarçado!
E vejo a *Couta*, que pedia esmola,
Já quase centenária,
Curvada sob os anos e a sacola,
Passar, ao pôr do sol, na estrada solitária.

E a *Baroa,* de luto.
Era a tristeza,
Um vulto de luar manchando a escuridão.
Ainda hoje escuto
Seus gemidos de agouro e de pobreza...
De porta em porta, andava, ela que fora
Rica e feliz, de boa educação.
Trazia um *breviário* e um guarda-chuva,
Nas magras mãos defuntas de viúva,
E tinha ainda uns modos de senhora.
E a *Doida* que ficou sòzinha, neste mundo,
Julgando ver, em todas as crianças,
Os filhos que perdeu...
E em nós fitando um negro olhar profundo,
E numa voz turbada de lembranças
Que o tempo emudeceu,
Aflita murmurava: *meus amores,*
Meus meninos! Minhas flores!
E o *Cipriano,* o doido que falava,
Além do entendimento...
Às vezes, com furor, gesticulava,
Cabelo desgrenhado e solto ao vento...
E, falando, lá ia, a sós, pelos caminhos,
Cheios de sol e de orações de pobrezinhos...
Que medo me fazia!
Medo... terror secreto, ignoto encanto,
Se à nossa porta, ao cair da tarde, ele batia,
Andrajoso, em cabelo, olhos de febre e espanto...
E o *Davim,* alto e magro, taciturno,
Ampla fronte imaginosa,
Tão pálido, a cantar
O medo antigo à noite misteriosa,
Naquela voz de escuro som soturno
Que punha sombras no ar:

Já sob la meia noite
Meia hora tinha dado...

E o *Nozes*, pelo inverno, à chuva e ao frio,
Com a alma abstracta e o hábito encharcado
E a longa cabeleira gotejante.
O seu húmido aspecto recordava
O *génio* antigo e triste de algum rio,
Longe da Fábula, exilado e errante...
Preso a um velho remorso, divagava,
Pelos montes, pregando o seu pecado...
E *Aquela* que depois de morta aparecia,
Ao luar, em ermo outeiro...
Entre as moças da minha freguesia,
Foi a eterna beleza em vulto passageiro...
No dia em que morreu,
Ao nascer da alvorada, anoiteceu.
Transtornaram-se as cousas;
E avezinhas voando, pesarosas,
Nos ramos se escondiam;
Os altos píncaros tremiam,
As fontes davam ais;
Tinham gestos de sombra e medo os pinheirais.
Nocturno corredor,
O vento em fúria
Espalhava, no espaço, a trágica lamúria
Da sua dor...

E há quem veja também, na sua cova,
Certas noites, pousar misteriosa estrela...
É a sua formosura de donzela,
Sempre nova,
Alumiando o corpo em que fulgira.
É o som a arder — olhai! — da minha lira,
Aquecendo-lhe a eterna e fria cama.

A dor sagrada de quem ama,
Por milagre de Deus,
Se no mundo se apaga, acende-se nos céus...
É tudo eterno.
A branca rosa murcha, pelo inverno,

Renasce, em novas pétalas de luz,
Na fronte de Jesus...
Tudo é digno de amor e de carinho,
Tudo amai!
Homens, tende cuidado! Reparai...
Talvez seja o Senhor aquele pobrezinho...

Quanta cousa divina se despreza!
Cegos, vamos andando ao *deus dará da sorte.*
Isso que nos parece inércia, sombra e morte
Quem sabe lá se é vida, amor, beleza!

E o jumentinho dos meus tempos de criança!
Vejo-te ainda, em corpo de lembrança,
Teimoso, orelhas longas a abanar...
Olhos que tinham dentro a dor, pasmada, a olhar...
E a tua voz de soluços que faz rir!
E o gesto da tua cauda, aquele gesto heróico
De sacudir!
Eu vejo-te arrostar, sereno, estóico,
As fúrias do meu génio, a crueldade
Que é o riso, a flor da idade...
Vejo-te ainda a trote,
Por estradas, carreiros e caminhos,
Sob os golpes ferozes do chicote!
Pobre mártir, assim crucificado,
Entre nuvens de glória
E teorias místicas de anjinhos,
Subiste ao Reino etéreo e sublimado.
E, à luz do sol nascente,
Eu vejo-te pastar alegremente,
Nos prados da memória.
Vives na paz de Deus, vives sereno, ali...
E, ao pé de ti,
Meu ser primaveril, todo de terra em flor,
Fez-se presença trágica de dor...
Tornou-se humano e sério;
E sobre ele desceu a noite do mistério.

E, desde então,
É vago espectro errante, à luz da lua...
Uma voz na profunda solidão,
Um zéfiro que os ramos estremece,
Alma despida e nua
Que aos defuntos e aos vivos aparece...

A minha infância!
Claridades misteriosas,
Recordações saudosas,
Tomam figura — vede! — na distância...

Quem me espreita, mostrando etérea graça,
Dentre as sombras das árvores velhinhas?
Quem me fala no vento que perpassa?
Quem me sorri no alvor das manhãzinhas?
É ela, a doce imagem
Concebida nas brumas da paisagem...
Sonhos que a terra exala no infinito;
Os meus sonhos de outrora
Que são, na tarde pálida que chora,
Diante de mim, fantasmas de granito!
És tu, ó minha imagem primitiva!
És tu, presença viva
De ígneas cores...
Meu ser original ressurge e se alumia
E se veste de flores,
Como a Cruz, na manhã da aleluia!

Aurora! infância! riso!
Visão do Paraíso...
Primeira idade!
Minha saudade!
Meu coração, em lágrimas, disperso,
Na tua angústia, o corpo do Universo
Anda a expiar talvez algum pecado;
O pecado de ser,
O pecado de amar e padecer;

O crime imperdoado
Da mísera e sublime criatura
Que, sendo criadora, excede a Natureza,
E tem, nos olhos, uma luz acesa
Que te revela, Deus, teu próprio sofrimento,
A tua humana e vil caricatura
De morte e esquecimento.

Ai do meu coração,
Inquieto e débil, sob o peso
De tremenda expiação!
E, na noite profunda, grito e rezo...
E febril, delirando, vejo enfim
Que a minha prece é a mesma noite negra
Que se enternece e alegra,
E vejo — horror! — que nada sou em mim!
E eu sou! E eu sou,
Nesse instante em que vivo e já passou,
Não apenas quem sofre, mas a dor,
A dor de Deus,
Sentindo-se fantasma, lá nos céus!
Divina aspiração inatingida,
Irrealizado amor,
Baldado esforço trágico da vida!

Infância, mês de Abril... O anjo que nos vela,
Sob o riso longínquo duma estrela,
O túmulo batido do *nordeste,*
Cheio de terra e tudo quanto amamos,
Onde escuro e sonâmbulo cipreste
Faz desenhos de sombra, com os ramos...

Ó minha infância,
Que lembras, na fantástica distância,
Uma alegria, além tempo, desmaiada,
De repente, ficaste fulminada
Por um estranho medo,

Aparição divina,
Que, num pálido gesto de segredo,
A murmurar,
De penumbras acesas se ilumina,
Em mim, para eu cantar...

Vejo o Passado reviver,
Porque em meu coração
Tudo é ressurreição,
Amanhecer...
E vejo aquelas almas esperando,
Doidas de luz, seu próprio nascimento...
Nas nuvens já descubro as fontes marulhando
E a brisa, para mim, é já tumulto e vento.

Saio do velho lar escuro de abandono.
Cá fora, o céu azul dá nova graça
Às árvores despidas pelo Outono,
Ao passarinho, flor etérea que esvoaça...

A visão ascendeu aos olhos exteriores;
Incide sobre aspectos da paisagem;
Deixou a transcendente e vaga imagem
Pela forma gravada a sol, impressa a cores.
E viva claridade
Que, de alto, as cousas tristes alumia,
Dissipa a névoa de alma que envolvia
Meu ser, quase fantasma de saudade.

E vejo a antiga fonte: os dois *golfinhos*
E o *nicho* donde outrora
Um santo contemplava os passarinhos
Voando, à flor da aurora.
E, nas frestas antigas da parede,
A harmoniosa e límpida frescura
Que nos desperta a sede,
Pousava em alegrias de verdura...

A velha fonte,
À luz do Sol, cantava! Agora, que desgosto!
É uma nuvem a erguer-se do horizonte,
Quando, à noitinha, o frio vento acorda
E nos magoa o rosto...
Conheço-a; é ela, sim!
O silêncio, em que paira, me recorda
A sua voz que, dantes, marulhava,
Nas sombras do jardim,
E onde o luar — tão branco! — se molhava...

E a fonte que morreu
Lá vem, lá vem, na branda viração...
E já se precipita em lágrimas, do céu,
O peso que ela traz de escuridão.

Vejo a nossa ramada, ao longo do quintal:
Claustro de folhas mortas, a cair...
Leva-as, no seu regaço, o zéfiro outonal;
Nadam nos charcos de água...
Vestem de oiro mortal a dura frágua;
Outras, no Azul, vão ser estrelas a sorrir...

E vejo o monte do pinheiro manso,
E, no oriente, a Serra...
E o Tâmega, lá em baixo, num remanso,
É lágrima de Deus sulcando a terra...
A qual, por milagroso e ignoto amor,
Se fez, em mim, fantasma fugitivo;
Triste corpo, humano e vivo,
Que é a própria forma irónica da dor.

E vejo o alto do *Ladário*,
Ao sol de Julho ardente...
E o vale arborizado, o velho campanário;
E, em volta dele — olhai! —, que multidão de gente!
De linho fresco, alvejam as barracas,
Cheias de pão de ló, rosquilhos e cavacas.

Canecas a escorrer, de mão em mão,
Guardam ainda, em líquido cheiroso,
E rubro, a crepitar, todo espumoso,
A alegria, o barulho, a bulha, a animação...
Vede o *Manel*
Enfeitando o chapéu com ramos de papel,
Fincado no cacete...
Vede a *Maria* a arder em vivas cores;
Lenço amarelo, saia azul e, no corpete,
Riem vermelhas flores...
E, no meio do adro,
Alteando o tom ruidoso deste quadro,
Picada do calor, da mosca perseguida,
A *banda* toca aos quatro ventos...
E no cobre dos brutos instrumentos
A luz do sol faísca, enraivecida!

E depois, no *Ladário,* como é lindo
O fogo em lágrimas, no ar!
Lágrimas infernais gritando e refulgindo,
Pela face da noite a deslizar...
Agora mesmo, agora,
Zunindo, um facho de oiro ascende, vai tão alto!
E rebenta, a estoirar, numa explosão de estrelas
Verdes, azuis, vermelhas e amarelas!
Trespassa a noite repentina aurora,
Luminoso sobressalto!
É um drama feito em luz
No cenário, pintado a sombra, do Infinito.
Em negra cruz
De dor,
O fogo, antigo deus, morre num grito,
Sangrando cor!

Vejo a carvalha nova da Aveleda,
O carreirinho que por ela passa,
Riscando a branco o escuro matagal...

E, em baixo, o alpendre, o eirado, a meda,
O sol, um passarinho que esvoaça,
Uma amplidão aberta sobre o val'...

Vejo os grandes sobreiros, com ramagem
De bronze, imóveis quase ao doido vento
Que enche de vozes mortas a paisagem.
E entre eles, num secreto isolamento,
Junto a uma cruz de pedra, avisto a *Capelinha,*
Quando, já indecisos da noitinha,
Ermos vultos seguiam pela estrada,
A sacola nas mãos e aos ombros uma enxada...

E vejo o *Crasto, Val' d'Infante, Outeiro,*
A *casa das alminhas,* a penar...
Labaredas de tinta... Que braseiro!
Que aflitas mãos erguidas
A rezar!
Silhuetas abraçadas e lambidas
Pelas chamas do fogo expiador.
Outras almas, extáticas, sorriam...
À custa de orações, rezadas com fervor,
Já não sofriam...

Revelações escuras do Infinito,
Ingénuos cultos primitivos do meu Povo!
Ah, como tu, eu creio e me comovo!
Eu creio, sim, nas almas; acredito
Na dor sobrevivendo e no pecado,
Depois da vida, perdoado
Em virtude das nossas orações,
Quando, em nós, a Esperança inabalável reza,
Muito embora gelada de tristeza,
Crucificada em negras aflições!

Vejo *Paredes* e o seu grupo de pinheiros;
Luzes, Boco, Argaviça e *Rocião,* outeiros,
Tão sós, que o povo teme,
Se, às horas do silêncio, o vento geme...

Ali, nos aparece, à luz do luar,
O que somos no Além: o nosso imaginar,
Que o frio medo
Condensa e esculpe em formas de segredo...
Grandes vultos de sombra misteriosos,
Fantásticos, estranhos animais,
Ermas luzes, nas trevas, flutuantes,
Lobisomens trotando ao longo dos pinhais
E dos caminhos temerosos...
Bruxas, dançando e rindo, em volta do diabo,
Com asas de morcego e pés de cabra e rabo
E, na fronte cornuda, uns olhos lampejantes...

Fantasmas de homens a cavar a terra:
O drama do trabalho já espectral
E sobrenatural...
Antevisões do Fim, sinais de peste e guerra...
Vozes de almas falando, na penumbra...
— Toda essa vida ignota que se alumbra
Na noite que Deus fez e Deus temeu...
E logo se evapora,
Quando as Trindades da manhã, radiando aurora,
Espalham nódoas brancas pelo céu...

Vejo a *casa de Meios,*
Perto do rio, deslizando,
Murmurando
Fluidas cores:
O claro verde tenro marginal,
O azul, o verde-escuro do pinhal,
O verde dos centeios,
O oiro do sol em chamas de esplendores.

E ao vê-la, na distância,
Evoco seu passado de alegria,
Quase desfeito em nuvens de incerteza
E de melancolia...

Tempo da minha infância,
Perdido Paraíso!
Criaturas que sois sòmente escuridão,
À flor da qual emerge uma atitude acesa,
Um gesto ainda vivo, uma palavra, um riso...

Carmo, Jesus, Piedade, Conceição!

À luz de antigas alvoradas,
Tão doiradas nas brumas da lembrança,
Vejo o meu vulto de criança...
E vejo-vos bailar, alegres, descuidadas,
Nem de leve suspeitando
Que, na fria terra dura,
A morte, ébria de sombra, a rir, cantando,
À pressa, lhes cavava a sepultura!

Que brinquedos!
Canções, danças de roda...
E a minh'alma, cercada de segredos,
Já se entregava toda
A um íntimo e confuso sobressalto...
Inquieta, contemplava as cousas de mais alto,
A uma luz de milagre e de mistério...
E punha-se a cismar, alheada, absorta,
Pressentindo o Reino etéreo,
Como se para os outros fosse morta!

E vejo *Tardinhade*, a casa abandonada,
No meio de pinhais...
De lendas povoada
E sombras outonais...
Nocturnos pássaros de agouro, piando;
Corujas de pupilas amarelas,
Olhar profundo,
Tocando com as asas nas janelas...
Espectros, pelas salas, divagando;
As almas que a saudade traz ao mundo...

Figurações de corpos falecidos,
Em poeira já perdidos,
Que, em matéria de sombra, ressuscitam,
Enquanto, nas ramagens do cipreste,
Batidas do *nordeste,*
Os mochos fúnebres crocitam...

Existe ali o Descendente,
O *culpado* que doida herança fulminou;
A vergôntea em delírio e trágica e demente
Que ficou...

Quase louca também,
A pobre mãe,
Entre as penumbras roxas da noitinha,
Pelos montes, passeia, a rir, sòzinha,
Um riso desvairado e abrasador,
Que nos permite ver
A própria dor, alegre de ser dor,
A exaltação da dor, sentindo-se viver!

Anda sempre de luto. A sua mágoa,
Eis o vestido eterno que ela usa;
E tem, na face lívida e confusa,
Negros olhos de febre, cheios de água...
E, dentro deles, brilha
Um círio alumiando
E revelando
A morte duma filha...

Recordo-a... Estou a vê-la,
Num dia de Natal...
Olhos azuis — tão branca! —, os lábios a sorrir...
Era a graça, o viçoso encanto — era a donzela,
Bondade em flor, alma cristã, lírio do val',
Santa Isabel dos pobres de pedir...

De repente, inclinou a fronte emurchecida,
Feita de neve pura!
Que momento,
Aquele em que seus pais, doidos de sofrimento,
Baixaram, ainda em vida,
À sepultura!

Ó dramática aldeia de abandono!
Famílias que se extinguem! Velhas casas,
Onde o vento se queixa e pairam sombras de asas,
Pelo Outono...
E, ao lado, o antigo parque... folhas de erva,
Canteiros e passeios invadindo...
A fonte, seco mármore, não chora.
E, aqui e além, abrindo,
Erma, saudosa flor que ainda conserva
O aroma do passado, a cor de outrora.

Pardieiros, ruínas num deserto...
Mortas lamúrias de almas... Soledade...
E um sonho antigo a reviver... Sonho encoberto,
Fantasma de saudade...
Anjo de bruma a voar,
Com as asas toldando o azul dos céus...
Anjo que vem do mar,
Sonho encoberto... Deus...

Ó sítios de alma, alumiados do meu canto!
Sítios que eu amo tanto!
Sois tão vivos da minha comoção,
Que chego a imaginar que a vossa terra
Já o meu corpo encerra
E que já sou fantasma, a errar, na solidão...

Ó berço do meu ser!
Ó montes solitários,
Legendários...
Altares, para mim, com lágrimas a arder
E a imagem do Senhor, no dia da Paixão.

Ó lembranças! Memórias!
Ó sombras ilusórias!
Vultos de nevoeiro
Que tão saudosamente povoais
O vale, o ermo outeiro,
Donde sobe, ao luar, a reza dos pinhais...
Entendo-vos a fala
Escura, que se exala,
No céu, onde vivi, quando era pequenino...
Um eco do outro Mundo a percutir-se, além;
Um canto de silêncio, já divino,
Que só ouve quem ama, o poeta e mais ninguém!
É ele que me inspira.
Sentindo-o, logo vibra a minha lira
Aos ventos do Mistério.
A infinita canção percorre o espaço etéreo!
Deus, comovido, torna-se mais triste;
O seu perfil, cheio de nuvens, relampeja,
A sua voz, profunda e côncava, troveja
E é feita a sua cruz de tudo quanto existe...

A memória é também castigo. Recordar
É ver a morte escura e o que ela nos roubou.
É ouvir, queimado em sede, murmurar
A fonte que secou...

OS MONTES*

AO MÁRIO BEIRÃO

Montes da minha aldeia;
Maré cheia
De terra e solidão,
Que parece invadir meu coração...
Por vós, divago apaixonado
De cada cousa humilde. Numa flor,
Sangro perfume vivo e viva cor
E em dois raios de sol estou crucificado
E nas lágrimas tristes de quem chora...
Subo às estrelas, beijo a aurora!
Seduz-me o abismo, sobre o qual
A vertigem esvoaça...
A Deusa do delírio, em síncope, espectral,
Ébria de horror e graça!
Seduz-me o abismo do infinito,
Com entranhas de nuvens e de brasas,
Sedentas de aquecer,
Flamantes de ígneas asas,
Onde rebrilha o ferro, o mármore, o granito
E a possibilidade astral do ser...

* Na 3.ª edição, em epígrafe: «Montanhas que fazeis os horizontes, / Vós sois os meus amores. / Pois quem não tem que amar, ama estes montes, / As pedras e as flores... (Da 1.ª edição)».

Montes da minha aldeia, à luz crepuscular.
Imagens indistintas,
Murmúrios e segredos,
Tristezas a rezar...
Brancuras de neblina, roxas tintas,
Aparições e medos...
Cinza de oiro e lilás, o vento norte...
Uma saudade vaga,
Uma auréola distante que se apaga,
Pressentimentos vãos da negra morte...

Montes da minha aldeia,
Ermos, cheios de graça, à luz da lua cheia
Que, sobre eles, num gesto aéreo, espalha
Lágrimas de alva e fria claridade...
A sombra se extasia, o vento cisma, orvalha...
Absorto, me concentro, e vou andando,
Por esse tempo, além do nascimento...
Como é remota e velha a nossa idade!
Como a recordação domina o esquecimento!
Ah, desde quando
Vivemos? Como eu sinto a minha vida,
Na primitiva noite, já acendida,
Já profunda, arraigada na memória,
Radiando a luz do amor:
O amor, o eterno sol anterior
Ao sol, que é a sua imagem transitória.

Ó píncaros soturnos,
Às horas espectrais!
Carvalhidos de sombra e de rumor, nocturnos
Mochos piando, aos ais...
Blocos de peso e treva, densos montes,
Longínquos horizontes...
Térreas ondas abrindo em branca espuma
E pétalas de bruma...

Nas suas formas paradas,
Cintila, em brilho escuro, a palpitante
Fluidez de transparência marulhante
De quando foram vivas e agitadas...

Ó montes do oriente,
Cobertos de oiro e flores,
Reverdecidos,
Com ovelhas pastando ao sol que, de contente,
Soa na rude frauta dos pastores!
Verdes folhas mordidas de zumbidos,
Sons de água caindo, alando-se em frescura;
Ardendo em poeira os áridos caminhos,
Onde a sombra a rezar dos pobrezinhos
Parece feita duma cinza escura!

Ó sol amigo!
Ó sol da eira!
Ó sol do meu país, pintando a uva...
Ó sol bebendo as lágrimas da chuva,
Doirando o trigo,
Marcando as largas horas da canseira
E do trabalho...
Manto de S. Martinho! Ó sol dos nus!
Sol menino a sorrir no coração do orvalho,
Sol-poente pregado numa cruz!
Sol das cigarras, sol divino do meu ser,
Ó sol da cotovia,
Nas pedrinhas do chão a resplender...

Ó sol, máscara eterna da Alegria!

Montes da minha terra;
Degraus que vão findar no grande templo — a serra,
Onde jaz um silêncio do outro mundo,
E tão profundo,

Que a gente ouve pairar, na quietação do vento,
Esse íntimo diálogo entre nós
E o nosso pensamento...
E assim se cria a Aparição, a Voz.

Montes que sois meu triste coração,
Onde morreu, cantando, um rouxinol...
Fraguedos de alma, em êxtase, subindo;
Sonâmbulos pastores fincados no bordão;
Ovelhas, sobre os píncaros, balindo,
Fitando o pôr do Sol ...

Montes da minha aldeia... No mais alto,
Erguido em rocha dura,
Apregoavam as almas do Senhor,
Pela *Quaresma* escura...
Que estranha voz funérea e sobre-humana,
Lançando o sobressalto,
O sacro horror,
Na solitária e mísera choupana!
E assim pregais, ó fiéis, na soledade,
Toda abafada em erma escuridade:
Alerta! A morte é certa!
E os ecos da quebrada: *Alerta! Alerta!*
E o silêncio, em fantástico alvoroço,
De súbito, acordado,
Orava no céu remoto e constelado:
Ave-Maria... Padre Nosso...
E, em cada lar humilde — que tristeza! —,
Rezavam orações,
Criaturas de outras eras: pobrezinhos,
Pastores, lavradores já velhinhos;
Vultos feitos de sombra e de magreza
E de recordações...

Lá fora, o escuro, o medo, os cães latindo...
Silêncios que se fazem, ais do vento,
Sombras de árvores bulindo...

E aquela voz de negro sentimento,
Distante e cavernosa,
Que entenebrece mais a noite misteriosa.

Vede o génio do Povo que revela
A sua intimidade espiritual, nocturna,
Sem um luzir de estrela...
A Lembrança de luto, em lágrimas geladas,
Desce à Região soturna,
A libertar as almas condenadas.

Montes da minha aldeia,
Quando vem do Marão a lua cheia,
Nas tardes outonais
De nubloso crepúsculo profundo,
Em vós, irei dormir a eternidade...
Que a vossa terra e os vossos pinheirais
Se alimentem de mim, desta saudade
Que andou, em alma e carne, sobre o mundo.

O GÉNIO DO MEU LAR

A ALBERTO DE ARAÚJO

Vejo uma Sombra escura
Que, sempre que estou só, junto de mim, murmura.
E fujo, e tenho medo...
E, se olho para trás, seu vulto de segredo
Ergue-se no ar saudoso que entristece.

Onde quer que eu esteja, a Sombra me aparece;
E beija o meu espírito encantado,
Quase encarnado...
És tu, sombra divina, essência do meu dia,
O sol-recordação que me alumia;
E vai o meu espectro desenhando,
E apagando
Meu corpo que se perde em solidão
E se torna invisível coração.

E já mudado em poeira,
Fria cinza da lareira
Que o vento espalha, no ar,
Ouve uma Voz cantar
A perfeita canção, a reza inconcebida
Que é a própria fonte original da Vida;
A névoa do Princípio, a Sombra escura
Que, sempre que estou só, junto de mim, murmura.

AOS POETAS MORTOS*

Poetas que repousais,
À sombra duma cruz,
Debaixo do infinito esquecimento
E das lágrimas do vento...

Santos sepulcros, mármores,
Sobre os quais,
Em caracteres de tinta escura e dolorosa,
As funerárias árvores
Escrevem, ao luar do Outono e de Jesus,
A divina canção misteriosa
Que, emudecida, dentro em vós, ficou
E ao túmulo baixou.

---

* Publicado pela 1.ª vez na 4.ª edição, com estas variantes:

Sepulcros, onde, Poetas, repousais,
Debaixo do infinito esquecimento
E das lágrimas do vento...
Sagrados mármores
Sobre os quais,
Em caracteres de sombra dolorosa,
As funerárias árvores
Escrevem, ao luar do Outono e de Jesus,
A divina canção misteriosa
Que, dentro em vós, ficou emudecida,
Durante a vossa vida...
E, num calvário eterno, é sempiterna cruz!

INVOCAÇÃO *

AO EDUARDO MALTA

Ó noite, vem daí! Percorre o meu caminho!
Vês este louco errante? Envolve-o no teu manto,
Escuro e pobrezinho, 5
Onde, em segredo, existe iluminado canto.
Como não hei-de amar a noite dolorida
E o silêncio que abrange o ermo céu profundo,
Se é também uma noite a minha triste vida
Que anda a pairar talvez por sobre um outro
[mundo? 10

* Publicado pela 1.ª vez na 4.ª edição.

4. *D*: pobre louco? Envolve-o no teu manto, **5.** *D*: Na branda escuridão azul do teu carinho, *Var. ms.*: Todo bordado a luz, mas negro e pobrezinho,

AS MINHAS SOMBRAS

Texto da 2.ª edição:

Ao José d'Albuquerque Álvares Pinho

Ó sombras que durante a noite me falais,
Quando penso e não sei porque a este mundo vim!
Ó vós, que a minha Noite imensa povoais,
Qual o corpo que vos projecta junto a mim?...

Donde dimana a luz estranha que vos cria?
Quem sois vós, quem sois vós, ó sombras bem amadas,
Donde um grande esplendor que ofusca se irradia
Como dum horizonte a luz das madrugadas?

Ó Sombras que morreis na claridade ansiosa
Do meu nevoento olhar distante, que desmaia,
Como vem falecer uma onda harmoniosa
No meu ouvido, que é uma longínqua praia...

Quem sois vós, quem sois vós, vagas sombras perdidas
Que me livrais do Sol, do meu grande inimigo?
Quem sois vós, quem sois vós, fantasmas doutras vidas
Que me falais se eu ando, à noite, só comigo?

Ó Sombras com quem vou, à noite, conversar,
Vós vindes até a mim para eu vos conhecer!
Sereis da minha dor um pálido luar,
Um reflexo do que arde em mim, sem eu saber?...

Sou como os doidos, como os vermes que só amam
A noite, que o meu vago Ideal tanto parece!
Quantas vozes, meu Deus, que de dia não chamam,
E quanto dia só à noite é que amanhece!

A noite é para mim uma estranha alvorada,
Nuvem, filha da Luz, que é um grande mar sem fundo...
E, se deixa esta Terra em trevas sepultada,
Que dia, que esplendor não é para outro mundo! .

Noite, tu és a luz do mundo que eu habito. .
Indefinido mundo, assim como um clarão,
Que, num amor, percorre esse azul infinito
Que existe para além da nossa Aspiração.

Onde tudo termina é que ele principia;
O espaço é um seu limite, a luz, o som, a cor...
É vago como a alma etérea da harmonia
Que se exala do seio imaterial da Dor...

Sombras, vós sois o Sol do mundo misterioso,
Onde minh'alma vive a sua eternidade;
E embora seja, para os outros, nubeloso *(sic)*,
É esse Sol a verdadeira Claridade!

Sois o infinito Amor, o puro olhar de Deus,
Ó Sombras que durante a noite me apareceis!
Vós sois a Luz que existe além da luz dos céus
E donde todas vós, estrelas, descendeis...

Coimbra, 1898.

Versão definitiva:

Ao António Correia de Oliveira

I

Vou através da noite misteriosa...
— Esse infinito e negro coração 5
De fantástica Virgem dolorosa.

---

2. *C*: [...] — 6. *CD*: dolorosa...

Tem mortas vozes de alma a solidão;
Exalam, na penumbra, os verdes ramos
Vagos silêncios de íntima oração.

O que, em nós, vai morrendo, o que sonhamos 10
Veste de branda mágoa a terra nua...
Somos tudo o que, tristes, contemplamos.

Branco mármore fluido, a luz da lua
É o segredo das cousas, verbo escuro
Que no céu, alto e pálido, flutua. 15

E sòzinho, abismático, procuro
Dar, em palavra humana e revelada,
O que, em nubloso espírito, murmuro.

E a minha voz, nos lábios despertada,
Põe-se a cantar, além do entendimento; 20
Ébrio de alma, seu canto não diz nada.

Ó Beleza sem fim! Deslumbramento!
Mas sem olhos que a vejam; enlouquece
E lembra as nossas lágrimas ao vento!

Quanta vida incorpórea nos empece! 25
Quantas vozes, de noite, por nós chamam!
E quanto dia à noite é que amanhece!

Sou como a lua e os doidos que só amam
O nocturno crepúsculo incendido
De almas sem nome que, nos ermos, clamam! 30

---

8. *C*: Murmuram, ao luar, os verdes ramos *D*: Emanam, ao luar, os verdes ramos — **12.** *C*: o que, no Ermo, contemplamos. *D*: o que, no ermo, contemplamos. — **17.** *CD*: Dizer, em voz humana — **18.** *CD*: O que em nubloso espírito murmuro. **23.** *CD*: vejam; arrefece — **24.** *CD*: lembra doidas lágrimas — **30.** *CD*: que nos ermos clamam!

Vede a sombra do mundo escurecido;
A velhice das cousas que perderam
O sol, a rosa viva, o colorido.

Nuvens negras do tempo arrefeceram
Seu coração de fogo, radiando 35
Manhãs que, para sempre, anoiteceram.

E o mundo escuro vive, lastimando
Aquela antiga idade em flor, acesa,
Que, em meus olhos, é lágrima cantando
O espírito divino da Tristeza. 40

---

31. *C*: escurecido . — **34.** *C*: As lágrimas do tempo — **36.** *CD*: Manhãs que para sempre anoiteceram.

II

Noite, jardim de sombras e de medos,
Com rosas de penumbra e lírios espectrais,
Com áleas de silêncio e luar entre arvoredos
E, na altura do céu, frases de luz, sinais... 5

Eu amo a noite e o seu recolhimento;
E o seu vestuário negro de viúva,
Quando, ao vento,
Louca, a rezar, desfia as lágrimas da chuva.

Eu amo a noite e as sombras que a povoam, 10
Vindas d'além da madrugada...
E cercam-me bailando, e os ares enevoam
Seus cantos onde o Sol é imagem apagada.

Sombras, corpos etéreos;
Vultos que a luz não toca... Pura essência 15
De trágicas saudades e mistérios
Que tomam, ao luar, quimérica aparência.

---

5. *CD*: Ó céu nocturno aceso de sinais! — **6.** *C*: a Noite e o seu recolhimento, — **7.** *C*: E seu vestuário — **9.** *C*: chuva... / / Sonhos de passarinhos pelo ar, / Esvoaçam a cantar... / A água dorme, absorta... / Que bom dormir! / De vez em quando, sonha que murmura / E passa-lhe na voz líquida sombra morta. // Orvalho cai nas sombras da verdura... / Com estrelas a sorrir, / Num sorriso de fogo e de alegria, / Aquele seu remoto e esplendoroso dia. — **11.** *CD*: d'além do mundo... — **13.** *CD*: cantos de crepúsculo profundo. — **15.** *CD*: essência, — **16.** *CD*: Imagens de saudades **17.** *C*: A que dá o luar quimérica

Dizei quem sois, fantasmas de outras vidas
Que rodeais meu ser?
Sereis almas, estranhas e perdidas, 20
Que descestes, como eu, à terra, sem saber?

Ó sombras misteriosas,
Sereis a eterna face interior
Das ermas cousas,
Que o silêncio desvenda à minha dor? 25
Ou sereis, porventura,
Pobres Anjos que o sol abandonou,
Reduzindo-os a pálida figura
Que, em sua mesma treva, a noite modelou?
Divina claridade 30
Feita penumbra morta, à flor do meu olhar?
Deus, em fantasma ignoto de saudade,
Escurecendo a terra em vez de a alumiar?

Sereis, fora de mim, na solidão,
Vidas da minha vida? 35
Lembranças do meu triste coração
Cantando, além dos céus,
Na luz espiritual amanhecida,
Na luz que dá relevo eterno e vivo a Deus?!...

---

18. *C*: Fantasmas **22.** *C*: Sombras — **25.** *CD*: o silêncio revela à minha dor? — **27.** *CD*: Corpos de Anjos que a Luz abandonou, — **29.** *CD*: sua própria treva, a noite modelou? // **30.** *CD*: Claridade

III

Ó mundo em fria treva sepultado
E num silêncio amortalhado!
Oh que deserta escuridão!
Negra e remota abóbada marmórea, 5
Incrustada de lágrimas e risos:
Pontos de luz marcando infernos, paraísos...

Em cima —, o riso eterno da Ilusão;
Em baixo —, a eterna Lágrima ilusória.

Cada estrela 10
Nos revela
Criaturas, paisagens, que alumia
A luz, quase invisível, do seu dia.

Distantes
Fulgurações astrais, murmúrios cintilantes 15
Do ígneo verbo de Deus, indefinido,
Descem do Vago etéreo;
E ganham, no meu ser, espiritual sentido
E são versos de amor e de mistério.

---

1. *C*: // *Em epígrafe:* Vive, dentro de mim, a alma da Natureza; / Comigo canta e ri, comigo chora e reza / E sonha o que eu sonhar... / (Da 2.ª edição) — **2.** *C*: sepultado, — **3.** *C*: amortalhado... — **4.** *CD*: Oh que negra solidão! — **5.** *CD*: Ó noite escura, abóbada **6.** *C*: risos; — **11.** *C*: Misteriosamente nos — **16.** *CD*: de Deus, quimérico e perdido, — **18.** *CD*: E tomam, no.

Possesso de saudade, em torno a mim, contemplo 20
Vultos do meu desejo... aparições... figuras...
E a noite é grande templo,
Num abandono trágico, às escuras...

E um silêncio de morte
Parece interrogar as cousas: pinheirais, 25
Rochedos que o luar funde, o vento norte
Mordido de ais...

Paira, em tudo, uma voz emudecida...
E essa voz, que é penumbra
E já foi luz e vida, 30
O meu inquieto espírito deslumbra,
Para que ela traduza a Deus, numa oração,
A dor da Criação...
E Deus, sentindo-a, ouvindo-a, com amor,
Há-de também sentir a própria dor... 35
Porque, ai, nas pobres cousas,
Muito embora em fantasma, Deus existe.
Nos seus olhos, o sol e o mundo triste
São lágrimas saudosas ...

Ó drama de existir! Mistério! Alto segredo! 40

---

21. *CD*: Aparições... Figuras... — **22.** *C*: é ermo templo, — **23.** *C*: abandono lúgubre, às escuras... **25.** *CD*: Em meu ser, interroga — **28.** *C*: Paira, em tudo, uma Voz que emudeceu... / Um cântico apagado, / Em névoa transformado... / / Morta visão do céu... — *D*: Paira, em tudo, uma Voz emudecida... — **29.** *C*: E o silêncio das cousas, que — **30.** *C*: [...]. — **31.** *C*: O meu saudoso espírito — **32.** *CD*: Para que ele traduza — **35.** *C*: sentir também — **38-39.** *C*: Nos seus olhos, o mundo, o sol, a noite triste / Lembram lágrimas saudosas... / Lágrimas cuja esfera de piedade, / Brumosa da distância, / Reflecte o vulto em flor da sua infância / E divindade... *D*: Nos seus olhos, o sol e o mundo triste / São lágrimas saudosas... / Esferas de piedade / Suspensas na distância... / E nelas se reflecte a sua infância / E divindade...

E, no templo da noite, eu me recolho aflito.
E vejo a imagem lúgubre do Medo
E, junto ao seu altar fantástico, medito.
E caio em contrição;
E rezo a Deus, 45
De joelhos, na infinita solidão,
Onde cria raiz de terra o azul dos céus.

E rezo a estrela, a pedra, a flor acesa,
A urze dos montes,
As claras fontes, 50
A aurora da alegria, o poente da tristeza.
E nas preces que eu rezo, com fervor,
Deus revive e liberta-se da Cruz.
E a Deus regressa a terra, a pedra, a flor,
A luz...

48-51. *CD*: Minha voz comovida canta e reza / Por tudo o que me cerca de tristeza, / Dor e mágoa... / Por tudo quanto avisto: / O vento, a névoa, a sombra, a dura frágua, / Pobres almas que são minhas irmãs em Cristo.

O ADAMASTOR *

A Raul Brandão

Partir! Dizer adeus, à tarde, sobre um cais!
Visões do oceano e da aventura...
Gente apressada, turbamulta escura...
Sirenes a chorar,
Abraços, beijos, ais...
Mãos pálidas, com lenços acenando...
Saudades tremulando,
No azul do ar...

Vou navegando. As derradeiras
Terras da minha infância,
Indecisas e roxas cordilheiras,
Escondem-se, de todo, na distância.

Ó meu País de eterno Outono!
Ruínas, pinhais, sol-pôr, sombras do que passou...
A tua Arte na vil tristeza se apagou
E morrem os teus Deuses, no abandono!
Que negra sorte!
Ó minha Pátria, ó túnica de Cristo
Jogada e esfarrapada!

---

* Na 3.ª edição, em epígrafe: «Vi novos céus com novas esperanças. (Da 1.ª edição)».

Ermo da Penitência, onde eu avisto
A esperança a gritar, desesperada,
Lutando com a morte!

Adeus, ó minha aldeia! Ermo lugar bendito.
Rosas do meu jardim, orvalhos matinais;
Lua cheia, tão alta, no infinito,
E parece tocar a rama dos pinhais...
Solitárias choupanas da pobreza
Que sois, além, uma estrelinha acesa,
A porta da lareira,
Quase aberta, mostrando as chamas da fogueira.
Fontes cantando, em versos de água, um novo amor.
A *Capelinha*, a estrada ao sol, vinhedos;
O *Ladário* esculpido em íngremes rochedos,
A estrela do pastor:
Lágrima de oiro e de silêncio, a arder,
Na agonia cristã do entardecer.

Adeus, minha janela olhando a Serra...
Ó montanhosa soledade,
Na qual vagueio, em sombra de saudade,
Em fantasma de vento, névoa e terra.
Ah, sempre que estou longe, me transmudo
Nesse teu ser enorme e empedernido.
Sou tudo o que amo e vivo, em mim, perdido,
Porque, ai, minha presença abrange tudo!

E ouço a voz dos lusíadas cantar,
Nos horizontes fluidos de água e espuma,
Onde vemos, às vezes, perpassar
O espectro de Neptuno a desenhar-se em bruma.

Ó voz das Descobertas, que murmuras
Baixinho, nos meus versos.
Vagas regiões do espírito, às escuras...
Penumbras de Universos...

E, ouvindo a voz do Atlântico e do vento,
Julgo ouvir os *Lusíadas* que são
Outro profundo Oceano,
Em ondas de tão alto sentimento,
Que deram vida eterna ao coração
Deste Povo marítimo e serrano.

Camões, alma das ondas amorosa
E tempestuosa,
A rezar a manhã de nevoeiro,
A luz original...

Camões, alma sagrada e universal.
Amor primeiro!
Pélago de saudade, abismo de harmonia.

Sol-Nosso, eterno Pai do nosso dia!

E meditando
E, através do meu sonho, navegando
Para as bandas doiradas do Nascente,
Descubro, de repente,
Selvagens arvoredos rumorosos,
Países maravilhosos
E outros mais longe ainda,
Lá onde a terra finda
E principia a estrela matutina
E a Região divina...

Ó meu sonho encoberto da Aventura!
Vertigem do Remoto desvairante!
Terror do Abismo! Tentação da Altura!
Nocturno vento alumiante,
Acordando a poeira, a cinza do Passado,
Insuflando-lhe um hálito inflamado
Que acenda, dentro dela,
Como fecunda luz de nova estrela!

E sulca o meu navio as ondas, com amor,
E fica, em volta dele, a água toda em flor.
De pé, contemplo, sobre a proa,
O mar imenso.
Que esplendidez!
Dir-se-á que o mundo em névoa se desfez;
Que a branca vela é asa e que o navio voa,
Num céu mais denso.

Ó mar das Ninfas e Sereias...
Ó mar que abranges tudo quanto avisto!
Ó mar, à luz do luar, nas marés cheias!
Ó mar de meus Avós e de Neptuno e Cristo!

Ondas de Antepassados...
Grandes silêncios de água... Indefinidos
Ermos de água... Desertos agitados...
Ó longos membros de água contorcidos!
Ó respiração de água estortorosa... Ó vento!
Líquido ser profundo,
Velando o rosto ao sol, num gesto nevoento,
Semeando de lágrimas o mundo...

Ó mar tempestuoso,
Quando as rochas, nas praias, estremecem...
Cósmico e desvairado pesadelo
A perturbar a lua, o sete-estrelo,
Que escurecem...
Líquida esfinge, à luz dos raios! Clamoroso
Perfil em torvas nuvens esfumado
E num amargo choro sufocado...

Ó mar nocturno, escura imensidade!
Nas ondas bóia a Lua que desceu
Das amplidões quiméricas do céu,
Por mago encantamento da Saudade.

Ó mar sereno, êxtase de água, quietação...
Ó lágrima infinita comungando
A altura do Infinito... Ó verde coração,
Suavemente, de encontro à terra palpitando...

Gaivotas que pousais
Nas rochas, onde o mar imprime os seus furores.
Sonhos de espuma florescendo os litorais,
Tremeluzindo cores.

A manhã despontava, radiosa,
Quando estranha Visão misteriosa,
Ante mim, sobre as ondas, se formou...
E o mar, em volta dela, alvoroçado
— Mar bravo da Alegria! —,
Ferveu, redemoinhou,
Como se à luz do Amor houvesse dado
Essa estrela fantástica do dia!

Numa voz de crepúsculo e de encanto,
Que o ar não transmitia, mas sòmente
O silêncio que prende ìntimamente
Nosso espírito triste àquele canto
Sepulto e vivo em cada cousa obscura;
Numa voz de crepúsculo murmura:

«Fui a sombra do medo;
Esse medonho vulto que o luar
Esboça, no arvoredo,
Quando o perfil do vento é de gelar;
E, nas encruzilhadas dos caminhos,
Há demónios e doidos burburinhos...
E os homens, entre lívidos terrores,
Abraçam negra dor desconhecida,
Dor morta e ressurgida,
Aquela dor, fantasma de outras dores.

A minha Aparição,
Os nautas assustava,
Quando, em fraguedos, saibro, escuridão,
Sinistro promontório, as ondas penetrava;
E o meu rouco bramido retumbava,
Por toda a neptunina solidão.

Eu, dantes, fui a Treva...
Minha sombra, depois, amanheceu;
Tingiu-se de oiro e rosa; e já se eleva,
Na luz do céu...

Chorei, deli meus ossos fragarosos,
Reconstruindo em carne de beleza,
Meus grandes membros tenebrosos;
Minhas feições de terra e de bruteza...

Sou a alma do trágico Gigante;
Esse terror do antigo navegante,
Revelada em perfeita claridade.

Eu sou o Adamastor em alma de saudade.»

E repentina aragem
Murmurava segredos de paisagem;
Desenhava, ao passar, as formas finas
De remotas montanhas e campinas,
No meu profundo ouvido interior,
Que, por um eco vago e indefinido,
Reconstitui o outeiro e o vale em flor,
Onde ele se sentiu repercutido...

Vento da inspiração,
Que me trazes, de além, sonhos de encanto;
Presenças de luar e viva comoção:
A matéria saudosa do meu canto!

Também, nas ermas tardes em que rezo,
Eu vou na minha prece. Vou com ela.
Muito embora meu corpo ao mundo esteja preso,
Eu vou até pousar na mais longínqua estrela.
Por onde nós andamos, sem saber!
Quantas vezes o nosso próprio ser
Há-de encontrar etéreas criaturas
E há-de ficar a olhar, a olhar, como às escuras!
Em certas horas,
Ressurgem velhas auroras,
Dentro de nós...
Em mim, que estranho espírito delira!
A minha sombra é a sombra duma lira!
E o silêncio de Deus paira na minha voz!

Sulquei o mar antigo da Aventura...
Essa infinita mágoa
Caída outrora, em ondas de água,
Do céu aberto...
Que sofrimento nunca visto
A dor brutal, enorme da Natura,
Que divina se fez no coração de Cristo!

E sobe em nevoeiro e tudo transfigura
A sombra do Encoberto...

LONGE DE TUDO*

Chamam por mim os Longes... Tentação!
A sombra do Remoto entolda a voz do vento...
Fumo do lar, subindo, à tarde, em oração,
Vai abraçado a ti meu pensamento...

Ó fumo do meu lar, todo vestido
Da minha melancolia!
Tu desenhas, no ar, meu vulto anoitecido,
Ao fim do dia...

E, embora sobre a terra, eu sinto-me viver
Nessa aparência vaga que se esfuma...
Em delírio, no Azul, prolonga-se o meu ser
Que tem praias sem fim de sonho e bruma...

Cismando, visiono
As cousas no Infinito e o seu perfil etéreo;
A flor de Abril e o seu fantasma já no outono,
O sol radiando a noite do Mistério.

E a sombra do Remoto me deslumbra!
E morro, e me disperso...
A minha dor alaga o espaço de penumbra;
Uma lágrima excede, olhai, todo o Universo!

---

* Na 3.ª edição, em epígrafe: «Escondo-me, ó Distância, em tuas roxas névoas!... (Da 2.ª edição)».

Longe de mim, da terra e mais do céu profundo,
Ouço as cousas cantar seu fúnebre desgosto...
Como o espectro de Deus ensombra o mundo,
Às horas do sol-posto!

Ó saudade de Deus! Dor cósmica! Tristeza!
Ó mágoa indefinida,
Na qual se perde, além da minha vida,
Esta presença morta que me pesa!

Longe de tudo, sou quimérica saudade...
A própria Criação,
Em corpo de silêncio e solidão
E o seu fantasma eterno — a Divindade...

AO CREPÚSCULO

AO FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

Ó tristes lábios meus, rezai, rezai!
É a hora, sim, do Enigma. Eis o momento
Da extrema unção da luz... E tudo vai
Com ela. E só nos fica o pensamento!

Pela flor que murchou no esquecimento;
Pela asa que se eleva e logo cai;
Pelo sol, pelas nuvens, pelo vento,
Ó tristes lábios meus, rezai, rezai!

Rezai por tudo quanto a morte leva,
Nas horas doloridas, em que a treva
Mostra seu negro vulto que arrepia...

E sinto, em mim, um vago horror profundo,
Uma tristeza já de fim do mundo,
Como se nunca mais houvesse dia...

A DOR E O MEDO

Quando sòzinho, noite morta, rezo,
E a minha voz dos medos me defende,
E a tudo, à terra e ao céu, me sinto preso,
Vejo que a dor é a força que nos prende.

Enlouquecido de alma, canto e rezo.
Aflige-me o silêncio. Quem no entende?
A sombra me sufoca. É negro peso;
E, em fumo, do meu corpo se desprende.

Ó noite triste, noite que apavora,
Golpeada de estrelas, a sorrir...
Desnorteado, o vento clama e chora!

E quem sou eu? Quem sou? Na noite escura...
— O medo à morte certa que há-de vir
E a dor de ser humana criatura.

DOR SAUDOSA*

A António Noriega Varela

Divago em ermo val',
Quando o silêncio é voz espiritual;
E a elegia do poente
Ressoa, pelos montes, vagamente,
Em ritmos de sombra e ouro...
E quando os mochos lívidos crocitam,
Entontecidos de crepúsculo e de agouro...
E quando as árvor's têm marulhos de água,
Figura quase humana...
E as almas falecidas ressuscitam,
Se as beija a sombra etérea que dimana
O vulto, à luz do luar, da nossa mágoa...

Nesta saudosa e idílica paisagem
De selvas rumorosas,
Divaga a minha imagem,
Tão triste, que anoitece as próprias cousas.
Vede-a que se confunde com a terra
E com a bruma...
Em sombra pálida se esfuma
E do meu ser, cantando, se desterra.
E voa, e foge no seu canto!
E se regressa a mim, ao lar do seu desgosto,

---

* Na 3.ª edição, sem dedicatória e com a epígrafe: «E chego ter saudade e pena do futuro / Como se inconsciente o houvesse decorrido... / Estranho sentimento sempre escuro / De quem, antes da vida, houvesse já vivido (Da 2.ª edição)».

Traz, nos olhos de febre, aquele espanto
De quem ousasse ver a morte, rosto a rosto!
Em tudo julga vê-la:
No voo dum passarinho,
Na caveira a surgir da face dum velhinho
E na noite que espreita, a rir, por uma estrela...

Para mim, afinal, eu sou a Vida.
Se à luz do dia os olhos fecho, o mundo
É todo escuridade...
Ó pobre criatura falecida,
Ao teu gelado túmulo profundo
Baixou, desfeita em sombra, a Eternidade!

Sobressaltado, inquieto, choro e cismo,
À luz das trevas...
Alma, no teu naufrágio, o que tu levas
Contigo, para o Abismo!

Neste sombrio vale, a sós, divago,
À tarde e no clarão da madrugada,
E a minha dor fantasma, a dor extasiada
É longe; aquela dor
Que amplia a sua noite, em pleno vago
Do nosso coração,
E é silêncio divino em oração...
A dor, o santo espírito do amor,
A mãe da humana criatura
E da Natura...
A dor sem nome, eternamente,
A dor original, a dor essência;
A lágrima onde Deus está presente,
Porque chora, no mundo, a sua ausência...

A dor que vai da terra para os céus.
E os tristes vão, com ela, em sombra de ansiedade
A dor, saudade,
Deus...

AMOR SAUDOSO*

Manhãzinha... Divago, lá por fora.
Silêncio frio... Um luar
Embebe-se na sombra; e um pássaro, a cantar,
Já tem, nos olhos de alma, a luz da aurora.
A paisagem é apenas um esboço,
Um ressurgir de cores...
E místico alvoroço
Agita os arvoredos, com brandura,
Desperta velhas dores;
E, pelo outono, ressuscita as flores
Do meu jardim...
E toma vulto humano, ao pé de mim.

É ela, o ignoto encanto;
A virgem pura,
A virgem que, no mundo, me empeceu;
Donzela aparecida no meu canto...
É ela, a misteriosa criatura
Que para mim nasceu...
Espectro de mulher,
A noiva eterna e morta do meu ser!
Aquela que me beija e me deslumbra!
E, em seus braços de fogo e de penumbra,

---

* Na 3.ª edição, em epígrafe: «Em tudo, em tudo, existe a Eternidade, / Numa lágrima existe a nossa Redenção. / / Acreditai até no que não há, / E esse impossível, esse nada existirá... / É o mesmo que chegar a Deus acreditar... / O que custa chegar a Deus, se Deus é ali . / Acreditai! Acreditai! (Da 1.ª edição)».

Arrebata meu doido coração,
Que chora e grita e canta e se extasia,
E sobe ao reino etéreo da Tristeza,
Lá, onde finda a luz da Criação
E a noite do Infinito principia.

É ela, a Sombra eterna de beleza
Religiosa!
Mostrando a branca fronte esplendorosa,
Além dos céus...
Na luz que ela dimana é que aparece Deus.

Deus não está nas cousas do Universo.
Ao encarnar, a ideia morre. Em cada verso,
Repousa o poeta fulminado...
Rezada, é já fantasma íntima prece;
A dor, que se condensa em lágrima, arrefece,
E a Criação é Deus já morto e sepultado.

Deus vive, Deus existe,
Não em sua obra humana, errada e triste,
Mas em remoto vulto de lembrança
E de esperança...

Deus vive na Saudade, como outrora,
Antes de conceber a noite e a luz da aurora...

A saudade de Deus é o próprio Deus,
Despontando na azul fluidez dos céus,
Falando à nossa dor
E ao nosso amor...
É Deus humanizado, é Deus Jesus,
Pregado numa cruz!

Adoremo-lo assim, num grande altar
De terra portuguesa.
É preciso rezar, cantar e trabalhar;
Ter esta força de alma e de certeza

Que esculpe em bronze de harmonia
A nossa espiritual fisionomia
E nos leva a encarar, sem medo, a negra Morte!
Sim: é preciso crer. Acreditai!
O peso bruto, a inércia dominai!
Erguei, cantando e orando, a voz!
Vencei a triste Sorte,
Invisível espectro, além de nós...

TERRA PROIBIDA

[1.ª edição: 1899; 2.ª edição: 1917; 3.ª edição: 1923; 4.ª edição, in «Obras Completas», s/d]

CANÇÃO CREPUSCULAR

Num ai
De tristeza e solidão,
Sobre o nosso coração,
A tarde cai.
Pia o mocho;
Sobe o fumo dos tugúrios,
No céu roxo...
A sombra exala murmúrios,
Suspira luz.
Ao longo de ermos caminhos,
Passam vozes, a rezar:
São velhinhos, pobrezinhos,
São fantasmas de Jesus.

Nervoso, aéreo arrepio,
Mais sombrio,
Que faz medo,
Põe tremuras no arvoredo.
Choram Trindades, no ar...
Cinza esparsa, em áureas chuvas,
Molha as cousas...
E, nos longes doloridos,
Incendidos,
Erram vultos de viúvas,
Saudades misteriosas...

Que mágoa d'além do mundo
Tudo ensombra!
A paisagem, que era inerte,
Se liquefaz e converte
Num mar profundo
De sombra.

Quando a tarde vem dos céus,
Rezemos então a Deus
A nossa melancolia:
Este vago sentimento
De abandono e sofrimento
Que o nosso ser anuvia...
E, todo enevoado, cisma,
E, no seu nada, se abisma...

Na tristeza da paisagem,
Elevemos nossa imagem
Comovida...
Rezemos a morte e a vida,
Rezemos a nossa dor:
Esta penumbra que cresce,
Dentro de nós, e escurece
Todo o mundo, em derredor...

E como rezam as fontes,
Pelos montes,
O seu rosário sem fim
De contas de água,
Rezemos a nossa mágoa...
Deus há-de vê-la
E sofrê-la;
Com Deus seremos assim...

ADEUS!

Partir! Partir! É a força do destino,
Aquela sombra negra, atrás de mim...
Um adeus me persegue de menino;
Para dizer adeus ao mundo vim.

Sou sempiterno adeus! Vou-me encarnando
Nas formas do meu próprio padecer...
Desgrenhadas figuras, soluçando,
Dizem-se adeus, nos longes do meu ser!

Adeus! O carro foge. O sol desmaia...
Um gesto, um lenço tremulando, ao vento...
Depois, a tarde agreste que se espraia,
Numa onda de negro sentimento.

E' vejo confundir-se a minha aldeia
Com as nuvens, além dos horizontes...
Dela me fala a triste lua cheia,
Que, em seu alvor, negrejam ermos montes.

E vejo o teu perfil imaculado,
Como esculpido em branda e etérea mágoa;
De suave e distante, é já sagrado,
Ante os meus olhos de alma, rasos de água.

Nos teus campos, divagas, a cismar,
Cantando aquela trágica elegia
De quem sòzinho, à noite, no seu lar,
Vê sombras, fogo extinto, cinza fria...

E as aves inocentes, que a ternura
Veste de etéreas asas, pelo espaço,
Ouvindo os teus cantares de amargura,
Mortas, virão cair no teu regaço.

Eu vejo-te, sofrendo... A minha dor
Lembra a imagem vivente do teu rosto.
Sofrer é ser contigo, eterna Flor,
Que deste vida eterna ao meu desgosto.

Agora viverei de tudo quanto
É mais que tua angélica presença;
Isso que, no teu ser, é já meu canto
E em lágrima divina se condensa.

Por aqui, meu Amor, irei vivendo
Da sombra que teu vulto, em mim, deixou,
Quanto te disse adeus e o sol, morrendo,
Nos teus olhos — tão negros! — se ficou...

Viverei duma eterna Despedida,
Por esse mundo, ao Deus-dará da sorte;
Longe de ti, que és a minha vida,
Perto de mim, que sou a minha morte!

ELEGIA

Divago em ermo outeiro;
A noite se avizinha;
Asas negras de agouro
Esvoaçam, misteriosas...
Reboa, em áurea voz,
Nas brumas da tardinha,
Aquele adeus que o sol,
Morrendo, diz às cousas...

No silêncio espectral,
Escura flor a abrir,
O meu ser se prolonga
E abraça a minha infância;
E beija, deslumbrado,
A estrela que, a sorrir,
Põe um sinal de luz
No extremo da Distância.

Sòzinho, entregue a mim,
Divago, meditando
Na Mágoa que me trouxe
Ao mundo... E como é triste
Ver a tua perfeita
Imagem palpitando
À flor, sequinha já,
De tudo quanto existe!

E sinto-me afogar
Na lágrima que sou,
Toda acesa, por dentro,
A reflectir a estrela
Em que teu coração
Outrora se abrasou,
Quando sombra se fez
Teu vulto de donzela.

Contigo vai minh'alma
Enamorada... e canta,
Se, às horas da tardinha,
Esvoaça em palidez,
Cantiga de saudade
E longe que, uma vez,
Me ficou sepultada
E morta, na garganta...

CANÇÃO TRISTE

Melancolia...
Vulto esparso de mulher
Anda, na minha alegria,
A padecer.

Donzela da minha dor...
Perfil de flor
Ou de lágrima sorrindo
Sorriso que não é dela,
Mas duma estrela...
Sorriso etéreo caindo
Dessa fantástica altura,
Onde ergue a fronte nublosa,
De encontro à Luz incriada,
A noite escura.

Ó Tristeza bem amada!
Roxo lírio, branca rosa,
Sempre me lembro de ti;
Dessas horas que vivi
À sombra da tua graça,
Que esvoaça
Lá na terra em que descansa
Meu cadáver de criança;
Fria campa de abandono
Que eu visito, meditando

E soluçando,
Nas tardes roxas de outono,
Ao vento frio e gemente,
Que sopra as cinzas do poente.

Ó Tristeza, que és presença
Indefinida...
Mármor' desfeito em luar;
Névoa astral que se condensa
Em branca estátua, com vida,
Nesse Além,
Donde nos vem
A Inspiração, a cantar.

Doce e mística Tristeza
Que, por mim, baixinho reza
E que suspira...
E, suspirando, de leve,
Faz vibrar a minha lira
Que se dispersa no céu;
E é nuvem que escureceu
De, em si, trazer
Tanto relâmpago a arder
E tanta neve!

Ó Tristeza mais que triste!
Meu sol-posto...
Lembrança dum Bem que existe,
Não sei onde...
Aquela Voz que responde
Ao meu desejo;
Esse infindo e etéreo Beijo
Que paira sobre o teu rosto...

Meu desejo: borboleta
Erma e preta,
Alma triste de viúva...
Em dias negros de chuva,

Pousa as asas lutuosas
Nas vidraças lacrimosas
Das janelas...
E sonha voar, voar...
Subir até se queimar
Nas estrelas...

Ó Tristeza! Etérea Mágoa
Duma beleza outonal
E virginal.
Erma face luarenta,
Que um véu de seda cinzenta
Desfigura...
Olhos negros, poços de água...
Longa trança, em ondas de ouro,
Que me vestem de ternura,
Quando choro.

Ó Tristeza, minha flor
E meu amor,
Que, de longe, me seduzes
E orvalhas meu coração:
Terra estéril, solidão
Cheia de cruzes.

Vem, Tristeza! Eu te conheço,
Doido encanto!
Se te pressinto, amanheço;
Em ouro e rosa, me espalho,
Nesse orvalho
Que é meu pranto.

Sei quem és, minha Tristeza!
Tua voz, que sempre reza,
Sempre me fala de ti:
Revela-me o teu segredo,
Os teus sonhos misteriosos:
Aéreos bosques brumosos,

Entre os quais, branco de medo,
Me perdi!
E pus-me então a cantar,
Nesta erma noite que sou,
Mas não a posso dormir.
Sem saber para onde vou,
Ando por mim a chamar
E ando a fugir...
Ando perdido na bruma
Dos teus sonhos... Nem me vejo!
Morro de imortal desejo!
Sou presença que se esfuma
Ou corpo que a terra come,
Enquanto a brisa outonal,
Frio hálito mortal,
Semeia mágoas sem nome,
Gemidos negros de agouro,
Sons finados, brônzeo choro.

Nos teus sonhos, vou sonhando.
Sou imagem deslizando,
À flor dum rio profundo.
Sou imagem reflectida
Neste mundo.
Procuro o corpo divino
Que me envia; a realidade
Que, em mim, se fez ilusão,
Sombra errante do Destino.
Procuro aquela Esperança
Que, já triste e arrefecida,
Modelou meu coração
Em matéria de saudade
E de lembrança.

Nos meus sonhos, te procuro,
Como quem vai, pelo escuro,
A tactear, a tremer...

Só em ti encontraria
Aquela antiga alegria
Verdadeira;
A luz primeira.
Quem te pudera prender
Num doido abraço!
E dormir no teu regaço...
Quem te beijara essa face,
Quando o sol cantando nasce,
D'além dos montes;
E, feito humilde sorriso,
Ilumina um paraíso,
Dentro do choro das fontes.

Ó Tristeza, bem quisera
Ver teu vulto delicado
Ao pé de mim;
Como outrora,
Nas manhãs do meu Passado,
Via andar, no meu jardim,
A Primavera,
De mãos dadas com a Aurora.

Vem, Tristeza, que é já tarde.
O poente é um círio que arde,
Entre pinhais.
Sobe o fumo dos casais;
E os toques de Ave-Maria
Doiram de melancolia
Os longes da minha mágoa,
Brumosos, quais longes de água.

Vem a mim! Quero-te ver,
Embora seja morrer
Pousar meus lábios nos teus.
Vem a mim, que a minha vida
Em ti será renascida,
Lá nos céus.

UM DOS MEUS DIAS

Dia triste de inverno. Que amargura
A desta claridade fria e baça!
Aos meus olhos as cousas desfigura;
Não há linha gentil que não desfaça. 5

A transparência azul do céu tortura
E a cor lilás dos montes ameaça;
Desbota o mimo tenro da verdura
E a cada flor lhe despe a etérea graça.

Ermo poeta de génio, o doido vento 10
Vai recitando versos desvairados,
De estranha dor e ignoto sentimento,

Às árvores da terra, aos escarpados
Rochedos que fantástico tormento,
Pelos montes, deixou petrificados. 15

---

2. *A*: inverno... Que amargura — **3.** *A*: A desta luz do sol pálida e baça! — **5.** *A*: desfaça! — **6.** *A*: O claro azul *BC*: O meigo azul — **7.** *A*: ameaça!... *B*: ameaça; *C*: E a cor dos montes ameaça; **8-9.** *A*: Essa dorida cor de desventura / Que um roxo véu por sobre o mundo passa... — **10.** *A*: Esse Poeta de génio, o louco vento — **12.** *A*: de estranho sentimento! — **13.** *A*: Às árvores que ele despe, e aos escarpados — **15.** *A*: Pelos montes, deixou petrificados!... *BC*: Pelos montes deixou petrificados.

A UMA FONTE QUE SECOU

Com teus brandos murmúrios embalaste
O decorrer dos meus primeiros dias.
E pelos teus gemidos os contaste;
Eu era então feliz e tu sofrias. 5

As minhas velhas árvores regaste,
O meu jardim de Abril reverdecias...
E quando as tuas lágrimas choraste,
Como a dor que hoje sofro entenderias!

Mas, ai, tudo mudou! Longa estiagem 10
Bebeu, a arder em febre as tuas águas
— Versos de água cantando a minha imagem.

Raios de sol que as fontes evaporam,
Levando para Deus as suas mágoas,
Secai também os olhos dos que choram! 15

---

3. *A*: Os minutos dos meus primeiros dias... *BC*: Os minutos dos meus primeiros dias. — **4.** *A*: P'los teus tristes gemidos — **5.** *A*: Então eu era feliz e tu sofrias... *B*: sofrias... — **6.** *A*: O meu pomar mil vezes o regaste — **7.** *A*: E as suas flores assim *BC*: O meu jardim ao sol — **8.** *A*: E, quando — **9.** *A*: esta dor que eu tenho — **10.** *A*: Hoje tudo mudou. Seca *BC*: Mas, ai, tudo mudou! Seca — **11.** *A*: O que fizeste tu das claras águas, — **12.** *A*: Onde, uma vez, eu vira a minha imagem?... *B*: imagem... — **14.** *A*: para o céu — **15.** *AB*: choram!...

MEU CORAÇÃO

Na terra, uma semente pequenina
Abre, ao sol, em sorrisos de verdura.
E o rubro raio aceso que fulmina
Rasga o seio da nuvem que é ternura.

Ao longo de erma e pálida colina,
Um doce fio de água anda à procura
De alguma rosa angélica e divina,
Abandonada e morta de secura.

Meu forte coração também nasceu
Para criar, cantando, um novo céu.
Ninguém lhe entende a mística harmonia!

Lembra remota estrela desmaiada
Que mal se vê, na abóbada azulada,
Mas, para um outro mundo, é grande dia.

A MINHA HISTÓRIA

Às duas Marias

(1877-1901)

Árvores da minha aldeia,
Eu quero-vos contar a minha História,
Quando vem do Marão a lua cheia
De fria luz marmórea.

Só vós entendereis aquele outono;
Escuro sentimento
De dor e de abandono,
Que chora no meu canto,
Como chora também na voz do vento...
Dor que suspira inéditos segredos;
A dor que traz a noite, no seu pranto,
As nuvens e os penedos.
A dor misteriosa,
Esse luto fantástico e sem fim
Que minh'alma vestiu, dentro de mim,
Na terra esplendorosa.

Em Novembro nasci, por uma tarde triste,
Quando os sinos soluçam badaladas;
E lúgubres mulheres desoladas,

Com piedosas mãos, espalham flores,
Sobre a estéril poeira que ainda existe
De sonhos e de amores;
Cinzas de almas perdidas já no Além;
Cinzas de ódios que foram vivo lume,
Cinzas de Anjos subindo, num perfume,
Cinzas de pobrezinhos... de ninguém!

Nasci no dia eleito da Saudade,
Quando o vulto espectral da Eternidade,
Diante de nós, quimérico, se eleva,
Com estrelas a rir na máscara de treva.
E tem gestos absortos
Para os brancos sepulcros pensativos,
Onde a tristeza, em lágrimas, dos vivos
Beija a alegria, toda em flor, dos mortos.

Nasci naquela tarde, angustiosa e calma,
Torva de nuvens e silêncios de alma,
Quando há pálidas faces que se molham;
E há lírios, violetas, brancas rosas
Que, sobre o escuro tumular das lousas,
À chuva, se desfolham.
E nos lívidos mármores molhados
Se embebe de água a sombra do cipreste;
E nas ondas gementes do *nordeste*
Anda um fumo de círios apagados.

Nasci ao pôr do sol dum dia de Novembro.
O meu berço o crepúsculo embalou...
E até parece, às vezes, que me lembro,
Porque essa tarde triste, em mim, ficou.

Em mim, em mim, luz invisível, arde
O sol agonizante dessa tarde
E doira ainda os píncaros da serra...

Fui criança que cisma e brinca, pelos montes.
Bem cedo, divaguei, além dos horizontes
Que cingem, num abraço, a minha terra.
Horizontes que eu vejo, desenhando
Este íntimo perfil que mostro a Deus, rezando,
E é feito de alma e fragaredos nus;
Vales de sombra e píncaros de luz.
E tudo me falava!
E das cousas humildes se formava
Indefinida imagem
Que, ante os meus olhos magos de criança,
Tinha um perfeito e espiritual relevo,
Iluminada e vaga nitidez,
No brumoso indeciso da paisagem.
E para mim sorria, num enlevo
Divino, que é lembrança
Não sei de quem... talvez de Deus... talvez
Doutra vida vivida numa estrela.

Neste mundo de espectros, cada ser
Um outro ser revela...

Eu era a criança alegre e triste, sem saber;
Ora desfalecida, ora exaltada;
Ora, subindo em cantos de alvorada,
Entre anjinhos de mística beleza.
Ora, sob os meus pés, a terra me fugia;
E, alheado e sonâmbulo, descia
Nem sei a que funduras de tristeza.

Bem cedo, de mim próprio me afastei!
E, perdido de mim, por mim gritei!
Gritei! Nenhuma voz me respondeu!
E, agora, quem sou eu?
Um fantasma de alguém,
Uma vaga presença de ninguém;
Saudade a modelar-se em busto moribundo;

Mísera e velha sombra perseguida
Pelo primeiro sol da minha vida
Que vai pedir asilo às pobres cousas:
Mortas recordações misteriosas
Da passagem de Deus por este mundo.

Eternamente enfermo
Fiquei, sòzinho e pálido, neste ermo
De escuros bocos, lívidos pinhais;
Montes com o retrato a sangue do sol-posto;
Leirinhas secas, pelo mês de Agosto,
E magros bois que mugem;
E oliveiras comidas de ferrugem
Erguem, na tarde, os braços espectrais,
Extáticas de dor...

Fui criança que cisma... o lírio condoído
Da própria sombra em flor;
Um anjo ouvindo a negra Tentação,
Vendo seu frio corpo emurchecido,
Com as asas de luz manchadas de penumbra,
Difundir-se na treva que o deslumbra
E ser, em volta dele, humana solidão.

E da minha inocência, branco altar,
Já me via fantástico e disperso.
Era a criança, da altura do seu berço,
A fundura do túmulo a espreitar.

Eu era o condenado
Bem antes do pecado:
O ante-remorso estranho de viver,
Porque o supremo crime é, na verdade, ser!
Dar um novo sentido às formas dolorosas;
E dar, a cada lágrima, um sorriso,
E uma nova oração às almas religiosas...
Ser o grito do dia do Juízo!

E entre as outras crianças me encontrava
Triste, silencioso; e tinha medo
Das sombras do arvoredo,
Agitadas num íntimo rumor,
E da lua espectral em seu perfil minguante
E do meu coração, precoce e delirante,
Que era, fora de mim, Alguém que me falava...
Alguém que, em certas horas, me aparece;
E, num gesto sombrio que arrefece,
Espalha, no meu rosto, a palidez inquieta,
Que é remorso fatal no pecador
E que é divina inspiração no Poeta.

As lástimas do vento,
Folhas murchas doirando o nosso isolamento,
Os velhos pobrezinhos,
Charcos de lodo, ao longo dos caminhos,
A reflectir os céus,
Como, dentro de nós, esplende, às vezes, Deus.
Manhãzinhas de névoa, misteriosas,
Quando desbotam, no jardim, as rosas
E há cores mortas, risos apagados
E ramos desfolhados...
O frio inverno
Brumoso, cor de cinza, sempiterno.
As rezas junto ao lar,
A meia-noite em lágrimas desfeita;
Minha Avó, já velhinha e trémula, a fiar,
Os criados da casa, conversando...
Histórias de ladrões, de bruxas, quando
O medo escuro, lívido e nocturno,
Por uma frincha do postigo, espreita...
E, ébrios de sombra, os cães vadios latem
Aos doidos ventos, num clamor soturno...
E a luz piedosa e triste da candeia,
Que faz sinais à aragem penetrante,
Sonolenta de fumo, bruxuleia.

E negras asas batem
Nos vidros das janelas...
E depois um silêncio inquietante.
Era a noite de luto, a errar, na solidão,
Que me vinha pedir pousada ao coração,
E, nele, me deixou revelações, estrelas...

O luar, a luz do dia,
O tempo que passou,
O Tâmega, o Marão, vozes cantando o Amor,
Eis a estranha matéria que formou
Meu ser que foi de pedra, ante a Alegria,
Cera, nas mãos da Dor.

Chegou, por fim, a idade,
Em que o primeiro adeus nos entristece.
O anjo da nossa infância desfalece,
E renascemos logo da saudade.

Abandonei, então, a minha aldeia,
E os seus montes de encantos e bruxedos;
Seus ermos arvoredos
De cores outonais,
A lua cheia,
Mendigas a rezar, na luz da tarde, absortas...
E rãs a coaxar em águas mortas
E um silêncio a cair da rama dos pinhais...
As lavouras em Maio, os campos de verdura...
E donzelas que são estátuas da ternura,
E festas ao Senhor, canções de rouxinol,
E passarinhos, flores, manhãs de sol!

Primeiro adeus sem fim!
Nasceu-me nesse dia a sombra que projecto;
Este vulto nocturno de esqueleto
Que, pela vez primeira, nos abraça,
E nos destrói assim
O inefável encanto, o mimo, a etérea graça!

Bisonho e melancólico precoce;
Enfermo da Saudade que me trouxe
No ventre e me criou,
E meu berço, com mãos de névoas, embalou;
Um perdido de mim, nas cousas abismado,
Perseguia-me a sombra do Passado;
E, em vaga imagem de doridas cores,
O meu ninho natal de terra e flores;
Ninho que eu tanto amava!
E, invocando-o, de longe, soluçava,
Neste cego e interior deslumbramento,
Em que se exalta e morre o pensamento!
Morre, tocando o fundo
Das almas e do mundo!
E nos leva através da eterna indiferença
Que sobre as formas brutas se condensa
E lhes dá um relevo hostil que fere
A sensibilidade, a luz do nosso ser,
Tão viva e melindrosa, tão acesa,
Na infinda escuridão da Natureza!

Eis o divino instante,
Em que a noss'alma, inquieta e madrugante,
Se entrega à sua dor;
Aquela Dor mais velha do que nós,
Com estrelas e lágrimas na voz
E o pó da Via-láctea nos vestidos,
E, pregada no seio, a noite em flor,
Lírio negro a fulgir orvalhos incendidos.

Foi quando li Camões e Bernardim...
Esses versos da luz crepuscular,
Com pastores de idílio, ovelhas a pastar,
Em místico jardim...
E em outeiros de mágoa, ao sol-poente,
Os grandes bois pasmados,
Fitando o céu azul, saudosamente,

Mugem tristezas de alma...
A febre de viver, arrefecendo, acalma.
E os desejos da carne, ensanguentados,
Erguem pálidas mãos e rezam na penumbra.
A lua surge, muito além... Que aurora
Os píncaros deslumbra
E os pinheirais enfermos...
E a imagem da Menina e Moça, tão sòzinha,
À claridade roxa da tardinha,
Aparece nos ermos...
Olha em volta de si, põe-se a cismar... e chora.

Menina que encontrei, na terra, à luz do céu.
Relâmpago que tudo escureceu!
Flor murcha, num instante, em plena primavera!
Flor murcha, à luz dos círios!
Flor sepultada em rosas, cravos, lírios,
Fria, de olhos fechados, cor de cera!
Alma da minha alma falecida...
Ó Morte que ficaste a ser a minha vida!

Para Coimbra parti, depois, em certo dia
De escurecido inverno,
Doente de saudade e de melancolia...
E, numa pobrezinha sepultura,
Deixei magoada rosa de ternura,
A desfolhar-se num adeus eterno...

Em mim, já despontava, em ermo sonho absorto,
Este espectro que sou e me permite ver,
Em vida, à luz do sol, o que hei-de ser,
Em sombra, à luz do luar, depois de morto.

Em mim, quem se comove e canta, num delírio,
Na palidez das mãos, trazendo um roxo lírio,
A trança desprendida e, sobre o branco rosto,
Mais sombras e orações que as horas do sol-posto?

Ah, quem reza comigo à tarde e me abençoa?
Quem me fala de amor e me perdoa?
Quem é que nos meus sonhos me revela
Misteriosa estrela:
Alegria de luz que me trespassa
E, dentro em mim, acende etérea graça,
Um rasto de oração por Deus ouvida,
Um luar que me beija a alma adormecida?
Quem, nos meus olhos, põe uns olhos de piedade?
És tu, Amor, Espectro, Divindade!

Criado em altos sítios de granito,
Na vizinhança agreste do Infinito,
Demorei-me, bem triste, a contemplar
Uma velha cidade, em mármor' tumular,
Numa paisagem doce e anémica, esboçando
Sorrisos de verdura, junto de água...

O mais é medieva, etérea Mágoa
Em coloridos campos alastrando...
Ora, subindo em íngremes colinas,
Que têm gestos velhinhos de ruínas,
Ermos pinhais saudosos...
Ora, descendo em vales penumbrosos,
Elegias de Deus...
E, filho duma Estrela, o Rio legendário,
No crepúsculo enfermo, é líquido sudário
Com a efígie dramática dos céus.

E em todo o vago ambiente, à luz da aurora,
Na sombra da tardinha,
É vivo, como outrora,
O fantasma de Inês vestida de Rainha.
Sobre o Mondego e as margens florescidas,
É névoa que flutua...
De noite, à luz da lua,
Nos ermos olivedos,
É zéfiro abatendo as asas falecidas,

Vulto esvaído em múrmuros segredos...
Espectro desgrenhado,
Em gemidos de louco sentimento,
Nas ruínas, à chuva, dum convento,
Já quase subterrado...

E nas tardes de Outubro,
Quando o poente, macerado e rubro,
Nos salgueiros do rio,
Põe gangrenas de morte e roxos tons de frio,
— Vê-se o enterro de Inês, fantástico, passar!
Duas filas sem fim de luzes amarelas,
E os sinos, que há no mundo, aos ventos, a dobrar
E, entre o luto do povo, o choro das donzelas!

Coimbra é a lenda, o luar, a evocação...
A tristeza medieva, a sombra dos pinhais;
O canto pastoril, Camões, a solidão,
A elegia da terra, em misteriosos ais...

É João de Deus e Antero:
O infinito mimo e o grande desespero!

Coimbra é a nossa Mágoa,
Em relevos de argila e fontes de água
E choupos tão velhinhos que, uma vez,
Na sua infância em flor, viram passar Inês!

É a paisagem noviça e triste da Saudade,
Santa Isabel do outono, erma paisagem doente.
De olhos verdes no céu, mostrando, ao sol-poente,
Roxas macerações da sua divindade;
Uma freirinha mística a rezar,
No seu hábito branco de luar...
Reza o Passado, extático e profundo,
O Padre Nosso todo-poderoso,
Que anima, dum sentido harmonioso,
As novas tentações que tem o mundo.

Sofri, ao ver Coimbra, um dolorido espanto...
Agravou-se, em meu ser, a alma que é doença;
Nuvem de tempestade, em mim, suspensa...
Silêncio a procriar a voz de etéreo canto.
Sons colorindo formas de emoção;
Vagos perfis de sonho em fluida gaze,
Uma estranha ansiedade a modelar-se quase;
Alguém a procurar-me, em plena escuridão.

Alguém, maior do que eu, em mim, ressuscitava.

Eis a hora em que o Poeta se revela,
Nas trevas do Universo...
E, nas trevas, desponta nova estrela:
A luz divina do primeiro verso,
Porque Deus, nesse verso, colabora
E na primeira flor
E no primeiro amor
E na primeira lágrima da aurora.

E, neste sobressalto, divaguei
Na Coimbra medieval,
Em Celas, Santo António, e visitei
As sombras do Choupal,
Estive no Penedo da Saudade,
Donde se avista, à luz da Eternidade,
E além da Natureza,
Aquele panorama
Que apenas vê quem ama
E os poetas sagrados da tristeza.

Estive em Santa Clara e fui bater à porta
Dum convento que tem fantasmas a rezar...
E uma velha lembrança, em cada pedra morta,
Nos quer falar...

E desde então minh'alma transmontana,
Desnuda e agreste, ao vento das alturas,
Tornara-se mais branda e mais humana,
Mais florescida de íntimas ternuras...

Como se acaso, Inês, o espectro do teu vulto,
Para mim, transmigrasse, por encanto...
Que ele murmura, oculto,
No meu canto...
É figura a surgir da minha comoção,
Como da névoa o Rei Sebastião;
A divina saudade que nasceu
Comigo; e noite e dia
E sempre me acompanha.
Virgem de olhos azuis que faleceu
E aparece, em luar, nos versos da *Elegia*.
A esposa de *Marânus*, na Montanha.
A Perfeição, o Lírio, a Virgindade;
A mística Donzela fabulosa;
Quimérica Rosa,
Flor sobrenatural da minha soledade.

O meu amor primeiro
Que me empece;
Talvez o meu Desejo sem destino
Que se fez, professando, etérea Prece;
E é hoje a minha sombra de solteiro,
Como foi meu sorriso de menino.

A tua dor, Inês, é irmã das fontes;
E nos ermos crepúsculos soluça,
E no escuro dos montes...
E, sobre as almas tristes, se debruça...
E mata a sede às rosas, pelo estio;
Dá esmolinhas de água ao pobrezinho Rio,
Quando no outono as árvores se queixam
Ao vento desabrido
E se sentem, por dentro, empedernir.
Mondego, velho herói *lusíada* caído
Nos meus versos, também pobrinhos de pedir,
De joelhos, orando às portas que se fecham.

Paisagem de Coimbra, etérea Mágoa
E mimo de Paisagem,
Em ti, pousei os olhos rasos de água,
Tão saudosos d'Alguém que não existe
E que eu jamais, na vida, esquecerei!
Vivi contigo, num idílio triste;
Ficou, em mim, chorando a tua imagem,
Depois que te deixei...

Nestes dias de cinza e frio, cá do Norte,
Que o vulto do Marão entenebrece mais,
Teu pálido perfil, a recear a morte,
Diz ao meu coração palavras outonais...
Reza velhinhos contos indistintos;
Heroísmos, amores de perdição;
O cadáver de Inês, D. Pedro desvairado;
Crimes que o Tempo absolve e dramas quase extintos,
Recordações manchando o luar da solidão,
Água velha a cair das nuvens do Passado...

Ó Coimbra medieval,
Toda erigida em sombras, espectral,
Com antigas muralhas de defesa,
Igrejas onde paira a trágica tristeza
De marmóreos sepulcros esquecidos;
Com torres que são gestos denegridos
Dum sempiterno adeus...
E arredores de infinda suavidade,
Fulgindo a luz, o viço, a mocidade
Que, por via do sol, lhes vem de Deus.

Mas tu não és o meu passado, não!
Porque o Passado é infância florescida,
Primaveril recordação
Dum tempo anterior à nossa vida...
Tempo liberto e puro, deslizando...
Tempo que os Anjos vivem... Horas de oiro,
Coroadas de flores e bailando,
Em volta de outro sol imorredoiro.

CANÇÃO DA MINHA SOMBRA

Ó minha sombra... Sinal
De que, em verdade, eu existo
Nesta presença carnal,
Por quem morreu Jesus Cristo.

Em ti, me perco e difundo
E abraço tudo o que existe.
Ó meu fantasma tão triste
Que andas a errar, pelo mundo!

Sobre as formas espectrais
Do teu vulto anoitecido,
Pesa o castigo infligido
Aos nossos primeiros Pais.

Minha sombra, foste luz
E tornarás ainda a ser,
Se por ti novo Jesus
Vier à terra padecer.

VELHINHAS COISAS

Vós sois o meu Passado sempiterno,
Sítios da minha infância, onde eu brincava!
Ó meu jardim sòzinho,
Durante o negro inverno!
Velho pinheiro manso, além, naquele monte.
Este muro a cair, à beira dum caminho,
Por onde, a cismar alto, ao frio vento, andava.
Ó minha velha fonte,
Onde, eu e o sol, matávamos a sede...
Ermos salões, com mortos na parede;
E, ao lado deles, vejo, em sombra de tristeza,
O meu perfil humano...
Velhinha mesa
E uma jarra que teve, em outro tempo, flores...
E tu, velhinho piano,
Num silêncio de notas misteriosas,
Valsas de som extinto e murchas cores.
Ó tábuas do sobrado carunchosas!
Antigos canapés, cadeiras de pau preto,
Onde julgo ainda ver, sentadas, conversando
Criaturas que a Morte foi levando
E que hoje são, na terra, ossadas de esqueleto!
A chaleira de estanho, o velho armário;
E, a um canto da lareira,
Sagrado e venerável Santuário,
A negra *preguiceira*

E a candeia de azeite em síncopes de luz...
No trono da capela, a imagem de Jesus
Ao lívido clarão da cera que se espalha,
Tão lacrimoso e frio, sobre nós,
E nos bordados brancos da toalha,
Brunindo o ouro velho das molduras,
Realçando, num desmaio, antigas esculturas
De Santos a quem já rezaram meus avós.

Cousas que a minha mágoa consagrou
E que o luar inunda de outra mágoa,
Sois o Passado: um mundo que ficou
Submerso nos meus olhos cheios de água.

Como eu adoro a vossa companhia,
Ó velhinhas imagens que a memória
Diviniza! Vós sois também a minha história.
Alheado, em vós, existo...
Em vós, a minha angústia se extasia
E se modela em formas repousadas,
Marmóreas, livres de alma, luarizadas,
Como na Cruz, depois de morto, Jesus Cristo.

Ah, tudo quanto eu sou de vós dimana!
A vossa dor, em mim, é dor humana;
E, em mim, suspira e chora...

Por isso, minha aldeia, eu vivo entregue a ti;
No teu seio adormeço como outrora,
No pequenino berço em que nasci.

Eu vivo entregue às árvores dos montes;
Ao luar que vem da Serra e ganha nova luz
No múrmuro cristal das tuas claras fontes,
Quando as sombras, no chão, fazem sinais da cruz.
Eu vivo entregue às flores da tua piedade,
Quando a minha saudade
(Virgem nublosa e triste que se esfuma

Nos longes do meu ser)
Tão branca e delicada, as vai colher,
Nas tardes outonais, com frias mãos de bruma.

Aqui vivo sòzinho e as nuvens que aparecem...
Crepúsculos de dor, melancolias,
Apagadas alegrias,
Mortes da minha vida que me empecem...
Quiméricas figuras que me falam!
Outras, olham a terra e, lívidas, se calam...
Outras, têm, para mim, como um sorriso eterno...
Outras, lembram o vento solitário
Rezando, à minha porta, as contas dum rosário
Que são todas as lágrimas do inverno!

Viver entre fantasmas, que delícia!
Há lábios virginais pousando-me no rosto.
Seu contacto espectral é de íntima carícia,
Enviada por Deus ao meu Desgosto;
Um desgosto que anima as velhas cousas
E as noites dolorosas;
E dá presença viva, já carnal,
À tua aparição;
Aquela Sombra etérea e sobrenatural
Que deixaste, ao partir, na minha solidão.

Aos teus pé de luar, eu rezo e me comovo,
E a luz do amanhecer tem um doirado novo.
E as árvores são mais belas.
Que sonho as diviniza e transfigura!
Que espírito ilumina a sua imagem!
Que alegria de Deus cintila nas estrelas!
Que magoado véu de mística ternura
Encobre, ao pôr do sol, a face da paisagem!
Dir-se-á que nela paira um dolorido encanto,
Que todo me deslumbra e faz sofrer,
Porque és tu, nestes sítios, a viver,
Como, em segredo, vives no meu canto.

CANÇÃO OUTONAL

O mundo ficou a escuras.
Bailam doidos burburinhos,
Em volta das sepulturas.

O vento, pelos caminhos,
Sopra e corre descontente
E maltrata os pobrezinhos.

E, qual suspiro tremente,
Varre a terra que é, no outono,
Um cadáver ainda quente.

E um ar triste de abandono
Pelos outeiros se espalha,
Cheios de cinza e de sono.

E a noss'alma se agasalha,
Em nós, se esconde, a tremer,
Quando a aurora, já grisalha,

Tão magrinha, a envelhecer,
Dentre as brumas lacrimosas,
Que pena tem de nascer!

Andam vozes dolorosas
Nas ramagens do arvoredo,
E choram todas as cousas.

Murmura um negro segredo
Na fria noite de luto
Que nos visita mais cedo.

Doridas mágoas permuto
Com a terra, quando, a sós,
Íntimas rezas escuto.

No Azul, há cinzas de avós...
Velhas lembranças falando,
Que têm lágrimas na voz.

E assim fico recordando
Imagens frias de cor,
Que se molham, desbotando...

E nos meus olhos a dor
Ergue seu vulto ensombrado,
Junto ao sepulcro do amor.

Ante o meu ser concentrado,
Tudo morre, o sol descora,
E eu próprio sou apagado.

Velhas lágrimas de outrora
Voltam ao meu coração,
Geme a Tristeza lá fora,

Vagueia na solidão;
Anuncia o fim do mundo,
Numa voz de escuridão!

Ermo Espectro vagabundo
Que, à tarde, mais se conhece,
Mais nosso corpo arrefece
E exala um terror mais fundo.

PAISAGEM DO MEU DESTERRO

Ó minha terra! Exílio! Soledade!
Contempla-te, em meus olhos, a Saudade,
Quando o poente, distante, se incendeia;
E, do outro lado, nasce a lua cheia,
E o mocho pia, e geme o vento norte,
E como que sentimos vir a morte!

Ó recantos escuros do arvoredo!
Asas que fogem, trémulas de medo!
Ó camponeses regressando ao lar,
Já fantasmas, na luz crepuscular!
Bois que voltam à corte, ruminando...
Rebanhos, no caminho, estropiando.
Pobrezinhas, em busca de pousada,
Vão, de sacola às costas, pela estrada.
O fumo das lareiras, no ar, se eleva
E toma negro vulto a fria treva.
E vejo-a desgastar a minha imagem,
E faleço nas sombras da paisagem.
Sou lívida presença que se esfuma,
Em longes sepulcrais de choro e bruma.
E sopra um fino e alado vento agreste
Que traz murmúrios ermos de cipreste,
Sombras nuas de túmulos e cruzes
E o pôr do sol em moribundas luzes.
Sobe a névoa, fantástica, do rio,

E os lírios, a expirar, num arrepio,
Mostram a linda face emurchecida,
Como tu, no final da tua vida,
Quando da negra cova te abeiravas
E mais sequinha e pálida ficavas!

Morreste, e o sol de outrora se apagou.
O mundo é outro e o céu também mudou!
Vejo passar agora gente estranha...
E outra lua desponta da montanha...
Outros velhinhos vão, de porta em porta.
Só tu me vens falar, depois de morta!
Só tu vives ainda para mim.
Vagueias, alta noite, em meu jardim,
Onde a sombra das árvores, mais densa,
Realça a luz que dá tua presença.

Há certos sítios de alma consagrados
E da tua lembrança alumiados.
É ali que vou rezar as minhas preces,
Quando, em horas de sonho, me apareces
E tens na trança a flor da virgindade,
E és toda graça, alvo luar, saudade.

Viverei a cantar-te, meu amor!
Serei contigo, junto do Senhor.
E os ais, que voam pelo céu dispersos,
Serão a sombra eterna dos meus versos.

IDÍLIO

Conforme vai crescendo
A noite sobre mim,
Mais próxima e real
É a tua aparição...
Os teus olhos de sombra
Em rosto de marfim,
Tua voz, num murmúrio de oração.

Ó Virgem da Tristeza,
Ouço-te os passos...Vejo
Impresso, na minh'alma,
O talhe dos teus pés...
Vens, de longe... Lá vens,
Sorrindo, dar-me um beijo,
Com uns lábios que a terra já desfez.

Teu contacto espectral
De Sombra enamorada
Afoga-me em silêncio
E lívido palor...
E a minha vida fica,
Extática e abismada,
Numa fundura lúgubre de amor.

CANÇÃO MONTANHESA

Ó versos de alta elegia
Que sinto vibrar em mim!
Desnudos, de cor sombria;
Cor de terra e penedia,
Duma tristeza sem fim!

Ó versos relampejantes!
Cantos de bronze, nocturnos...
Altitudes trovejantes
De nuvens esvoaçantes,
Sobre píncaros soturnos.

Clamorosos versos de água,
Que a voz do vento recita,
De ermo em ermo, frágua em frágua,
Onde chora a torva mágoa
Da negra noite infinita!

Altos versos aureolados;
Versos de oiro, ao sol que nasce,
Entre anjinhos deslumbrados
E de áureas rosas coroados,
Com um sorriso na face.

Tenros versos de verdura,
Ao fundo de ermas colinas.

Veio de água que murmura,
Sons de prata e de frescura,
Puras ondas cristalinas.

Ó ermos versos subindo,
Em fraga e terra... Orações
Que foram empedernindo
E se ficaram carpindo,
Ao vento das solidões.

Versos brancos de esplendor...
Mãos de neve aos céus erguidas,
Com extático fervor,
E em blocos de eterno alvor
Eternamente esculpidas.

Versos duros que a tardinha
Afaga, amima, suaviza,
Quando humilde pastorinha
Recolhe o gado, sòzinha,
E a luz é já indecisa.

Roxos versos outonais
Da elegia da Distância...
Brumosas vozes mortais
Que, nos meus olhos, cantais
E me embalais, desde a infância.

Marão, profunda elegia
Que sinto vibrar em mim!
Versos nus, de cor sombria;
Cor de terra e penedia,
Duma tristeza sem fim.

CANÇÃO MOLHADA

Gotas de som molhado
Caem, lá fora,
Num ruído triste...
É o silêncio gelado
Da noite que chora
Sobre tudo o que existe.
E a minha mágoa
Naquelas gotas de água
Parece encarnar.
Vago na sombra escura...
Sou morto sem sepultura
E sou nuvem a chorar...

CANÇÃO TEMPESTUOSA

Vai o vento a clamorar,
Na noite escura,
Envelhecida.
E vai correndo, à procura
De almas que o saibam cantar
E lhe dêem eterna vida!

Ó vento, maré sombria,
Em ondas de choro e bruma,
Em tumultos de agonia...
Grandes sons diluvianos,
Vozes formando oceanos...
Grito imenso que se esfuma
E enche a terra de clamores
E rumores...

Deus vai levado no vento!
É sentimento
Enlouquecido!

Na fria noite de mágoa,
É fantasma indefinido,
A escorrer água...
Tem, na fronte desvairada,
Uns olhos que relampejam...
E tem gestos que negrejam,
Na sombra toda molhada!

Que mistério!
Deus aflito e gemebundo,
Baixado do Reino etéreo,
Sobre o mundo.

Deus fez o mundo e morreu.
Deus, na sua obra imortal,
Faleceu.
Assim quem sonha falece
Nos sonhos que vai sonhando...
E o sol, brilhando,
Arrefece...

Deus é nuvem espectral
E tenebrosa,
Nos braços da ventania.
E derrama, dentro em nós,
Perpétua melancolia
Que, em meus versos, ganha voz
Misteriosa.

Almas perdidas na treva
Que delas próprias se eleva,
Rezai, que Deus ressuscita
Na voz trémula e bendita
Da oração.

Rezai, tudo quanto existe!
Desde o lírio pequenino
Até à nossa emoção,
Que é um lírio já divino,
Roxo e triste.

Rezai! A noite faz medo!
Passa o vento no arvoredo,
Todo em lágrimas, gemendo...

E tumultua e vozeia,
Na profunda escuridade!
Maré cheia
De saudade,
Sobre as estrelas crescendo...

DOS MEUS

À tardinha,
Toda de preto, um ar humilde, vinha
Visitar-nos... Deus sabe que trabalhos
A pobre padeceu,
Através desses íngremes atalhos,
Escavados da chuva,
E do vento que passa, a galopar...

Solteira a quem o tempo escuro deu
O luto da viúva,
Sempre sòzinha e triste, passeava;
E com discreta mágoa nos falava,
Numa voz a sumir-se, a regressar
Ao silêncio profundo
Que deixa, atrás de si, quem parte deste mundo.

Ou se ficava, extática, sonhando,
Com lágrimas nos olhos tremulando...

E descia ao jardim a ver as flores...
E via a nossa casa e os arredores,
Como quem triste e lúgubre memora
Cousas, figuras mortas na distância...

Ali viveu outrora,
Na brumosa manhã da minha infância.
E o seu vulto de sombra e de abandono,
Nas áleas do jardim,
Dir-se-ia que chamava pelo outono.

A noite vinha, enfim,
Tendo a lua no peito, um branco lírio aberto...
E ela, apressada, então, dizia-nos adeus.

Lá ia no crepúsculo deserto,
Com a morte já próxima e com Deus.

Rezar, tirar ao corpo e dar aos pobrezinhos;
Encher de rosas, de camélias, lírios,
O branco altar da Virgem Dolorosa,
Quando o desmaio fúnebre dos círios
Põe medos a voar na igreja silenciosa...
Andar pelos caminhos,
Sempre sòzinha e séria,
Com pejo de trilhar a terra abençoada.
E para as brutas pedras ser ternura.
Ser piedade, bondade, amor e luz,
E, nos seus olhos, ter crucificada
Toda a imagem de dor e de miséria...
Ser uma sombra humana de Jesus.
Ser, por fora, a velhice, a fealdade escura;
Por dentro, um lírio místico do vale;
Olhai o que ela foi, na vida transitória;
Eis a sua memória,
Gravada neste livro sepulcral.

Num dos últimos dias deste inverno,
Quando o sol moribundo os pinheirais abrasa
E aos pobres de pedir gelam as mãos e os pés,
Chegou mais pensativa a nossa casa,
Trazendo já, no rosto, aquela palidez
Em que alvorece o grande adeus eterno!

Num mau pressentimento, estou a ver seu vulto
Mais triste e anoitecido,
Já com manchas de terra no vestido,
Pela imaginação quase sepulto.

E o seu olhar doirava as ermas cousas,
Que, insensíveis e frias, ocultavam
Gratas recordações, lembranças carinhosas,
Que, pela vez primeira, lhe falavam!
Visitou, com demora, os bons lugares,
Velhinhos, familiares;
Memórias de alegria e de tristeza
Ou de íntimo abandono:
O terreiro que dá sobre o jardim; a fonte;
O Marão e a Abobreira, no horizonte;
Aquele muro antigo; esta árvore que reza,
Junto da nossa casa, ao luar do outono.

Esteve assim num vago alheamento...
Êxtase etéreo de alma já sentindo
A divina e inefável Suavidade...
Concentração mortal, deslumbramento
Crepuscular... O espírito sorrindo,
À beirinha da eterna Escuridade!

E depois afastou-se... Nunca mais
Voltou... Ao pé da igreja,
A sua cova, ainda de fresco, alveja...
Ali caem no outono as folhas dos rosais;
Ali dorme sonhando o vento do nordeste;
Ali voam cantando os passarinhos;
Ali queda rezando a voz dos pobrezinhos;
Ali pousa em silêncio a sombra do cipreste.

CANÇÃO DO LUSCO-FUSCO

Vem da serra a madrugada.
Vê-se-lhe o corpo indeciso:
Sombra de rosas coroada,
Num sorriso...

É a hora crepuscular,
Quando a estrela matutina,
Flor divina,
Vai murchar.
Quando a minh'alma desperta:
E, fantástica, vagueia,
À luz de velha candeia,
Na fria casa deserta.
E há penumbras oscilando,
Desenhando,
Nas paredes e no tecto,
Gestos vagos de esqueleto...
É a nossa própria figura,
A nascer da noite escura,
De si medrosa, tremendo,
Ante o mistério profundo
Do seu vulto aparecendo,
Sobre o mundo...

E as almas estremunhadas,
Que se levantam mais cedo,
Passam, nas ermas estradas,
Friorentas,
Nevoentas,
Num silêncio que faz medo.

Umas, vão de enxada ao ombro;
E vão outras, sem destino,
Espantadas, num assombro
Que é divino!

E vão outras acordadas
Por cuidados que lhes batem
E as deitam fora da cama,
Quando os cães uivam e latem
Às negras horas paradas.
É que sofre, dentro delas,
Nossa Senhora das Dores
Que tem filhos a quem ama
E nada tem que lhes dar,
Tendo anjinhos a cantar,
Tendo estrelas,
Tendo flores.

Passam tristes pegureiros.
Sobem íngremes outeiros,
Que declivam sobre o rio.
Saltando de penha em penha,
Entoam nocturnos cantos.
E, ao sopro do vento frio,
Aconchegam os seus mantos
De estamenha.

Nos caminhos solitários,
Passam pobres centenários,
Fincados ao seu bordão,
De olhos caídos no chão...

Rostos que o tempo consome;
Máscaras velhinhas do uso,
Modeladas pela fome,
Com raivor!
Ressecas múmias de dor,
Na baça fluidez cinzenta,
Pardacenta,
Do ar confuso...

E nos píncaros da serra,
Vagamente,
Doirada luz se anuncia...
E vai crescer, sobre a terra,
Tão criminosa e inocente!

E os tristes dos pobrezinhos
Vão rezando: *Ave-Maria!*
Ámen, Jesus...
E os que vêem pouco tropeçam
Na sombra dos ramos nus,
Que atravessam
Os caminhos.
E rabujam, tropeçando,
Contra o corpo que fraqueja
E os vai deixando,
Ao abandono...
É a noite do eterno Sono
Que, dentro deles, negreja...

Passa a Doidinha,
Sòzinha...
Frias sombras delirantes,
Turvam-lhe os gestos distantes
E revoltam-lhe o cabelo!
E nos seus lábios de gelo,
Que descoram,
Tem risos doidos que choram!

E, nos seus olhos soturnos
De desgosto,
Rondam espectros nocturnos,
Ardem febris desvarios
Que lembram luzes de círios,
A acompanhar um sol-posto.
Bailam macabras imagens
De demónios e paisagens:
Vultos de alma empedernidos,
Ofuscados e transidos
De terror...
As formas já espectrais,
Excedidas, irreais,
Da eterna Dor!
É o fantasma da Loucura,
Que a desvaira em pensamento,
Entregando-a às mãos do vento
E à noite escura!

Vai entregue à sua sorte...
Vai num ímpeto de treva,
Num negro encanto que a leva
Para a morte!

Pobres almas ansiosas,
De vigília, enquanto as cousas
Dormem um sono profundo,
Desde o começo do Mundo!

Vão passando, macilentas,
Entre neblinas cinzentas.
E o seu olhar se deslumbra,
Nos longes que a aurora tinge
De alegria mal acesa,
Que é tristeza.
Andam silêncios da Esfinge
Na penumbra.

E as árvores da solidão,
Despidas, sem agasalho,
Têm gestos negros no ar;
E, nas lágrimas do orvalho,
Há risos mortos que vão
Ressuscitar.

CANÇÃO LUARENTA

Vem do Marão, alta serra,
O luar da minha terra.

Ora vem a Lua nova,
Que é um perfil
De donzela falecida...
Nas claras noites de Abril,
Em névoa de alma surgida,
Anda a errar
E a suspirar,
Em volta da sua cova...

Ora vem a Lua cheia...
Rosto enorme
E luminoso,
Num sorriso misterioso,
Por sobre a aldeia
Que dorme...

Vem do Marão, alta serra,
O luar da minha terra.

CANÇÃO SAUDOSA

A Saudade vem bater,
Vem bater à minha porta,
Quando o luar é de lágrimas
E a terra parece morta.

E a Saudade bate, bate,
Com tal carinho e brandura,
Que nem a aurora batendo
À porta da noite escura!

Mas eu ouço-te, Saudade...
E o silêncio é tão profundo!
Ouço vozes, choros de alma,
Que ninguém ouve, no mundo!

Misteriosas Imagens
Passam, por mim, a falar...
Bem entendo o que elas dizem,
Bem o quisera contar!

Mas — que tragédia! — emudeço.
Caio, de mim, sobre o Nada!
Sou a minha própria sombra,
Não sei onde projectada!

E entra a Saudade... Fiquei
Como assombrado e sem voz!
Sinto-a melhor, que senti-la
É vê-la, dentro de nós.

Vinha com ela a tristeza
Que a tarde espalha no ar...
Vinha cercada das sombras
Que andam, na terra, ao luar.

E vinha a sombra dos Ermos,
Com os olhos rasos de água...
E os segredos que a noitinha
Vem dizer à nossa mágoa.

Vinha a sombra do Marão,
Sob a lua em várias fases;
E, no seu rosto de bronze,
Trazia um véu de lilases.

Vinha a alma do Desejo,
Toda a arder... Em volta dela,
Giram mundos e fantasmas,
Como em volta duma estrela.

Tudo o que é sonho em vigília
No sono da Criação;
E, entre falsas aparências,
É divina Aparição;

Tudo vem com a Saudade,
De noite, bater-me à porta,
Quando o luar é de lágrimas
E a terra parece morta...

A ESTRELA DO PASTOR

Vénus, sorriso e lágrima de dor,
Na rouxidão brumosa da Distância...
Tu já não és a estrela do pastor
Desse tempo velhinho que era infância.

Porque Virgílio nunca mais cantou
Os primeiros alvores da Saudade
E aquela tarde triste que ficou,
Doirada a sol, na negra Antiguidade.

Doce Virgílio da primeira mágoa!
Primeiro ai! das cousas, tão profundo...
Primeiros olhos de alma rasos de água,
Primeira sombra humana, a errar no mundo!

Virgílio, meu divino Antepassado!
Choram por ti as cousas... Tudo chora
O teu saudoso espírito ensombrado
Na mística visão de nova aurora.

Vénus chora, por ti, ao sol-poente.
A dor tirou-lhe o encanto em que viveu.
Deusa que foi do Amor, é simplesmente
Nódoa de terra a macular o céu.

Tem montanhas, cidades, grandes mares;
Ódios, paixões, a peste, a fome, a guerra!
E poetas que hão-de erguer os seus cantares,
Vendo, na escuridão, brilhar a Terra!

O mundo que eu habito! Estranho signo!
Frase de Deus em letras infernais!
Quantos homens aflitos, espectrais,
Te hão-de interrogar sobre o destino?!

Porque este mundo envia aos outros mundos,
Na sensível mudez das noites calmas,
Rezas escuras, cânticos profundos,
A sua sombra imensa torva de almas!

Serás, ó Terra, aos olhos de outra Dor,
Divina estrela, a rir, noutro Oriente,
Sobre o berço infantil de outro Senhor
Que, noutra cruz, morreu por outra gente?

Quantas dores e angústias te procuram,
De distantes planetas tenebrosos...
Por isso, à noite, há vozes que murmuram
E remotos silêncios murmurosos...

São já farrapos de alma... Um gesto morto
E gritos que se esfumam... Ais perdidos!
Tragédias abismadas, suores num Horto,
Manchando em névoa os longes desmedidos!

Ó mundo, a tua imagem vai subindo
E as alturas quiméricas atinge.
E vejo, sobre os astros incidindo,
O teu perfil de pedra, muda Esfinge!

Vai no verde luar em que fulguras
Tua imagem de argila e sentimento,
Toda febril e viva de figuras,
Toda pintada de árvores, ao vento!

E vai a minha aldeia, o meu jardim,
E vai meu pobre ser que se desterra...
Vai nas asas da luz que desce à Terra
E refractada corre o Azul sem fim!

E outros seres encontra... Aspirações
Que se cruzam no espaço e reconhecem...
Ansiedades e sonhos que alvorecem
Nas frias e nocturnas solidões.

Infinitas distâncias! Vácuo imenso!
A treva! O frio! Horror! Silêncio enorme!
O abismo que devora quanto eu penso,
A noite sempiterna que Deus dorme!

E, nesse negro Abismo que faz medo,
A minha imagem, doida, a voar, delira...
E julga ouvir palavras de segredo,
E os acordes astrais de etérea Lira.

Quando o sol morre, em ermo pinheiral,
Ouço, num sonho místico de encanto,
A branda voz de indefinido canto,
Que paira, abstracta, no clarão final.

Sois vós, cantando, meus irmãos d'Além!
Poetas de outra Saudade e Profecia,
Enleados em outra Simpatia
E melindrosos de outro luar também.

Sois vós, em outros mundos, a cantar!
É o éter que transmite a vossa mágoa...
É a vossa Lira, trémula, a vibrar
Sons de estrelas a arder em gotas de água.

Eu vejo-vos... A dor que me consome
Dá-me um sentido misterioso e oculto...
Em mim, as cousas vagas têm um nome;
Diante de mim, as almas tomam vulto.

E a minha dor, longe da terra, abraça
A vossa dor, longe de vós, lá onde
A presença de Deus se não esconde
E os corpos vestem a divina graça...

CANÇÃO MEDROSA

Na noite lívida, o Medo
Vem bater à minha porta,
Como um segredo
Da Esfinge morta.

Ronda nas longas estradas,
Nas brancas encruzilhadas;
Nos sombrios pinheirais,
Onde ao vento,
Violento,
Há mil sombras murmurando
E dançando
Ermas danças espectrais!
E todo se exalta e alegra!
Doido, ri, na noite negra,
E, doido, esvoaça,
Quando cinge,
Num desejo mais aceso
Que uma estrela,
Alma sòzinha que passa
E, de súbito, congela,
Sob o peso
Dos teus olhos, muda Esfinge!
É que a sua formosura
De brancura
Tão intensa,

Em frio mármor' condensa
Tudo quanto receber
A influência desvairante,
Fulminante,
Do seu vulto
Quase oculto,
Em negra máscara a arder!

O Medo paira nos rios,
Pondo torvos nevoeiros
E arrepios
Nos salgueiros,
Cheios de gestos parados,
Congelados.
E nas águas se debruça;
E nos açudes soluça,
Tão alto, que a noite morta
Ressuscita!
E, toda aflita,
Sobre a paisagem absorta,
Exala um frio gemido...
E mais lívida parece
E mais escura,
Quando, ao vento do Marão,
A nocturna solidão,
Petrificando, emudece...
E as folhas têm um ruído
De secura.
Vento de febre e desgraça,
Que perpassa,
Voando, incerto,
Num queixume.
É o fantasma do Deserto,
Com asas negras de lume,
Requeimando
As folhagens viridentes
E trementes,
Que se torcem, crepitando.

E, ao ver, nas águas do rio,
A sua imagem,
O Medo, branco de medo,
É um espectro em desvario!
Vai correndo, *
Pelas sombras da paisagem,
Vivas de alma e de segredo,
Estremecendo...

E a lua, ao vê-lo passar,
Tem mais lívido palor,
Sobre o silêncio das cousas.
Mudas fontes, de terror,
Dir-se-á que vão gelar.
Só as aves tenebrosas
Soltam pios agoureiros,
Nos pinheiros;
Meus irmãos da solidão...
E sofrendo, como eu,
Remota dor espectral,
Que se espalha pelo vale
Em penumbras de emoção,
E é a noite que vem do céu.

O Medo percorre a aldeia.
Seus vestidos são luar;
O seu rosto é lua cheia
De memória.

Entre os ramos do arvoredo,
Espreita o Medo,
Quando a lua merencória
Anda a espiar

* Na edição das «Obras Completas»: «Máscara doida, correndo». Adoptou-se aqui a variante manuscrita dum exemplar daquela edição pertencente ao autor.

Os espectros acordados,
Enviados
Do Mistério...

Mortas vidas,
Errando, nas avenidas
Dum deserto cemitério,
Onde as lágrimas das árvores
Se ouvem cair, sobre os mármores...
E há sombras que se arrepiam;
E os mochos lúgubres piam,
Em alto e negro cipreste,
Gemebundo, ao vento leste.

O Medo espreita quem passa,
No crepúsculo indeciso.
Vê-se-lhe a máscara acesa
De tristeza
E os lábios brancos de riso!
E, quimérico, esvoaça,
Na amplidão...
Pousa em nosso coração
Que, perturbado, se esconde
Além dos céus
E da Natura...
Lá por onde
Nossa voz, rezando, paira;
Nessa fantástica altura
Que os próprios anjos desvaira
E faz vertigens a Deus!

Em torvas noites de vento,
E de nuvens a chorar,
Vindas do mar,
Quando o Medo nos empece,
O nosso corpo esmorece;
Fugimos em pensamento,

Com os olhos espantados
E os cabelos eriçados!
Ante o Medo, a nossa imagem
É qual imagem vazia,
Desenhada em terra fria,
Como as sombras da paisagem.
Aparência de presença,
Ilusão que se condensa,
Névoa apenas reflectida...

Ai, a saudade da vida,
Não a vida, é que suporta
A noss'alma quase morta...
Divina e pobre candeia,
Que, sempre a arder,
Bruxuleia,
Tão longe, no nosso ser!
Onde ele é já invisível
E a nós próprios insensível...

O Medo é o vulto disforme
Da negra noite espectral...
É a mesma noite, afinal,
Tumultuosa de visões,
Sobre a paisagem que dorme...
A noite—, o estranho cenário,
Onde o Medo legendário
Incendeia aparições;
Personagens misteriosas
Dessa Tragédia infinita,
Em que geme, chora e grita
Tudo o que é sombra ilusória
A desprender-se das cousas,
Sob a lua merencória.

Eis a Tragédia maior!
Porque exprime a eterna Dor
Excedida, imaginada,

Do seu leito trasbordada,
A evaporar-se no Além...
— O espectro da Virgem-Mãe
Ante o espectro de Jesus,
Pregado sobre uma cruz
Que abrangesse, num abraço,
Todo o espaço!

Ó Dor em sombra de dor!
Alma do Medo! Terror!
Luz do luar...
Ramo de árvore...
Sombra negra a dimanar
Dum branco mármore.
Etérea brisa
Suspirando...
Mochos piando:
Escura voz...
Essa mulher indecisa
Que se entrevê, na tardinha,
E, tão pálida, caminha
Para nós...
O marulho liquefeito
Do rio, nas horas mortas,
A sonhar alto, em seu leito.
O vento batendo às portas
Dos casais;
— Tudo é presença do Medo;
E, ainda mais,
Esta angústia de segredo
Que, de longe, nos ensombra;
E, tão lívida, murmura
Na noite que nos criou
E, em nós, ficou...
Velha sombra
Que, para dentro, projecta
A criatura.

E depois lhe sobe ao rosto;
E é vulto de asa inquieta,
Vago remorso, desgosto
De viver a imperfeição
Da Criação.

Ó Medo antigo e soturno!
Ermo Fantasma nocturno!
Medo antigo! Ó Natureza!
Espectro imenso
De tristeza
E de martírio,
Por sobre as almas, suspenso!
Eu recordo aquele instante,
Em que, num voo desvairante,
Pelos céus,
Levaste, junto de Deus,
O ser humano em delírio!

Como ferido dum raio,
Esse riso aberto a fogo
Caiu logo
Num desmaio.
Mas, de repente, acordou,
Entre as trevas primitivas!
Ergueu as mãos aflitivas
E gritou!

Primeiro grito divino
Sem destino,
De névoa em névoa, ecoando...
Primeira reza alvorando,
Primeiro sol a raiar...
Deus, enfim, a despertar
Daquele sono profundo
Em que ele sonhara o mundo.
E sonhou a luz do dia,
No canto da cotovia;

Sonho belo!
Mais o homem, pesadelo,
No qual se viu — triste sorte! —
Decaído,
Envelhecido
E sujeito à lei da Morte.

Vida! Loucura da Dor!
Ímpeto de alma sem fim!
Onda enorme que me levas!
E sou eu próprio, Senhor,
Perdido, a cantar nas trevas
E, doido, a chorar por mim!

Ó primitiva oração!
Primeira humana expressão,
Etéreo ser,
A resplender...
Anjo de luz que ainda existe
No mundo triste,
Cada vez mais carregado,
Mais pesado e mais aflito
De dores mais dolorosas...
Cada vez mais sepultado,
Nas funduras tenebrosas
Do Infinito!

Silêncio! Eu ouço cantar,
Na noite morta, ao luar...
É a voz do Medo sòzinho,
Ao longo de ermo caminho.
Voz espectral e cinzenta,
Vazia, fria e deserta,
Que, em si, falece, ilusória;
E nem os ecos desperta,
Na penumbra luarenta
E merencória.

Cada alma tem seu medo...
Aquele íntimo segredo,
Ou de alegria ou de dor,
Que ela mesma, dolorida,
Vai ouvindo...

Medo angélico sorrindo
Nuns lábios, dizendo: *amor!*
A primeira vez, na vida.

Medo em lágrimas oculto...

Medo ao teu corpo divino,
Que, num clarão repentino,
Me deslumbra!
E, fugindo-me, só vejo
Esse rastro de penumbra,
Que esfuma, atrás do teu vulto,
O meu desejo...

Medo à flor que desabrocha,
Com tão melindrosa graça,
Que um só momento que passa,
A deixa sequinha e roxa!

Ó medo à sombra do outono...
Imagem fria a dormir
Um frio sono.
Medo às folhas a cair
Em charcos de água,
Onde pousa aquela mágoa
Longínqua do céu azul
E as nuvens vindas do sul,
Que são lembranças do mar.

Ó medo à Morte a rezar!

Medo ao mistério profundo
Que enche de trevas o mundo
Desolado...
E tem altas dimensões,
Que a gente não pode vê-las!
E é negro céu constelado
De ais, de gritos e orações
Que Deus converte em estrelas!

Cada alma tem seu medo...
O seu segredo
Que Deus lhe disse, ao nascer,
Para ela o não dizer...

É a Palavra misteriosa
Que faria eterna luz,
Na escuridão da Natura.
Mas nem a disse Jesus,
Nem Sibila fabulosa...
E só baixinho murmura,
Ou na lágrima primeira
Ou derradeira...
Di-la o primeiro vagido
E o derradeiro gemido...

A MINHA ALMA

Quando, na tarde triste
E pálida, imagino
Ser minha aquela dor
Que os vales macerou,
Hei saudades de mim,
De outro que fui —, menino
Que, uma vez, disse adeus
E nunca mais voltou...
Se recordo o Passado,
Em névoas já desfeito,
Alguém que me faz pena,
Em mim, soluça e chora.
Eu que já fui feliz,
Contente e satisfeito,
Quase me não conheço
E sinto-me outro, agora!
Tudo é incerto e vário
E tudo se transforma.
Tudo segue, na vida,
Um misterioso rumo...
O mais belo perfil
É apenas uma forma,
Ao vento e à luz do Sol,
A modelar-se em fumo...
Não há dia, meu Deus,
Sem trevas, que alvoreça!

Quem pode surpreender
O corpo duma flor?
Tudo vai, através
Do tempo, tão depressa,
Que só vemos de tudo
Apenas um fulgor!
Mas invoquei teu nome,
Aqui, nesta paisagem!
E logo à minha infância,
Alegre, regressei...
Pois tu és uma estrela,
Aonde chega a imagem
Do vulto de criança
Em que eu outrora andei.
Pois tu és, para mim,
O que é, para a avòzinha,
A Santa do oratório
A quem, à noite, reza.
Tu lembras o meu lar,
Com asas de andorinha,
Quando a tarde, no Azul,
Põe nódoas de tristeza.
Pois tu és para mim
O que é, num cemitério,
O branco luar que faz
Os mortos reviver.
Ah! Tu és para mim
O que é, para um mistério,
Essa alma que o desvenda
À custa de sofrer!

Por ti, acordo e sonho
E fico a meditar...
E fizeste de mim
O meu pior amigo.
A minha solidão
Desejas-ma roubar,
Que, sempre que estou só,

Encontro-me contigo!
Amo-te, como a terra
Adora o mês de Maio.
Como adora um rochedo
O musgo em flor que o veste;
Como a cruz dum sepulcro
O doce e bom desmaio,
Em que ela cai, sentindo
A sombra do cipreste...
Amo-te, quando a tarde,
Em oiro, se incendeia,
E voltas para o Ocaso
O teu perfil magoado...
E além, sobre o Marão,
A triste lua cheia
Dá vaga transparência
À noite do Passado.
Amo-te ainda mais,
Rainha do meu Poema,
Quando o silêncio inunda
As áleas do jardim,
E me aparece, ao longe,
O grande diadema
Que cerca de esplendor
Teu rosto de marfim.

E, por milagre, olhai!
De súbito, me espanto!
Que repentina luz
Todo o meu ser trespassa!
E pousa, em meu ouvido,
Etérea voz de encanto,
E o teu vulto de flor
É um zéfiro que passa...
És tu, és tu, és tu!
Eu sei que tu existes,
Que a aurora e o meu desejo
Enfeitam tua fronte.

Que os teus olhos azuis
Beijam meus olhos tristes,
Cegos, a tactear,
Na sombra do horizonte.
Quando chorava, outrora,
A sós, pelas herdades ...
E ia ver, dum outeiro,
O sol amanhecer;
E, encantado, rezava,
Ao toque das Trindades,
É que eu sabia já
Que tinhas de nascer!
Eu fui o teu profeta.
Anunciei-te a vida,
Nesse tempo em que tudo
É límpido sorrir...
Era tão novo ainda,
E est'alma dolorida
Ouvia, dentro em si,
Como um sentido a abrir...

Parti, parti, depois,
Por esse mundo fora.
Em lágrimas por mim
Deixei a minha infância...
Em mim, a luz desmaia;
Em mim, o riso chora;
E é mística saudade
A névoa da Distância.
Perseguido não sei
Por que mau génio obscuro,
Andei, de terra em terra,
À chuva, ao sol, ao vento.
Gozei, com amargor,
Esse prazer impuro
Que, por dentro, macula
O nosso pensamento.

Mas tu vieste, enfim...
Do Olimpo descendeste,
Numa infinita luz
Que tudo alumiou.
Tu, que és alma sòmente,
Em corpo, me empeceste.
Foste viva e mortal
Criatura, como eu sou.
Em sítios de elegia,
À tarde, tão sòzinhos,
Descubro o teu perfil
De etérea Virgem-Mãe.
E nos teus olhos vão
Bater os passarinhos,
Julgando que há mais céu
Ainda, para além...
E a tua sombra, amor,
É uma ternura imensa,
Que se espalha, através
Das pobrezinhas cousas.
E, ao divino luar
Que dá tua presença,
Lágrimas, no meu rosto,
Acordam luminosas.

E, louco de ansiedade,
Em febre de delírio,
Tentei tua beleza,
A fim de ser amado!
Mostrei-te a minha alma,
Esse ermo e pobre lírio
Ao vento e pelas mãos
Do Outono já tocado...
Neste mundo, onde paira
Um sonho misterioso
E a saudade do sol,
À luz do sol, flutua,
Viste meu vulto — espectro

Errando ao luar formoso
Dos teus olhos azuis,
Mais altos do que a lua.
E quiseste fugir...
Nessa atitude, assim
De despedida e adeus,
Ficaste no meu ser...
Nesse altar infinito
Erguido, dentro em mim,
Onde a minha tristeza
É um círio eterno a arder!

CANÇÃO MONÓTONA

Monotonia...
Sempre a imagem das cousas que nos pesa...
A mesma cor vermelha da Alegria,
O mesmo claro-escuro da Tristeza...

Sempre, no mesmo corpo, a mesma doença: a vida!
Sempre a mesma elegia, em sílabas de mágoa...
Sempre o mesmo perfil de serra empedernida,
Onde o inverno, a chorar, desenha espectros de água.
Bocas sempre de tédio a envenenar o mundo...
Uma noite perpétua, emudecida e calma...
Negro pego de lágrimas profundo,
Estagnação da Dor, em ermos longes de alma...
A memória em planície estéril e deserta.
Ouvir, durante o dia, o choro duma fonte...
Sempre a mesma janela, eternamente aberta,
Sobre o mesmo horizonte...
Nos olhos, sempre a mesma indefinida imagem...
Sempre a mesma roseira a florescer por mim...
Sempre o mesmo silêncio, em formas de paisagem;
Ave sempre a cantar, manhã de sol sem fim!
Um perpétuo sorriso, à flor do mesmo rosto...
Num gélido cristal, a mesma face absorta...
Sob um eterno sol-posto,
Eterna planície morta...

Em sons de espuma e névoa, a eterna voz do Mar,
A morrer, a viver nos areais de além...
Um eterno sepulcro, à luz de eterno luar...
A mesma vida, em nós, vivida por ninguém...
Constante calmaria, eterno mar parado...
Este íntimo Alentejo em que se perde a gente...
Em nosso próprio ser, o Tempo desmaiado...
O mesmo, o mesmo, o mesmo, em nós, perpètua-
[mente!

CANÇÃO DOS TRISTES

Tristes bichinhos nocturnos
Passam a vida — coitados! —
Nesses buracos soturnos,
Abafados!

Saudosa flor esmaece
Na leira sequinha e erma...
Que deusa enferma
Em ti falece?

E a borboleta viúva,
Que tem asas agoirentas,
Nas tardas horas cinzentas
De frio e chuva!

E as almas negras de penas,
Sobre a terra que se molha...
Que silêncio! Ouve-se apenas
Cair a folha...

E a voz do sapo encoberta,
Remota, espectral, sòzinha,
Na cor lilás da noitinha
Já deserta...

E a do mocho?
Voz longínqua, sempre aos ais;
Voz do céu dorido e roxo,
Voz da lua e dos pinhais.

Ermo cântico profundo,
Que se alumbra,
No silêncio deste mundo,
Como um círio na penumbra.

E esse pobre que faz dó,
Falto de siso, a esmolar...
Anda, de noite, ao luar,
A falar só!

Almas velhas e saudosas,
No mais trágico abandono,
Que se confessam às cousas,
Pelo outono...

AS MINHAS HORAS

I

Horas de dúvida cruel e de tortura,
Que se abraçam a mim, geladas, a tremer...
E levam no seu peito, impressa a tinta escura,
A efígie dolorosa e humana do meu ser.
Horas em que o Passado, o ermo, o solitário,
Nos visita e nos fala em voz de cinza e poeira...
Ei-lo surgindo, além, mais alvo que um sudário,
E, como Hamlet, traz, nas mãos, uma caveira.
Horas em que nos pesa a velha e doida herança,
O remorso velhinho em luta contra nós.
E somos pequenina e lívida criança,
Entre espectros hostis de trágicos avós!
Momentos de saudade eterna, quando tudo
Volve para o meu rosto um vago rosto ausente...
Quando, em alma despida e coração desnudo,
Eu ando ao vento frio e choro ìntimamente.
E logo me disperso em formas espectrais.
Sou aparência vã da Dor que me consome.
Sou alguém que a si mesmo exclama: *nunca mais!*
E, súbito, se vê fantástico e sem nome.
Dias mortos de Inverno os céus escurecendo...
Erma terra ao luar, cadáver insepulto.
Negra noite molhada e lúgubre, gemendo,
Que em nosso coração parece tomar vulto.

Horas de indiferença e inerte calmaria,
Isentas de prazer, de angústias, fome e sede,
Em que sou, de mim próprio, a máscara vazia,
Meu retrato pintado a sombra, na parede.
Horas falsas de cor em pardos tons de mágoa,
Em que de tudo, tudo, assim nos desprendemos,
Como a água a deixar em névoa a própria água...
E a dor de não sofrer, a dor maior, sofremos!
Horas em que abandono as regiões divinas...
Triste, desencantado, exposto às tempestades,
Sob a treva a chover dum céu, todo em ruínas,
Onde pairam — que horror! — defuntas Divindades!
Sou a lástima eterna! A humana voz sangrando,
Sem um eco de amor que, ao longe, a repercuta!
Voz, num deserto imenso e negro, suplicando!
Sempiterna oração que nenhum Deus escuta!

Momentos de aventura, ímpetos sobre-humanos...
Ó viagens no mar! Ó praias do Nascente!
E gostavam de olhar meus olhos lusitanos
Água e céu, água e céu, indefinidamente!
Desejei afrontar os grandes temporais!
Num relâmpago ver o teu perfil, ó Morte!
Ver as ondas bailar em loucas saturnais,
Ter por único amparo a frágil mão da Sorte!
Horas em que sonhei, nas ruínas, meditar;
Nesses templos de pedra e sombra, à luz da Lua,
Onde algum velho Deus, pobre fantasma a errar,
Pára, junto de nós, e é fria estátua nua...
E sonhei vaguear, saudoso e solitário,
Sob um luar nascido em montes da Judeia...
Ver, em sombra espectral, o drama do Calvário
E a representação fantástica da Ceia!
Ver Marta, Salomé, nas trevas da Paixão!
E, aos pés da cruz, tombado, o corpo de Maria.
Ver, à nublosa luz de íntima invocação,
O que viu Madalena, à clara luz do dia...

Ser nómada! Viver errante! Que aventura
Nesses desertos da Ásia! Eu vejo, dentro em mim,
Planícies de aridez extensas de brancura;
Ermos que a Sede alonga em areais sem fim!
E desejei perder-me entre as florestas virgens!
Ser homem primitivo, em luta contra as feras!
E cercado, a tremer, de pálidas vertigens,
Meus olhos sepultar na boca das crateras!
O negro e doido encanto, em nós, a rir, a rir!
Dir-se-á que nos deslumbra ardente labareda!
Que prazer não seria, ó meus irmãos, sentir
Num abismo sem fundo uma perpétua queda!
Momentos de delírio e de desvairamento,
De grandes sensações que se apagavam logo!
Momentos em que fui mais louco do que o vento,
Fazendo, à minha vida, o que ele faz ao fogo.
O trágico destino! Horror! Fatalidade!
Almas que andam, de dia e noite, embriagadas,
Sensíveis para além da Sensibilidade
E vivas para além das cousas animadas!
Ai de nós! Ai de nós! Vede que estranha sorte!
Cair, cair, cair, sem descansar jamais...
E esse espaço que vai do nascimento à morte
É a hora em que o profundo Abismo contemplais!

II

Horas em que eu medito, absorto e comovido,
Na branca solidão da noite misteriosa,
Sob a Lua a emanar etéreo mármor' fluido,
Que é um sepulcro evolado em sombra luminosa.
Momentos em que anima os pobres versos meus
A luz espiritual, que, em névoas, resplandece,
Quando, de joelhos, rezo e a tarde me entristece
E o meu ansioso olhar quase descobre Deus.
Momentos em que vivo o sonho, oculto e mudo,
Sonhado em cada cousa humilde, que se esconde;
Quando vejo crescer, crescer, diante de tudo,
Essa interrogação a que ninguém responde!
Momentos em que sou o incompreendido, o eleito,
Sentindo-me afogar na torva escuridade...
E toco a Imperfeição, a fim de ser perfeito,
Porque entender a treva é ser a claridade.
E posso contemplar o Abismo; ver-lhe o fundo!
E trémulo de medo, ébrio de horror e encanto,
Oferto a Deus, à Dor e aos astros o meu canto,
Ao percorrer sòzinho a noite deste mundo.
E vou cantando o amor e a terra abençoada,
Quando a Esperança inflora os arvoredos nus,
E o sorriso dum Anjo, além, é madrugada,
E todo o espaço vibra em comoções de luz!
E sou nuvem de sonho, ao vento que perpassa.
A divina Pureza, a Infância original,
A essência da Alegria, o espírito da Graça
E a presença da Dor, sombria, já carnal...

Horas em que me exalto e elevo ìntimamente.
Nos meus olhos, um astro acorda: uma oração,
Uma lágrima pura, à luz do sol, tremente,
Uma gota de orvalho, em brasa, na amplidão...
Horas em que me enleva o marulhar das fontes.
A dor da água aflora, em mimos de verdura.
Manhãs de Abril, doirando os pobrezinhos montes,
Esboçam o perfil sagrado da Ternura.
Horas em que meu ser, subindo além da Vida,
Mostra a sua figura, ao longe, esplendorosa;
Aqui, na terra obscura, é feia e dolorosa,
E lá, cristal aceso e pérola incendida!
Horas em que a Verdade às almas se revela...
Horas de Eternidade e graça repentina,
Quando ouço murmurar a mais longínqua estrela
E o silêncio em que desce, ao mundo, a voz divina.
Horas em que uma fonte, humilde, que chorava,
Deu formas de harmonia ao meu primeiro canto...
Dos meus lábios nascido, em pleno céu, pairava,
Caótico de sombra e de nocturno espanto!
Horas em que, sofrendo, a Divindade imploro;
E sinto, no meu peito, o coração aflito!
E há Serafins bailando, ao som da Lira de ouro
Que a gente vê brilhar, à noite, no Infinito...
Horas vivas de luz, de amor e de esperança
Que infloram, ao passar, as bordas dos caminhos...
E fico extasiado a ouvir, como em criança,
A alegria do sol cantar nos passarinhos!
Horas de oiro em que sou igreja alumiada.
Íntima aleluia etérea me deslumbra...
Surge, d'além da serra, a Deusa da alvorada,
E o seu perfil, lá fora, alveja na penumbra.
Horas que são irmãs da Hora derradeira,
Em que a terra nos abre o seio todo em flor.
E alcançamos, enfim, presença verdadeira
E somos nós, enfim, diante do Senhor.

CANÇÃO HUMILDE

Brisa de Abril
Toda perfume,
Etéreo Nume
Contigo vai!

Pedrinha humilde
No chão perdida,
Do sol ferida
És uma estrela.

Negra ramagem,
O céu tocando,
Vai-se pintando
De azul celeste.

Gota de orvalho
Tremeluzindo,
Tens o sol rindo,
Dentro de ti!

Humildes cousas
Que ninguém olha:
Raminho ou folha
Ou grão de areia,

Tendes o encanto
Mais que divino
Que Deus menino
Achou na Terra...

CANÇÃO ALEGRE

Últimas sombras falecem,
Nos recantos...
E, nas sebes dos caminhos,
Esvoaçam passarinhos;
No Azul, semeiam seus cantos
Que florescem.

Como a noite se dilui
No riso do amanhecer,
Quando se alegra, em meu ser,
O fantasma do que fui!

Ao surgir a luz do dia,
Na escura serra deserta,
Em mim, desperta
E se extasia
Um anjinho que morreu...
Abre os olhos, para que eu,
Por eles, contemple o mundo,
Mais fecundo
Em beleza transcendente
E perfeição.
Mete-se em meu coração,
Para que eu seja inocente
E, outra vez, recém-nascida
A minha vida!

Ah, decerto, existe em nós
Avezinha matutina
Que solta, cantando, a voz,
Ao ver além
Despontar a Luz divina
Que os nossos olhos não vêem...

E essa canção, revoando,
Fica vibrando, ecoando,
Em toda a nossa alma que se espanta
E também canta!

Estranha cousa
Eternamente,
A alegria misteriosa
Que, em nós, se faz, de repente!
É sol que nasce
E esconde a face...
E, quimérico, fulgura,
Sobre as negras paisagens da Natura.

Alegria, tu és a prece;
A voz que sobe e amanhece,
Além dos céus...
Aurora de além aurora
Que doira a fronte de Deus,
Quando ele chora,
Perante a nossa miséria,
Onde a sua Luz etérea,
Decaindo, se condensa
Num fantasma de presença;
Sombra de sonhos futuros
E de sonhos já perdidos;
E de desejos obscuros,
Mal nascidos...

Sombra morta de saudade,
Sombra de eterna orfandade
E de eterna viuvez...
Sombra de nada, talvez!

Eu te abençoo, alegria!
Alma e corpo da esperança!
Bem quisera beijar o teu perfil,*
Que tem uns olhos grandes de criança
E mais flores e sol que o mês de Abril!
Tu bates, para entrar, às nossas portas,
Com dedos donde escorre a luz do dia.
E tudo se deslumbra ìntimamente...
E, cantando, atravessas, de repente,
A noite do meu ser, cheia de estrelas mortas.

---

* Na edição das «Obras Completas»: «Bem quisera beijar o perfil,». Seguiu-se aqui a correcção manuscrita do autor num exemplar daquela edição.

EM ORAÇÃO

As árvor's ensinaram-me a rezar,
Quando, à noitinha, o zéfiro murmura;
E se vê, nas ramagens, perpassar
Não sei que repentina e trémula figura...

Ó árvore secular,
Cheia de anos e perdões,
Os teus ramos espalham orações
E fazem cruzes, no ar.

Rezam Ave-Primaveras
Os lírios, a desmaiar.
Flutua, na penumbra, o canto das Esferas.
São lágrimas nuns olhos, a cantar.

Ó nocturna amplidão que me seduzes
E onde me perco, a cismar...
Ó céu num choro múrmuro de luzes
Ou num suspiro vago de lugar...

Andam rezas sem destino,
Pelo Infinito, a voar...
Rezam perfumes de alma as rosas, sobre o altar,
À Virgem Mãe que tem nos braços o Menino.

Há mãos de névoa, erguidas na paisagem.
E fontes a sonhar...
E cresce do horizonte branca imagem
Enviada pelo mar.

No Inverno, quando chove
E o silêncio, lá fora, é de gelar,
Eu sinto, além de mim, fantasmas a rezar...
São as minhas lembranças que Deus ouve!

Ó virgens espectrais, vestindo roxos véus,
Defuntas como sombras ao luar...
Eu vejo-vos, saudosas, divagar,
Nos longes da memória e perto já de Deus!

Só vós, perante Deus, sabeis falar,
Pois nada e nada sou.
As pegadas que deixo, ao caminhar,
Mostram um vago espectro que passou...

Sou alma que se despenha
No abismo do seu doido imaginar!
Sou esse fumo de ilusão, no ar,
Em que a sombra das Horas se desenha.

Vivo, sòzinho e triste, a meditar,
Em distâncias quiméricas perdido!
E vou morrendo, em vão, a procurar
Alguém que, em vez de mim, devia ter nascido...

DOR ETÉREA

A dor espiritual,
A etérea dor sagrada...
Virgem que enxuga os pés
Sangrentos do Senhor...
Noite santa que vem,
Rezando, constelada,
Curar, com mãos de sombra,
As chagas do sol-pôr.

A dor que em nós acende
Um íntimo luar.
Dor sofrida que lembra
A sombra irreal da Cruz.
A mágoa que se vê
No orvalho cintilar;
Frios suores da noite,
A braços com a luz.

A dor que nos embala,
Em sonhos de segredo,
E, em nosso coração,
Reza por nós, baixinho.
A dor piedosa, a dor
Que nos magoa a medo.
Dor que às lágrimas diz:
Tombai devagarinho.

A dor que veste e anima
Os ermos pinheirais,
Tão lívidos da Lua
E do cantar do mocho.
A dor que traz consigo
Os dias outonais,
E sobre mim desfolha,
À tarde, um lírio roxo.

A dor que é a própria essência
Oculta da Alegria;
Delicadeza de alma
E resplendor etéreo,
Que entorna, no silêncio,
As tintas da harmonia,
E rasga o véu que esconde
A imagem do Mistério.

A dor, pressentimento
Obscuro de outra vida...
Recôndito palpite
A despertar, em nós;
Confidências de Deus
Em língua nunca ouvida
E que parece ser
A nossa própria voz.

A dor que nos eleva
Ao misterioso Além...
A divina matéria
Astral duma oração.
A dor que tem presença
E vida... a dor-alguém;
Sombra de Deus, talvez,
Em nosso coração.

A dor em que se vê,
De súbito, raiar
O cântico primeiro
Ao sol dos passarinhos,
Quando faz sede ouvir
As fontes murmurar,
E o ermo ensombra ainda
O branco dos caminhos.

Dor maternal rezando
Em longes de ansiedade,
Uma prece divina
A alumiar os céus...
Dor acesa, emanando
Eterna claridade
E que é o mundo a subir,
Liberto, para Deus.

A Virgem Mãe da Dor
Que beija as outras dores
E as embala no seio,
A fim de adormecê-las.
A dor, penumbra azul
Crivada de esplendores;
Dor-silêncio caindo,
À noite, das estrelas.

Dor emigrada em mim,
Falando às ermas cousas
Que estremecem, vivendo,
Às horas do sol-posto...
E são almas da Luz
Sorrindo, milagrosas,
Nas lágrimas que vêm
Molhar meu frio rosto.

Almas, noivas de Deus;
Criaturas de outra vida,
Que passam a chorar
Na bruma entardecente.
E enfeitam-lhes a fronte,
Em sonhos esculpida,
As pétalas do sol,
Tombadas no poente.

A dor, vulto espectral
Do Poeta solitário...
O negro luar que exala
Um corpo todo aflito...
O suor de quem sobe
As fragas dum Calvário...
Sombra humana arrastando
O peso do Infinito.

A dor que é alma eterna
E triste da Natura,
E aos poetas inspira
O canto mais profundo.
A dor que surge em nós
Divina de ternura,
E dá novo sentido
Espiritual ao Mundo.

CANÇÃO FÚNEBRE

Que misterioso recorte
Esse da nossa figura,
Na alegria ou na amargura,
Mas, sobretudo, na morte!

É defunto remorso que descansa
Nos braços também mortos do Pecado...
Ó lívido esqueleto congelado
Do amor e da lembrança!
Tombada cruz...
Sinistra flor depois que emurcheceu!
Círio que outrora alumiou Jesus;
Cera inerte de máscara vazia,
Contente de fantástica alegria
Que é o sorriso da Dor que adormeceu.

Máscara morta! Gélida presença,
Nas tuas ermas formas, se condensa
O silêncio outonal e pálido das árvores,
O silêncio em relevo e lividez dos mármores,
E o silêncio divino e mais profundo
Em que as estrelas brilham, sobre o mundo...

Todos os ermos vultos da noitinha
Na mística paisagem pobrezinha,
Onde a Humildade se extasia em flor,
São como esboços infantis da Dor.

Mas, aí, o nosso rosto,
A argila mais trilhada e mais cavada,
De mais constantes lágrimas regada,
É a estátua já perfeita do Desgosto!
Desse antigo desgosto misterioso
Que de estrelas orvalha a escuridade
E em nosso olhar é sombra de saudade,
Tão melindrosa e frágil, a sorrir!
E, em nosso coração, é lírio a abrir,
Trémulo, receoso...
A dolorida graça,
O encanto que é divino porque passa
E, no esplendor celeste que ele encerra,
É mácula de terra...

Pobre e humano perfil que se apagou!
Amarelas feições que arrefeceram...
Barro enjeitando as formas que lhe deram,
Ninho que uma ave eterna abandonou!

Ó máscara de gelo e palidez!
Trágico busto em luar e solidão...
Olhos postos na noite do Infinito,
Boca estagnada em fúnebre mudez,
Outrora, numa voz em oração
E acesa no relâmpago dum grito!

Ó Dor em branca estátua glacial!
Ó lágrima final,
Ignota chama,
Cintilando
Velhas recordações,
Almas de avós, imagens, expressões,
Perante a nossa morte, despertando...
São vultos desse Espectro que, em nós, ama,

E, em nós, deseja e quer,
E de tão longe e tão mudado vem,
Que é presença ilusória de ninguém,
Sombra primordial do nosso ser...

Que misterioso recorte,
Esse da nossa figura,
Na alegria ou na amargura,
Mas, sobretudo, na morte!

ÁRIA DA MORTE

A ária da Morte vou cantando
Melancòlicamente,
Quando, de noite, o vento clamorando
É um medo que anda, no ar, a perseguir a gente...
Quando sombras e fantasmas
Nos cemitérios vagam às escuras...
E a podridão exala miasmas
E fogos-fátuos que incendeiam sepulturas.
E nas encruzilhadas
Há Bruxas e Demónios coruscantes,
Visões petrificadas,
Que gelam de pavor os ermos viandantes!
Quando nos arvoredos choram *luzes;*
Almas que, em vida mísera, roubaram...
E gritam, nos caminhos onde há cruzes,
Os espectros de quem ali assassinaram!
Quando nos pinheirais, de horror transidos,
Passam tropéis aéreos de ruídos...
Quando o silêncio vem reverdecer saudades
E a pálida penumbra esboça imensidades.

Ó donzelas, sou a Morte!
Vinde comigo bailar,
Sob a estrelinha do norte,
Aonde vos hei-de levar!

O medo, o outono, o luar,
Dançam comigo, às vezes,
Nas noites dos frios meses
Que dão ais de arripiar!

Vinde aos meus braços, donzelas!
Os meus beijos são estrelas
De queimar!
É pedra meu coração
De tanto amar!
Meus lábios são de pedra a rir escuridão;
Meus olhos, dois buracos a espreitar.

Adoro tanto as almas, que as consumo!
Ai de mim! Ai de mim! A face que eu beijar
É logo nódoa de fumo,
A voar!

O meu desejo é sombra que devora;
Perfil de lua nova, em aço, a lampejar...
Nem todo o sangue da Aurora
É capaz de o saciar!

Vinde a mim! Vinde a mim! Oh, que loucura!
Donzelas, quero amar!
Vinde sentir a trágica ternura
Destes braços mais fortes que os do mar!
Vinde neles gozar o espasmo da agonia,
Esse doido prazer, aceso, a crepitar,
Até nos converter em cinza fria!

Ó *rosas,* que o mês de Maio
Espalha, com relâmpagos, no ar!
Cravos de fogo a abrir, as *dálias* num desmaio;
Violetas que, de noite, os mortos vão cheirar!

E as *perpétuas* sequinhas de nascença,
Nas jarras dum altar...
Camélias onde a neve se condensa,
Tão alvas, que as macula o nosso olhar.
E os *goivos,* como círios, a alumiar
O eterno Esquecimento!
Ó flores que viveis, à sombra tumular,
E, ao cair da tarde, perfumais o vento!
Bem-me-queres, estrelas que dão luz,
Açucenas da Virgem a rezar;
Martírios descrevendo o drama de Jesus,
Lírios brancos benzendo a negra terra, ao luar.

Ó flores, sou a morte em formas vaporosas,
Caveira diluída em luz crepuscular...
Meu esqueleto, em nuvens lacrimosas,
Anda a voar, a voar...

Eu sou o outono, ó flores!
Dou-vos beijos e abraços de matar!
No túmulo do Ocaso, iluminado a dores,
Ireis a sepultar.

Como fantasmas açoutados,
As nuvens correm, a chorar...
E já cresce, no espaço, a delirar,
A música do inverno em frios sons molhados.

A noite aí vem, trilhando o Azul sombrio...
Ai, não tarda a nevar...
Eu sou a Morte, a Sombra, o eterno Frio
E tudo a minha fouce vai ceifar.

Ó alegres passarinhos
Doidos de sol, a gorjear!
Ou descansando em trémulos raminhos
Que vergam de ternura, sem quebrar.

Alminhas que a bela Aurora
Tanto gosta de alumiar,
E de quem Deus se enamora,
Quando, em Abril, levanta a pedra tumular.

Fugi, fugi de mim! Tudo de mim tem medo!
Sou ave de rapina, a crocitar!
À minha voz, congela a sombra do arvoredo;
Tomba em flocos de neve o choro do luar.

Fugi, fugi de mim!
Voai! Voai! Voai! Ide pousar
Nos astros, ninhos de oiro em místico Jardim,
Onde a luz, vossa irmã, veste asas para voar!

Ó poetas, numa aflição,
Numa loucura de alma, a interrogar
A pétrea esfinge que não quer falar
E de trevas inunda a Criação!

Vós que sois uma noite deslumbrada,
Sobre os mais altos montes, a pairar...
E às almas dais a forma consagrada,
Em que elas vão, enfim, sentir, viver, sonhar!

Intérpretes de Deus, Poetas, no mundo, a errar...
Figurações carnais do misterioso Amor...
Vultos do Drama eterno, em ermos, a cantar
E as Pessoas santíssimas da Dor!

Vós todos que habitais comigo ìntimamente,
E me tratais por tu, em vosso conversar;
E vindes para mim, sorrindo alegremente
Cobrir meus ossos nus de rosas de toucar!

Vós que fostes o espectro da Desgraça,
E o fantasma da Fome a uivar à lua, a uivar!
E a sombra do Trabalho a mendigar,
Deitando uns olhos mortos a quem passa.

Vós que tendes, no peito, o abismo do Infinito
E as lágrimas do mar!
E um pobre Deus aflito,
Seu próprio santo nome a blasfemar!

Vós todos que viveis num grande medo,
Numa alucinação de arrepiar,
Em que há mochos gritando em fúnebre arvoredo,
Frias tardes de outono e sinos a dobrar!

Figuras que eu avisto, à luz do céu,
Vultos do Acaso, a errar...
Sou o sono em que Deus contente adormeceu,
Cansado de criar.

HORA FINAL

Aí vem a noite... Sente-se crescer...
E um silêncio de estrelas aparece.
Quem é, quem é, meu Deus, que empalidece
E se cobre de cinzas, no meu ser?

Alma que se desprende numa prece...
Que suave e divino entardecer!
Como seria bom assim morrer...
Morrer, como a paisagem desfalece.

Morrer, quase a sorrir, devagarinho.
Estar ainda no mundo pobrezinho
E já pairar, sonhando, além dos céus.

Morrer, cair nos braços da ternura;
Morrer, fugir, enfim, à morte escura,
Sermos, enfim, na eterna paz de Deus!

ÍNDICE

ção, Pascoaes é muito mais um solitário que um homem convivente. Individualista estreme, exigente de autenticidade... repudia a personagem social que os outros nos levam a representar, a máscara em que nos anquilosamos; ...dá-se à contemplação, olha para dentro de si. Mas que descobre dentro de si? Além de imagens vácuas, algo de impalpável, que não consegue apreender.

«Todavia, o lado cristão, e até franciscano, da sua delicada sensibilidade leva-o a interessar-se pelas dores e injustiças do mundo. Se virmos bem, há uma constante social na sua obra... uma simpatia universal, um amor que se estende, fraterno, a todas as criaturas, abraçando os pobres e os tristes do mesmo modo que as árvores, as pedras humildes e as estrelas. Amor de natureza religiosa, radicado num profundo respeito pelo mistério de todas as almas.

«Longamente, obsidiantemente, até ao último alento, Pascoaes há-de reelaborar os seus temas, aprofundar... a sua «filosofia» ou concepção intuitiva do Universo... Todas as «verdades» que Pascoaes proclama, em prosa e verso, com a segurança dum iluminado, não passam, afinal, de momentos dum processo dialéctico sem fim.

«Se as suas visões são quiméricas, Pascoaes professou toda a vida a Quimera com uma fidelidade assombrosa, marca duma excepcional qualidade humana... Não veio trazer-nos «soluções», mas «inquietação».

(Do **Prefácio** do Prof. Jacinto do Prado Coelho).

O 2.° volume desta edição magistral, concebida pelo Prof. Dr. Jacinto do PRADO COELHO, compreenderá, conforme o critério cronológico adoptado para esta série:

À VENTURA
JESUS E PÃ
PARA A LUZ
VIDA ETÉREA

A publicar brevemente

Imprescindíveis na biblioteca do homem culto, as Obras Completas do mestre do «saudosismo»

TEIXEIRA DE PASCOAES

uma das mais altas figuras da nossa literatura.